



CATARINA MARIA
SANCHES AZENHA

A Aprendizagem Cooperativa como incentivo à participação dos alunos.

Um estudo numa turma do 1º Ciclo do
Ensino Básico.

Relatório do Projeto de Investigação
do Mestrado em Educação Pré-
Escolar e Ensino do 1º Ciclo do
Ensino Básico

Dezembro de 2021



Constituição do Júri

Presidente: Professora Doutora Mariana Abrantes de Oliveira Pinto Alte
da Veiga

Arguente: Professora Doutora Elisabete Maria Xavier Vieira Gomes

Orientadora: Professora Doutora Ana Luísa Rebelo de Oliveira Pires

Índice

Agradecimentos.....	4
Resumo.....	6
Abstract.....	7
Introdução	8
Capítulo I – Enquadramento teórico	10
1. Aprendizagem Cooperativa	10
1.1. História da Aprendizagem Cooperativa	10
1.2. Conceito de Aprendizagem Cooperativa	12
2. A aprendizagem cooperativa e a interação social	18
3. Benefícios da aprendizagem cooperativa.....	20
4. O papel do professor e da organização da sala de aula para a promoção do trabalho cooperativo.....	23
Capítulo II – Metodologia	27
1. Identificação da problemática em estudo e justificação da escolha.....	27
1.1. Método e objetivos da investigação	28
2. Apresentação dos procedimentos de recolha e tratamento de dados	31
2.1. Técnicas de recolha de dados e instrumentos de registo:	31
3. Tratamento e análise dos dados recolhidos	39
Capítulo III – Descrição e análise da intervenção	41
a. Contexto do desenvolvimento do projeto	41
Caraterização da turma.....	43

b.	Contextualização do projeto de investigação	46
1.	Descrição e análise das tarefas realizadas.....	48
1.1.	Introdução ao tema (03.05.2021).....	48
1.2.	“Desenhos às cegas” (12.05.2021).....	54
1.3.	“Vamos construir um cartaz” (18.05.2021)	57
1.4.	“Jogo da Memória” (24.05.2021)	60
1.5.	“Jogo Kula” (02.06.2021).....	65
1.6.	Conceções acerca do trabalho cooperativo	69
	Capítulo IV – Considerações finais	76
	Bibliografia	82
	Apêndices.....	85
	Apêndice 1 – Guião da entrevista à professora Cooperante	85
	Apêndice 2 – Quadro das questões e respostas da professora cooperante à entrevista realizada	88
	Apêndice 3 – Guião de entrevista às crianças	93
	Apêndice 4 – Quadro das questões e respostas das crianças à entrevista realizada.....	95
	Apêndice 5 – Grelhas de autoavaliação do trabalho desenvolvido	100
	Apêndice 6 – Grelha de observação do comportamento e participação dos alunos	101
	Apêndice 7 – Grelha de avaliação da leitura.....	102
	Apêndice 8 – Grelha de avaliação do comportamento	103
	Apêndice 9 – Grelha de verificação dos trabalhos de casa.....	104
	Apêndice 10 – Organização da sala de aula.....	105

Apêndice 11 – Atividade “vamos falar sobre cooperação” (imagens utilizadas)	107
Apêndice 12 – Atividade “desenho às cegas”	110
Apêndice 13 – Atividade “desenho às cegas” (produções dos alunos)	111
Apêndice 14 – Atividade “vamos fazer um cartaz”	112
.....	113
Apêndice 15 – Atividade “jogo da memória”	114
Apêndice 16 – Atividade “jogo <i>Kula</i> ” (organização da turma).....	116
Apêndice 17 – Atividade “jogo <i>Kula</i> ” (resultados do jogo).....	118
Apêndice 18 – Atividade “jogo <i>Kula</i> ” (exemplares de cartas utilizadas).....	119
.....	119
.....	119
Apêndice 19 – Grelhas de autoavaliação do trabalho desenvolvidos preenchidas pelos alunos (03.05).....	120
Apêndice 20 – Grelhas de autoavaliação do trabalho desenvolvidos preenchidas pelos alunos (18.05).....	124
Apêndice 21 – Grelhas de autoavaliação do trabalho desenvolvidos preenchidas pelos alunos (02.06).....	128
Apêndice 22 – Grelha de observação do trabalho desenvolvido preenchida pela estagiária (03.05).....	131
Apêndice 23 – Grelha de observação do trabalho desenvolvido preenchida pela estagiária (12-05)	132
Apêndice 24 – Grelha de observação do trabalho desenvolvido preenchida pela estagiária (18.05)	133

Agradecimentos

Ao longo do meu percurso académico foram várias as pessoas que me apoiaram e estenderam a mão quando necessitei e, por isso, esta conquista também lhes pertence.

Em primeiro lugar, quero agradecer aos meus pais, que desde o início sempre ajudaram, dando-me certezas e força para seguir o meu sonho, sempre com a motivação de que o meu trabalho irá ser reconhecido. A minha mãe teve um papel fundamental nestes 5 anos de faculdade e sempre foi o meu ombro amigo, a ti, dedico-te esta vitória.

Ao meu padrinho Carlos, obrigada. Obrigada por acreditares em mim e por fazeres os possíveis para que este sonho se realizasse. Obrigada por estares a meu lado a celebrar todas as minhas conquistas, és sem dúvida um ser especial e que faz a diferença na minha vida.

Aos meus irmãos, que mal sabem eles, mas tanto contribuíram para o ser humano que sou hoje em dia, em especial, à minha irmã Lara que fez de mim uma menina mulher, que me proporcionou os momentos mais felizes da minha vida, que me fez ver que a vida começa ainda na barriga das nossas mães! A ti, meu amor, obrigada por colorires os meus dias.

Um obrigada muito especial, à minha bisavó Luísa, que sempre contribuiu para que eu fosse uma pessoa melhor, sempre acreditou em mim e presenciou todas as minhas conquistas. Esta também é tua! Aos meus anjinhos, avó Manuela, avô Carlos e avô Joaquim, sei que sempre acompanharam este meu percurso, obrigada.

Obrigada às minhas avós e às minhas tias que falam de mim como um motivo de orgulho e que me fazem querer ser melhor. A toda a minha família e amigos, os meus sinceros agradecimentos, por me ajudarem a seguir em frente e por acompanharem cada fase, com toda a dedicação.

À minha melhor amiga, Eloísa, que foi das pessoas mais importantes nestes últimos 5 anos e que nunca me deixou baixar os braços, sempre me motivou e fez-me crer que eu

era capaz, obrigada! Obrigada ao Neni, o meu companheiro, que tantas gargalhadas me oferece e que me dá alento para continuar este percurso.

Ao meu namorado, Filipe, que tanta paciência tem tido para ler os meus trabalhos, para me dar a sua opinião, para me motivar a fazer sempre mais e melhor. Muito obrigada, pela dedicação, pelo apoio e por nunca me largares a mão.

Obrigada às minhas colegas de trabalho, Cláudia e Lúcia, que sempre me ajudaram e partilharam conhecimentos comigo, que tiveram peso na minha prática e também na maneira como olho para a educação.

Às minhas colegas de curso, tanto da Licenciatura como do Mestrado, obrigada por fazerem parte do meu percurso e pelas gargalhadas.

Um agradecimento especial, pela dedicação, disponibilidade e empenho à professora Ana Luísa Pires, que orientou e auxiliou na elaboração do projeto.

Por fim, mas não menos importante, resta-me agradecer às professoras e educadoras cooperantes que me receberam com todo o apoio nas suas salas e, claro, às crianças, que tanto me ajudaram e foram o elemento essencial para a execução desta investigação.

Resumo

O trabalho que desenvolvi teve como foco compreender se o trabalho cooperativo poderia contribuir para a participação, motivação e o desenvolvimento de aprendizagens. Fatores como: o ambiente positivo no grupo, a comunicação e o relacionamento interpessoal, a responsabilidade, o respeito e a cooperação tiveram um grande peso no decorrer do projeto. As atividades realizadas baseavam-se, sobretudo, no desenvolvimento e na aquisição das competências sociais – que são um elemento fulcral para a vida em sociedade.

Com este projeto de investigação pretendia descrever e fazer uma análise interpretativa das intervenções ocorridas ao longo do contexto de estágio, realizado durante o Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico. A metodologia utilizada enquadra-se numa conceção qualitativa, em que a observação participante foi técnica mais relevante. Recolhi os dados, recorrendo a instrumentos como: as notas de campo, os inquéritos por entrevista - para identificar as conceções da professora e dos alunos sobre o trabalho cooperativo - e os registos áudio e fotográficos. O Movimento da Escola Moderna (MEM) assumiu-se como uma fonte de inspiração, pois os seus alicerces assentam na comunicação e no trabalho cooperativo.

Para orientar a minha investigação e sustentar o meu estudo, coloquei a seguinte questão:

- Que estratégias de trabalho cooperativo se podem implementar numa turma do 1º ciclo do Ensino Básico, de modo a incentivar a participação dos alunos?

Utilizei diversas estratégias e instrumentos de trabalho que facilitaram a participação dos alunos e as intervenções descritas são aquelas que considero que contribuíram de forma muito positiva para a minha investigação e também para o processo de aprendizagem das crianças.

Palavras-chave: Aprendizagem cooperativa, competências sociais, processo de ensino-aprendizagem, 1º ciclo do ensino básico.

Abstract

The work I developed focused on understanding whether cooperative work could contribute to participation, motivation, and the learning development. Factors such as: the positive atmosphere in the group, communication and interpersonal relationships, responsibility, respect, and cooperation were of great importance throughout the project. The activities carried out were based, above all, on the development and acquisition of social skills – which are a key element for life in society.

With this research project, I intended to describe and perform an interpretive analysis of the interventions that took place during the internship context, carried out during the Master's Degree in Pre-School Education and Teaching in the 1st Cycle of Basic Education. The methodology used is part of a qualitative concept, in which participant observation was the most relevant technique. I collected the data, using instruments such as: field notes, interview surveys - to identify the teacher's and students' conceptions of cooperative work - and audio and photographic records. The “*Movimento da Escola Moderna*” (MEM) assumed itself as a source of inspiration, as its foundations are based on communication and cooperative work.

To guide my investigation and support my study, I asked the following question:

What cooperative work strategies can be implemented in a class of the 1st cycle of Basic Education, to encourage student participation?

I used different strategies and work tools that facilitated the students' participation and the interventions described are those that I consider having contributed in a very positive way to my research and to the children's learning process.

Keywords: Cooperative learning, social competences, teaching-learning process, 1st cycle of basic education.

Introdução

O presente relatório foi elaborado no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal. A sua realização iniciou-se na unidade curricular de Seminário de Investigação sobre as Práticas Pedagógicas. Numa primeira abordagem, defini a temática que pretendia abordar e quais os objetivos da investigação.

Em relação à escolha do tema, considero que sempre foi um assunto que me chamou a atenção, no entanto, com o desenrolar dos vários estágios e com a experiência que adquiri nesses contextos, percebi realmente que é uma temática muito relevante e que deve ser abordada junto da comunidade escolar. Trabalhar a importância da cooperação com os alunos sempre foi um interesse e um gosto pessoal, por considerar que é importante sabermos respeitar e saber ouvir o colega, partilhar ideias, ser solidário, entre outras competências sociais – que se assumem, desde o início, como uma característica relevante da aprendizagem cooperativa.

Na minha perspetiva, é urgente educarmos para uma sociedade positiva e cooperativa, devendo começar logo desde a educação pré-escolar para que, quando as crianças chegarem à escola sejam capazes de compreender a importância de trabalhar e cooperar com os pares e com a turma. A importância de estabelecer relações interpessoais desde crianças assume uma grande relevância no futuro de cada um. Tal como referem Lopes & Silva (2009, p. 4),

A aplicação de técnicas de aprendizagem cooperativa na educação formal é importante não só para a obtenção de ganhos em relação ao próprio processo de ensino-aprendizagem, mas também na preparação dos indivíduos para situações futuras no ambiente de trabalho, onde cada vez mais atividades exigem pessoas aptas para trabalhar em grupo.

Assim sendo, defendo que é relevante transmitir às crianças a importância do trabalho cooperativo, seja ele na dinamização de um jogo, na aprendizagem dos conteúdos programáticos ou até mesmo em debates e discussões de ideias, por exemplo. De forma a dar resposta às minhas questões, decidi pesquisar acerca do tema e de que modo, poderia

eu, enquanto futura professora de 1º Ciclo, proporcionar às crianças oportunidades para trabalhar em equipa independentemente da aprendizagem que estejamos a realizar.

Portanto, escolhi o tema “A Aprendizagem Cooperativa como incentivo à participação dos alunos.”, com o objetivo de dar resposta à questão de investigação “Que estratégias de trabalho cooperativo se podem implementar numa turma do 1º ciclo do Ensino Básico, de modo a incentivar a participação dos alunos?”

O relatório está dividido em quatro capítulos. Sendo que, no primeiro capítulo, exponho o quadro teórico, onde apresento a fundamentação teórica que susteve o meu estudo. Este capítulo encontra-se dividido em quatro subtemas – a história da aprendizagem cooperativa e o conceito de aprendizagem cooperativa; a importância da relação entre a aprendizagem cooperativa e a interação social; os benefícios da aprendizagem cooperativa e, por fim, o papel do professor/a ao utilizar a estratégia da aprendizagem cooperativa.

No segundo capítulo, começo por apresentar a problemática em estudo, abordando a investigação qualitativa, assim como os procedimentos de recolha e tratamento de dados, explicitando quais as técnicas de recolha de dados e instrumentos de registo utilizados. Apresento o método de tratamento e análise dos dados recolhidos e, por fim, apresento o contexto de estágio.

O terceiro capítulo foca-se na apresentação e análise das atividades realizadas ao longo do projeto, descrevendo-as em pormenor e fazendo um balanço reflexivo das mesmas.

No quarto e último capítulo, apresento as considerações finais com o objetivo de sintetizar o meu trabalho, apresentando as principais conclusões do relatório. Falo sobre a gestão de expectativas, o contributo de todos os intervenientes e das diversas aprendizagens realizadas. Como futura docente, é importante analisar e fazer um balanço acerca das minhas perspetivas e das experiências vividas.

Por fim, apresento a bibliografia utilizada ao longo do projeto e da realização do relatório e os apêndices.

Capítulo I – Enquadramento teórico

Neste capítulo irei focar-me na apresentação do quadro teórico deste relatório. Irei apresentar brevemente a história da Aprendizagem Cooperativa – onde nasceu, quem foram os impulsionadores, quando chegou a Portugal, entre outros aspetos. De seguida, explicito o conceito de aprendizagem cooperativa, a partir do contributo de vários autores de referência. Seguidamente, reforço a importância da relação entre a aprendizagem cooperativa e a interação social, salientando o papel do Vygotsky e do Movimento da Escola Moderna (MEM). Dando continuação ao tema, abordo os benefícios da Aprendizagem Cooperativa e, por fim, analiso o papel do professor/a, que é central neste processo.

1. Aprendizagem Cooperativa

1.1. História da Aprendizagem Cooperativa

A aprendizagem cooperativa é um conceito antigo e, durante vários anos fizeram-se várias referências à importância do trabalho cooperativo. Testemunhos como a Bíblia e o Talmude explicitam, na sua obra, a importância e a necessidade de existir colaboração entre as pessoas. Faz-se referência a um excerto do antigo testamento, no livro Eclesiastes (séc. III) em relação à vida comum e à vida solitária, que diz: “É melhor serem dois do que um só, obterão mais rendimento no seu trabalho. Se um cair, o outro levanta-o. Mas aí do homem que está só: se cair não há ninguém para o levantar! (...)” (Lopes & Silva, 2009, p. 7).

No Talmude, “estabelece-se que para aprender se deve ter um companheiro que facilite a aprendizagem e que por sua vez este facilita a aprendizagem do outro”; na Grécia, o filósofo Sócrates “ensinava os discípulos em pequenos grupos”; Quintiliano “propõe um programa de educação em que trata dos benefícios que resultam da situação dos alunos ensinarem mutuamente” (Lopes & Silva, 2009, p. 7). Ao longo dos anos, foram vários os pedagogos e filósofos que se focaram em compreender em que consistia a estratégia de ensino mútuo. Andrew Bell, nos finais da Idade Moderna, em 1797, publicou a obra *Uma Experiência em Educação*, “em que relatava e dava a conhecer, em Inglaterra, o método de ensino recíproco ou mútuo” (Lopes & Silva, 2009, p. 8).

Joseph Lancaster generalizou, em Inglaterra, o sistema de ensino mútuo. Foi em 1806 que se fundou, em Nova Iorque, uma escola lancasteriana, o movimento designado de aprendizagem cooperativa, que chegou assim aos Estados Unidos da América, surgindo como alternativa ao ensino tradicional, que assenta, sobretudo, no desenvolvimento individual e competitivo dos alunos (Lopes & Silva, 2009). Em Portugal, o denominado “ensino mútuo” surgiu em 1815, pelas escolas militares de primeiras letras. João Crisóstomo de Couto e Melo teve o trabalho de adaptar esta abordagem de ensino ao ensino português e criou a maioria das regras, manuais e diversos materiais que são utilizados nas escolas militares. Um ano depois, em 1816, foi criada em Belém, Lisboa, a primeira escola de ensino mútuo que durou até 1823 (Lopes & Silva, 2009).

John Dewey, filósofo e pedagogo, muito se debateu sobre este tema e, durante o seu percurso “incorporou no seu projeto de ensino a utilização de grupos cooperativos” (Lopes & Silva, 2009, p. 9). Defendia que o professor, além de ensinar, também educa os alunos para uma vida social justa, para que saibam viver em comunidade. Dewey entende que “o processo educativo tem duas vertentes: uma psicológica, que consiste no desenvolvimento de todas as capacidades do indivíduo, e uma social, centrada na preparação do indivíduo para que possa desenvolver as tarefas que lhe correspondam na sociedade”. Defendia, ainda, que era imprescindível o ensino ter como base os interesses reais da sociedade, isto é, “a escola deve ser um ambiente de vida e trabalho onde tanto os professores como os alunos, numa atividade partilhada, aprendem e ensinam ao mesmo tempo” (Lopes & Silva, 2009, p. 9).

Apesar do aparecimento de novas ideias e estratégias, as escolas continuam a basear a sua atividade numa perspetiva que é caracterizada pela competição. Como defendem Lopes & Silva (2009, p. IX),

A utilização maioritária de uma metodologia tradicional (...) conduz ao individualismo e à competição entre os alunos, reforça a exclusão social e os sentimentos inadaptados dos que obtêm menor aproveitamento e não prepara os jovens para os desafios e as exigências atuais da sociedade.

No entanto, é importante referir que apesar do ensino ser dominado por uma pedagogia que privilegia a individualidade e a competição, existiram alguns movimentos que defendiam o oposto. Em Portugal, foi o Movimento da Escola Moderna (MEM),

constituído no sindicato Nacional de Professores, em 1966, cujo fundador foi Sérgio Niza (Niza, 1998, p. 1).

Este movimento foi marcado pela inspiração na pedagogia de Freinet, que “assegura a autenticidade na comunicação, promove e dá sentido social às aprendizagens escolares” (Niza, 1998, p. 3). Sendo que, tal como refere Niza (1998, p. 3),

a comunicação é um dos mecanismos centrais da pedagogia do MEM enquanto fator de desenvolvimento mental e de formação social. Decorre da condição de se aceitar, na escola, como fundamental, a criação de um clima de livre expressão dos alunos, para que se não sintam policiados nas suas falas, nos seus escritos ou nas atividades representativas e artísticas em que se envolvem.

O Movimento da Escola Moderna apresenta conceitos relacionados com o trabalho cooperativo, valorizando a cooperação como sendo um “processo educativo em que os alunos trabalham juntos (em pequeno grupo ou a pares) para atingirem um objetivo comum” (Niza, 1998, p. 4). No Movimento da Escola Moderna, apresentam-se, também, ideias relativas a uma organização democrática do trabalho nas escolas, “entre professores e alunos: os projetos de conhecimento e de intervenção são concebidos e desenvolvidos democraticamente, em trabalho contratualizado de cooperação.” (Niza, 1998, p. 3).

1.2. Conceito de Aprendizagem Cooperativa

A abordagem da aprendizagem cooperativa defende a participação de pequenos grupos heterogêneos em que os seus elementos trabalham com o fim de atingir dois principais objetivos: “cooperar para maximizar a sua aprendizagem e a aprendizagem dos restantes elementos do grupo, e cooperar para aprenderem a trabalhar em grupo e a ser solidários” (Silva, et al., 2018, p. 15).

Johnson, Johnson e Stanne (2000:1), citados por Lopes & Silva (2009, p. 3) referem-se à aprendizagem cooperativa como “um conjunto de métodos de aprendizagem cooperativa desde o mais direto (técnicas) até ao mais conceptual (macroestratégias)”.

Segundo Fatman e Kessler, citados por Lopes & Silva (2009, p. 3), a aprendizagem cooperativa define-se como “trabalho em grupo que se estrutura cuidadosamente para que

todos os alunos interajam, troquem informações e possam ser avaliados de forma individual pelo seu trabalho”. Segundo Niza (1998, p. 4),

o que distingue fundamentalmente a aprendizagem cooperativa é o facto de que o sucesso de um aluno contribui para o sucesso do conjunto dos membros do grupo. Este mecanismo de facilitação social adquire tanto maior eficácia quanto mais conscientes forem os membros cooperantes desta regra estrutural que os une. É a consciência das vantagens multiplicadoras da interajuda que determina a superioridade das suas realizações.

Para Johnson, Johnson e Holubec, citados por Lopes & Silva (2009, p. 3) a aprendizagem cooperativa só é possível quando constituídos grupos pequenos, compostos por elementos com diferentes níveis de desenvolvimento e diversas capacidades, sendo que as atividades realizadas pretendem que todos consigam, igualmente, compreender o assunto a trabalhar.

Um dos aspetos que é bastante relevante na aprendizagem cooperativa é mesmo a constituição dos grupos, que devem ser heterogéneos e pequenos, verificando-se assim, que a diversidade é um dos aspetos cruciais nesta metodologia, pois possibilita interações e uma partilha mais rica e diversificada que é vista como uma mais-valia. (Carromeu, 2017, p. 18).

A formação de grupos de trabalho cooperativo, oferece às crianças a possibilidade de serem figuras centrais no processo de aprendizagem, assumindo assim que “o professor não é o único que “ensina”, mas que, quando se trata de aprender, os alunos em pequenos grupos cooperativos são capazes de “ensinar-se” mutuamente”. (Silva et al., 2018, p. 16). O trabalho em grupo permite que,

(...) através da interação e da troca de informações, cada um deles consolide e domine certos conceitos fundamentais para a sua aprendizagem, sendo que tanto aprende o aluno que explica o assunto, como os restantes colegas que ouvem a sua explicação. (Jacó, 2012, p. 8).

Ao implementar esta estratégia, é importante que os intervenientes compreendam que a participação individual de cada um deles vai influenciar o grupo e o trabalho desenvolvido. É relevante que se valorize as individualidades de cada elemento e que, as

mesmas, sejam vistas como potenciadoras de novas aprendizagens, que, ao serem desenvolvidas em pequenos grupos, exigem que os alunos consigam estimular os colegas, discutir os temas, expor as suas ideias e escutarem-se mutuamente. Um trabalho baseado na cooperação exige que os elementos do grupo compreendam que têm de aprender juntos, focando-se na sua aprendizagem, mas também auxiliando os colegas a aprender. Esta interação desenvolverá várias competências, entre elas sociais, cognitivas e cooperativas e, só deste modo, conseguirão desenvolver um trabalho eficaz. (Silva et al., 2018, p. 16).

Considera-se então que,

o processo de aprendizagem não é apenas aceder a ou reproduzir um conjunto de termos e conceitos transmitidos pelo professor, é sim, estimular o contacto e a comunicação entre todos, a autonomia dos alunos, a autoestima e as relações afetivas e sociais entre alunos e entre estes e o professor. (Matos, 2011, p. 22)

O desenvolvimento de estratégias de aprendizagem cooperativa, permitem o amadurecimento da autonomia e um melhor desempenho nas atividades, pois ao trabalharem em grupo estão a desenvolver habilidades sociais – visíveis nas relações interpessoais – e a aprender de um modo mais intuitivo, dinâmico e envolvente (Moreira, 2019, p. 3).

Em suma, tal como demonstram Silva et al. (2018, p. 16),

A Aprendizagem Cooperativa deve ser entendida como um conjunto de métodos que permite organizar e conduzir o ensino e a aprendizagem na sala de aula, para que os alunos assumam diferentes papéis e aprendam a partilhar entre si o conhecimento e as tarefas que conduzem à aprendizagem.

Para que os alunos sejam capazes de realizar um trabalho cooperativo é relevante que percebam que “aprender de forma cooperativa implica aprender com recurso ao trabalho em grupo” (Silva et al., 2018, p. 16). Para que tal seja possível, o trabalho a desenvolver deve assentar em cinco pilares, definidos por autores de referência, sendo eles: a interdependência positiva, a interação face a face, a responsabilidade individual e grupal, as competências interpessoais e de grupo e a avaliação e reflexão do trabalho cooperativo.

A interdependência positiva:

Assumindo-se como o centro da aprendizagem cooperativa, a interdependência positiva “é a sensação que se tem de se estar dependente dos outros de modo que não se consegue ser bem-sucedido se os outros também não o forem” (Silva et al., 2018, p. 17).

Sendo o primeiro e o principal elemento da aprendizagem cooperativa, o seu foco é que os alunos se entrem ajudem para aprenderem e “a interdependência positiva cria situações em que os alunos trabalham em conjunto, em pequenos grupos, para maximizar a aprendizagem de todos os membros, partilhando os recursos, dando apoio mútuo e celebrando juntos o sucesso.” (Lopes & Silva, 2009, p. 16).

Johnson, Johnson e Holubec (1999), citados por Lopes & Silva (2009, p. 16), afirmam que “sem interdependência positiva, não há cooperação”.

Esta característica está ligada à participação e influência de cada elemento do grupo, pois é relevante que compreendam que todos os elementos do grupo devem ser capazes de atingir o sucesso e, espera-se que, assim, os alunos estejam mais motivados para atingir os objetivos propostos. É importante que o grupo cooperativo tenha em mente expressões como “O meu ganho é o vosso ganho; Eu não consigo fazer isto sem a vossa ajuda! Nós trabalhamos como companheiros ou como uma equipa; Eu preciso da tua ajuda e tu precisas da minha ajuda”, (Lopes & Silva, 2009, p. 17), só deste modo conseguirão perceber a importância da interdependência positiva e a sua relação com a aprendizagem cooperativa.

Podem existir, dentro dos grupos cooperativos, diversas formas de interdependência: interdependência de objetivos, positiva de tarefas, de recursos, de identidade, de papéis e de recompensas.

- ✓ A interdependência de objetivos está relacionada, tal como o nome indica, com os objetivos estabelecidos pelo grupo, que requerem a participação e o empenho de todos os elementos.
- ✓ A interdependência positiva de tarefas, diz respeito à distribuição do trabalho, de modo que, todos os elementos tenham responsabilidade na realização do mesmo.

- ✓ Já a interdependência de recursos, refere-se à partilha de materiais utilizados para o desenvolvimento das tarefas.
- ✓ A interdependência de identidade, a meu ver, é das mais relevantes, pois “tem por base as relações pessoais que os diferentes elementos do grupo estabelecem entre si”. Para que se consiga atingir esta característica é importante que os grupos de trabalho se mantenham por algum tempo, com o objetivo de estreitarem as relações pessoais.
- ✓ A interdependência de papéis indica a atribuição de papéis aos elementos do grupo, cada um sabe o que tem de fazer e empenha-se somente na sua tarefa, para que, posteriormente, discuta com os colegas, juntando as várias partes;
- ✓ Por fim, a interdependência de recompensas, tem como finalidade “reconhecer o esforço dos alunos para aprender e promover a aprendizagem dos colegas de grupo.” (Silva et al., 2018, p. 17).

A interação face a face:

A interação estimuladora preferencialmente face a face, “é a condição essencial para se passar do trabalho de grupo para o trabalho em grupo.”(Silva et al., 2018, p. 23). Espera-se que cada elemento do grupo participe e promova a aprendizagem e o bom funcionamento do grupo “através da ajuda e apoio mútuos e da estimulação dos reforços que cada um faz para aprender.” (Silva et al., 2018, p. 23).

Esta característica baseia-se no incentivo e na entreajuda entre os vários elementos do grupo; na partilha de ideias, pontos de vista e estratégias de aprendizagem, para que consigam encontrar a melhor forma de realizar as tarefas; no esforço comum com o objetivo de alcançarem os objetivos estipulados pelo grupo e na confiança entre todos os elementos. (Silva et al., 2018). Os vários elementos do grupo irão beneficiar com o desenvolvimento deste trabalho, tanto a nível pessoal como a nível de rendimento escolar. Os alunos ao trabalharem em conjunto estão a estimular as relações pessoais e a envolverem-se nas aprendizagens uns dos outros (Lopes & Silva, 2009).

Cada ponto tem o seu peso no trabalho desenvolvido pelos grupos cooperativos, mas “é a interação face a face que efetiva as possibilidades de que os alunos trabalhem em conjunto, promovam o sucesso uns dos outros e estabeleçam as relações pessoais que são essenciais para o desenvolvimento dos valores pluralistas” (Lopes & Silva, 2009, p. 18).

A responsabilidade individual e grupal:

Apesar de se tratar de um trabalho em grupo, é necessário que, individualmente, todos os elementos se empenham de igual modo para que consigam alcançar os objetivos estabelecidos. Assim sendo, o trabalho divide-se pelos membros e cada um fica responsável por realizar bem a sua parte da tarefa.

O trabalho deve estar bem dividido para que todos os elementos tenham responsabilidade individual e para que não se aproveitem do trabalho do colega, pois tal como defendem Lopes & Silva (2009, p. 17), “o objetivo dos grupos de aprendizagem cooperativa é fortalecer cada membro individual, isto é, que os alunos aprendam juntos para poderem sair-se melhor como indivíduos.”.

As competências interpessoais e de grupo:

Esta é uma das características que mais valoriza as competências sociais, pois sem elas “não se pode garantir um bom ambiente de aprendizagem nem um correto funcionamento do grupo” (Silva et al., 2018, p. 25). As competências sociais são fulcrais para o desenvolvimento pessoal de cada aluno, entre elas, selecionei cinco que considero muito relevantes – ouvir atentamente os colegas, aceitar as opiniões dos outros, discordar de maneira educada, partilhar materiais e ideias e encorajar os colegas (Silva et al., 2018).

Os alunos devem compreender que esta característica é tão relevante quanto as outras e, perceberem que a aquisição de competências sociais tem tanto peso como a aprendizagem dos conteúdos curriculares das várias disciplinas. Lopes & Silva (2009, p. 17) referem que a aprendizagem cooperativa é mais complexa que a competitiva ou individualista pois “(...) exige que os alunos aprendam não só as matérias escolares (execução de tarefas), mas também as práticas interpessoais e grupais necessárias para funcionar como parte de um grupo (trabalho de equipa).”.

Por fim, de referir que “a falta de competências sociais é provavelmente o fator que mais contribui para a falta de sucesso académico dos grupos” (Candler (2015), citado por Lopes & Silva (2009, p. 19).

A avaliação e reflexão do trabalho cooperativo:

Tal como em todas as tarefas que se vão desenvolvendo individualmente, as atividades em grupo não devem prescindir de uma avaliação, tanto individual como grupal. É importante que os alunos sejam capazes de avaliar a sua participação e empenho na atividade e também, avaliar o grupo e o seu funcionamento. Como referem Lopes & Silva (2009, p. 19), “esta avaliação tem lugar quando os membros do grupo analisam em que medida estão a alcançar as metas e mantêm relações de trabalho eficazes” e “os alunos têm de avaliar o seu desempenho e o dos colegas no que respeita às aprendizagens das matérias escolares e à utilização das competências sociais.” (Silva et al., 2018, p. 27).

2. A aprendizagem cooperativa e a interação social

O trabalho cooperativo ajuda a desenvolver as competências sociais, pois as crianças ao trabalhar com os colegas estão a conhecer-se, a aprender e, posteriormente, a desenvolverem a sua identidade. O desenvolvimento destas competências permite que, através da interação e do seu desenvolvimento, se formem adultos capazes de se integrarem e viver em sociedade.

Para Vygotsky, o pensamento e a linguagem estão interligados, sendo que, a “linguagem é considerada como instrumento mais complexo para viabilizar a comunicação, a vida em sociedade”, o que significa que “sem linguagem, o ser humano não é social, nem histórico, nem cultural.” (Rabello & Passos, n.d., p. 8).

Vygotsky, “foi o primeiro psicólogo moderno a sugerir os mecanismos pelos quais a cultura torna-se parte da natureza de cada pessoa ao insistir que as funções psicológicas são um produto de atividade cerebral.” (Rabello & Passos, n.d., p. 4). Vygotsky apresentou uma explicação acerca da interação social como sendo um mecanismo de desenvolvimento e potenciador da aprendizagem. Para o psicólogo, a “questão central é a aquisição de conhecimentos pela interação do sujeito com o meio”, sendo que cada indivíduo deve assumir uma postura interativa, “pois adquire conhecimentos a partir de relações intra e interpessoais e de troca com o meio”. (Rabello & Passos, n.d., p. 4).

Para Vygotsky, “não é suficiente ter todo o aparato biológico da espécie para realizar uma tarefa se o indivíduo não participa de ambientes e práticas específicas que propiciem esta aprendizagem”, ou seja, é necessário que se estimule as competências sociais das crianças e, a melhor maneira de o fazer, é realizar atividades em que as crianças trabalhem com outros indivíduos e, sendo que a escola é um dos locais onde as crianças passam mais tempo, os professores são os grandes responsáveis pelo processo de ensino-aprendizagem que “envolve diretamente a interação entre sujeitos” (Rabello & Passos, n.d., p. 6).

Por fim, é de ressaltar que, tal como referem Neves & Damiani (2006, p. 6), Vygotsky “considera que a consciência é engendrada no social, a partir das relações que os homens estabelecem entre si, por meio de uma atividade sócio, portanto, pela mediação da linguagem.”

Este processo de ensino-aprendizagem, remete-nos ao conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), que diz respeito à “distância entre o nível de desenvolvimento real, ou seja, determinado pela capacidade de resolver problemas independentemente, e o nível de desenvolvimento proximal, demarcado pela capacidade de solucionar problemas com ajuda de um parceiro mais experiente.” (Rabello & Passos, n.d., p. 6).

As aprendizagens ocorridas na Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) têm uma grande relevância no desenvolvimento pessoal de cada criança. O desenvolvimento está automaticamente ligado à aprendizagem e, desse modo, diz-se que,

tais processos são indissociáveis. É justamente nesta zona de desenvolvimento proximal que a aprendizagem vai ocorrer. A função de um educador escolar, por exemplo, seria, então, a de favorecer esta aprendizagem, servindo de mediador entre a criança e o mundo. (Rabello & Passos, n.d., p. 6)

O trabalho a pares ou/e em grupo, permitirão assim o desenvolvimento do aluno, pois ao partilharem conhecimento estão, implicitamente, a organizar mentalmente as suas ideias e o conteúdo em estudo, é necessário que realizem um trabalho cooperativo em que todos participem, assimilando e partilhando a informação.

Dentro das várias competências sociais, a colaboração, a partilha, a comunicação e a cooperação são características comuns e fulcrais para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem. O trabalho entre os pares só será significativo se as interações também assim forem, deste modo, quando mais oportunidade de interagir mais hipóteses há para desenvolver as competências sociais (Lopes & Silva, 2009).

Em suma, a teoria de Vygotsky valoriza as relações interpessoais e defende que a interação social, através da linguagem e da comunicação, tem bastante peso para o desenvolvimento da pessoa e a construção da nossa identidade.

3. Benefícios da aprendizagem cooperativa

A implementação de estratégias da aprendizagem cooperativa no contexto educativo tem revelado ter inúmeros benefícios para os docentes e para os alunos, como expõem Bessa e Fontaine, citados por Cunha & Uva (2016, p. 139) “é uma estratégia de aprendizagem que, quando aplicada de forma sistemática e correta, conduz a melhores resultados de aprendizagem.” No entanto, apesar das mudanças que a educação tem sofrido, os professores continuam predominantemente a optar pelo desenvolvimento de atividades de cariz competitivo ao invés de atividades que promovam a cooperação e o trabalho em grupo. Será que isto acontece porque, os professores não se sentem preparados nem motivados para implementar a metodologia da aprendizagem cooperativa?

A implementação desta estratégia implica um conhecimento por parte do professor, para que consiga dinamizar atividades diversificadas baseadas nas “capacidades de comunicação, tomada de decisão, de empatia com os outros e (...) valores como o respeito, cooperação e aceitação” (Carromeu, 2017, p. 24).

Ao promover atividades baseadas na cooperação, o professor tem de ter consciência que, tal como refere Moreira (2019, p. 2),

a Aprendizagem Cooperativa coloca-nos perante experiências pedagógicas nas quais os docentes, juntamente com os seus alunos, são desafiados a superar-se e a reinventar-se, trabalhando para o sucesso de todos os alunos, onde a valorização

da diferenciação pedagógica, adequada a contextos específicos, e o trabalho em equipa são condições imprescindíveis num processo de mudança que se quer acompanhado e estruturado.

O trabalho cooperativo oferece diversas vantagens aos alunos e, uma das mais relevantes é oferecer bases para que as crianças se consigam integrar e viver em sociedade, tendo uma participação ativa na mesma. Ao realizarem atividades em grupo, estão a conhecer-se uns aos outros, criando empatia pelos colegas. O ambiente positivo proporciona também um maior respeito pelo outro e pelas diferenças e uma quebra do preconceito, assim sendo, considera-se que a implementação desta estratégia tem um papel fundamental no que diz respeito ao combate à discriminação social. Além de que, se verifica “o desenvolvimento da autonomia e do empenho nas tarefas, assim como uma melhoria nas habilidades sociais (...), potenciando condutas de ajuda mútua e criando oportunidades para a existência de uma liderança partilhada.” (Moreira, 2019, p. 3).

Ao implementar a estratégia da aprendizagem cooperativa, é importante que o professor não se esqueça que as crianças de hoje, serão os adultos de amanhã, reconhecendo que as experiências vividas irão ter uma grande influência na formação das novas gerações. Deste modo, é relevante que a oferta de atividades seja rica em aprendizagens que promovam as relações sociais e privilegiem valores, como a solidariedade, a partilha e a ajuda.

Apesar de tudo isto, com a implementação da aprendizagem cooperativa podem também, surgir alguns obstáculos, desnecessários, que poderão, no futuro, colocar comprometer as capacidades dos alunos. O maior problema que pode surgir, é a “dispersão de responsabilidade” – podem existir elementos do grupo que não participem tão ativamente na atividade e deixem-se levar pelo trabalho dos outros, ou seja, “vivem à pala do trabalho dos outros”.

Pode também acontecer que, algum elemento do grupo seja menos valorizado pelos restantes por não possuir tanto conhecimento acerca do tema como os colegas, acabando ignorado e sem ter qualquer peso no trabalho (Lopes & Silva, 2009, p. 49). Por consequência, ao não existir uma participação coesa e repartida, não existirá a partilha de conhecimentos e ideias, nem tão pouco se poderá dizer que o trabalho foi realizado em grupo, pois só os elementos com mais capacidades naquele tema irão realizar a atividade.

A solução mais viável para não comprometer a participação de todos os elementos do grupo é a atribuição de papéis que, tal como já referi, cada um saberá que parte do trabalho lhe compete e qual a sua função e, no fim, terá de a apresentar e partilhar com o grupo.

Em conjunto, devem comunicar e unificar todas as partes, para que, consigam apresentar o trabalho final ao professor, atingindo assim os objetivos previamente definidos. Para que haja sucesso no desenvolvimento das tarefas, é importante que haja partilha e que, antes de partirem para a pesquisa e para o trabalho em si, definam objetivos e estructurem o trabalho.

Em relação aos benefícios da aprendizagem cooperativa, segundo vários autores, dividem-se em quatro grandes categorias: sociais, psicológicos, académicos e de avaliação. A tabela abaixo que se segue apresenta os principais benefícios da aprendizagem cooperativa nas quatro grandes categorias (adaptado de Lopes & Silva, 2009, p. 49).

Categorias	Dimensões
Sociais	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Estimula e desenvolve as relações interpessoais; ✓ Encoraja a responsabilidade pelos outros; ✓ Desenvolve um maior número de relações heterogéneas positivas; ✓ Encoraja a compreensão da diversidade; ✓ Encoraja uma maior capacidade dos alunos para verem as situações, assumindo as perspetivas dos outros (desenvolvimento da empatia); ✓ Estabelece uma atmosfera de cooperação e de ajuda em toda a escola; ✓ Fomenta o espírito de constituição de equipa e a prática do desenvolvimento de competências de liderança; ✓ Ajuda os professores a deixarem de ser o centro do processo de ensino para se tornarem facilitadores.
Psicológicos	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Promove o aumento da autoestima; ✓ Encoraja os alunos a procurar ajuda e a aceitar a tutoria dos outros colegas; ✓ Cria uma atitude mais positiva dos alunos em relação aos professores;
Académicos	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Desenvolve as competências de comunicação oral; ✓ Permite aos alunos exercitarem um sentimento de controlo sobre a tarefa;

	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Aumenta a persistência dos alunos na conclusão dos exercícios e a probabilidade de serem bem-sucedidos na conclusão dos mesmos; ✓ Os alunos mais fracos melhoram o seu desempenho quando se juntam com colegas que têm melhor rendimento escolar; ✓ Permite atender às diferenças de estilos de aprendizagem dos alunos.
Na avaliação	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Proporciona formas de avaliação alternativas; ✓ Proporciona feedback imediato aos alunos e ao professor sobre a eficácia de cada turma e sobre o progresso dos alunos; ✓ Os grupos são mais fáceis de supervisionar do que os alunos individualmente.

Quadro 1 - Principais benefícios da aprendizagem cooperativa

4. O papel do professor e da organização da sala de aula para a promoção do trabalho cooperativo

Com as experiências que tenho vivido, tanto a nível profissional como a nível pessoal, tenho-me apercebido do peso e da relevância que o trabalho cooperativo tem, que resulta também da redefinição do papel do professor. No meu entendimento, a relação professor-aluno tem um grande peso ao implementar esta estratégia de aprendizagem e considero que é algo que tem vindo a desmistificar-se, sendo que o professor para além de ser quem ensina, também tem vindo a tornar-se um “confidente”, alguém a quem os alunos recorrem, independentemente da situação ou do assunto.

Esta relação de proximidade e afeto será a base de uma boa relação pedagógica e trará benefícios, podendo também influenciar a vontade de colaborarem nas atividades propostas. O professor terá um papel muito importante a desempenhar, na medida em que deve explicar e conversar com os alunos sobre o que é cooperar com os colegas e com o professor para que os alunos possam compreender quais as suas vantagens e os seus benefícios.

O papel do professor é bastante relevante e desafiador ao optar pela abordagem da aprendizagem cooperativa e, durante o desenvolvimento das atividades, a sua participação é muito necessária, pois deve incentivá-los a encararem o desenvolvimento destas competências com seriedade e rigor (Lopes & Silva, 2009, p. 19).

Como futura professora de 1º Ciclo, considero que uma prática diferenciada e que tenha como base a cooperação será enriquecedora para todos os intervenientes, porque

aprendemos a valorizar as características próprias e únicas de cada um. É necessário que esta estratégia de aprendizagem também transpareça na organização do espaço e dos materiais, partindo dos interesses e dos gostos das crianças, valorizando as suas competências individuais e como grupo.

Tal como já referi, o aluno deve ser o elemento central no que diz respeito à aprendizagem cooperativa, o professor terá sempre um papel importante, mas, as atividades terão como foco e como centro da questão, os alunos, as relações interpessoais e a cooperação. O professor deve, além de transmitir os conteúdos, agir como facilitador do processo, implementando tarefas que ofereçam aos alunos a possibilidade de explorarem e descobrirem (Jacó, 2012, p. 18).

De acordo com Johnson, Johnson e Smith (1991) citados por Lopes & Silva (2009, p. 53), existem vários aspetos a ter em conta antes de implementar qualquer atividade baseada na aprendizagem cooperativa, exigindo, por parte do professor, um trabalho prévio e estruturado. Estes autores definem então, três fases distintas do processo: pré-implementação, implementação e pós-implementação (Lopes & Silva, 2009, pp. 54–66).

Fase da pré-implementação

Antes de implementar a tarefa o professor deve:

- Explicar e justificar à turma o porquê da escolha da metodologia aprendizagem cooperativa, abordando os seus benefícios e especificando os objetivos (académicos e sociais);
- Constituir os grupos, determinando o tamanho dos mesmos, sendo que, uma abordagem cooperativa exige a constituição de grupos heterogéneos, para que os alunos beneficiem da diversidade e, que os grupos se mantenham por algum tempo;
- Atribuir papéis a cada um dos elementos do grupo. Esta decisão pode ser tomada pelo professor ou pelos elementos do grupo, porém, o foco é que cada um desempenha uma função;
- Ter em conta a organização espacial da sala, dando oportunidade aos alunos de se movimentarem e interagirem. Neste ponto, deve valorizar-se a interação face a face;

- Selecionar materiais que promovam a interdependência, ou seja, que possibilitem que cada elemento contribua para o sucesso do grupo;
- Distribuir tarefas, escolhendo um método que se adapte à tarefa em questão. Neste momento, o professor tem de explicar os passos a seguirem e estipular o tempo de realização da tarefa, verificando se todos compreenderam o que foi enunciado;
- Explicitar as competências que irão ser avaliadas, construindo um instrumento de avaliação da participação individual dos alunos, do trabalho em grupo e do trabalho final. O professor deve referir os comportamentos desejados e, por vezes, pode ser necessário trabalhar esta parte social com os alunos, desmistificando os medos e as vergonhas com um jogo, por exemplo.

Fase da implementação

Nesta fase, o trabalho assenta, sobretudo, nos alunos, que assumem o papel mais importante, devem trabalhar juntos, ouvindo-se mutuamente.

Ao implementar a tarefa o professor deve:

- Observar o comportamento dos alunos, circulando pela sala e observando os comportamentos e a interação entre os grupos, intervindo, sempre que se justifique;
- Ao circular na sala, pode prestar auxílio, caso ache necessário. Este auxílio pode passar por oferecer novos recursos e também partilhar ideias, de modo a mexer um pouco com a dinâmica do grupo, para que reflitam acerca do trabalho.

Fase da pós-implementação

Depois de implementar a tarefa o professor deve:

- Orientar os grupos, solicitando que sintetizem os pontos mais importantes da tarefa, apresentando à turma os aspetos que considerem mais relevantes. Já a partir deste momento, o professor está a avaliar o trabalho desenvolvido pelo grupo;

- Avaliar a aprendizagem, através de uma grelha (que deve ser elaborada pelo professor). O professor deve fazer parte deste processo, na medida em que os alunos realizarão uma auto e heteroavaliação, mas, também, o professor fará uma avaliação baseada nos descritores de desempenho das atividades, conteúdos curriculares e competências cooperativas e à percentagem do trabalho em grupo para o desempenho individual;
- Refletir sobre o trabalho desenvolvido, recorrendo a registos feitos durante a fase de implementação, o professor deve partilhar com os alunos uma reflexão global do trabalho desenvolvido pelos grupos.

O empenho do professor, nestes momentos, é muito relevante para o sucesso dos alunos, sendo que as várias competências acima descritas, devem fazer parte do currículo do professor.

Capítulo II – Metodologia

Neste capítulo irei apresentar a problemática em estudo, identificando a abordagem adotada para o desenvolvimento do projeto – investigação qualitativa. De seguida, apresento os procedimentos de recolha e tratamento de dados, enunciando quais as técnicas de recolha de dados e instrumentos de registo utilizados. Por fim, explico o modo como tratei e analisei os dados recolhidos ao longo da dinamização das atividades.

1. Identificação da problemática em estudo e justificação da escolha

O meu interesse pelo trabalho em equipa e pela cooperação ocorre de um conjunto de interrogações que, como futura professora do 1º Ciclo do Ensino Básico me inquietavam – entre elas, compreender se as crianças ao trabalharem em conjunto teriam melhor sucesso escolar, ou seja, se conseguiriam alcançar os objetivos propostos pela tarefa com mais facilidade; se conseguiriam aprender os conteúdos abordados; se eram capazes de trabalhar em grupo e compreender a importância do mesmo.

Após pesquisar, ler e partilhar as minhas ideias com os professores, conclui que poderia formular uma questão de investigação em torno do tema da cooperação, sendo que a minha questão de partida foi “Que estratégias de trabalho cooperativo se podem implementar numa turma do 1º ciclo do Ensino Básico, de modo a incentivar a participação dos alunos?” Com a ajuda dos professores e já com algumas referências sobre o assunto, identifiquei como tema do meu relatório: “A Aprendizagem Cooperativa como incentivo à participação dos alunos.”

O meu gosto pessoal pelo assunto, advém do facto de considerar que a cooperação é uma dimensão fulcral que deve estar presente nas várias atividades desenvolvidas dentro da sala de aula, podendo facilitar a aprendizagem, promovendo as relações positivas dentro de sala de aula e o desenvolvimento pessoal de cada aluno, valorizando as suas individualidades. É importante que os alunos, a pares e em grupos, sejam capazes de beneficiar e realizar novas aprendizagens e conhecimentos. É vantajoso que as crianças

aprendam desde cedo a respeitar o próximo, as diferentes opiniões e, acima de tudo, que sejam capazes de se integrar e adaptar ao meio onde se inserem.

Um dos aspetos que me levou a querer investigar sobre o tema foi também o facto de as atividades em grupo terem como principal objetivo incrementar nas crianças o espírito de equipa, pois ao trabalharem juntos estiveram automaticamente a conhecer melhor os colegas, a construir a sua identidade, a valorizar as diferenças, sejam elas éticas, físicas, morais ou outras. E para além disto, são princípios e valores que contribuem para a formação de cidadãos numa sociedade democrática.

1.1. Método e objetivos da investigação

A metodologia diz respeito ao processo, num nível mais geral, que integra os métodos de investigação – que se referem ao modo e ao percurso que se faz até alcançar o fim desejado, – e as técnicas, que são os procedimentos adotados para recolher e tratar a informação.

O método que utilizei neste projeto de investigação é designado por investigação qualitativa. A investigação qualitativa tem como base o carácter descritivo, em que os dados recolhidos serão expostos como forma de palavras ou figuras, ao invés de números. Dados estes que foram retirados dos vários instrumentos de registo, como: fotografias, notas de campo, transcrição de entrevistas, entre outros. Ao analisar os diversos registos, terei todo o cuidado e respeito ao transcrever toda a riqueza dos mesmos, de modo a complementar a minha investigação (Gomes Campos, 2000, p. 3).

Tal como nos mostram Bogdan & Biklen (1994, pp. 83–84) a

(...) investigação qualitativa trata-se de um plano flexível. Os investigadores qualitativos partem para um estudo munidos dos seus conhecimentos e da sua experiência, com hipóteses formuladas com o único objetivo de serem modificadas e reformuladas à medida que vão avançando.

Ao basear-me numa perspectiva qualitativa, observei e analisei, diretamente, os intervenientes e as suas ações, dentro do contexto em questão, assumindo-me assim, como fonte direta dos dados levantados. Como referem Bogdan & Biklen (1994, p. 47)

“Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal.”

Defendido por vários autores, entre os quais Gomes Campos (2000, p. 2),

A presença do pesquisador, no ambiente onde se desenvolve a pesquisa, é de extrema importância, à medida que o fenômeno estudado só é compreendido de maneira abrangente, se observado no contexto onde ocorre, visto que o mesmo sofre a ação direta desse ambiente.

Na investigação qualitativa, tal como já foi referido, a presença do investigador num ambiente a estudar é bastante relevante, pois, tal como defendem Bogdan & Biklen (1994, pp. 47–48), “os dados são recolhidos em situação e complementados pela informação que se obtém através do contacto direto.” Deste modo, o investigador tenta recolher o máximo de informação possível e, posteriormente, “analisar os dados em toda a sua riqueza, respeitando, tanto quanto o possível, a forma em que estes foram registados ou transcrito.” Bogdan & Biklen (1994, pp. 47–48).

O meu foco, como investigadora serão os processos que farão parte da investigação, com o objetivo de, através da compreensão e descrição das situações vividas, que se considerem relevantes para o estudo, ser capaz de melhorar a minha prática individual (Coutinho, 2016, p. 13).

Tal como refere (Coutinho, 2016, p. 12),

O objeto de estudo na investigação não são os comportamentos, mas as intenções e situações, ou seja, trata-se de investigar ideias, de descobrir significados nas ações individuais e nas interações sociais a partir da perspetiva dos atores intervenientes no processo.

Uma metodologia de cariz qualitativo tem como característica o método indutivo, assim sendo, considero que se adequa à minha investigação, pois parti da recolha de dados, que posteriormente foram analisados e que levantaram questões, que por sua vez me ajudaram a refletir sobre a prática e a produzir um conhecimento contextualizado.

Tal como defendem Bogdan & Biklen (1994, p. 50), “Para um investigador qualitativo que planeie elaborar uma teoria sobre o seu objeto de estudo, a direção desta só se começa a estabelecer após a recolha dos dados e o passar de tempo com os sujeitos”.

Após estar em contexto de prática, confirmei que o meu foco principal seria perceber que estratégias de trabalho cooperativo se poderiam implementar numa turma do 1º ciclo do Ensino Básico, de modo a incentivar a participação dos alunos, através dinamização de atividades, tendo assim a oportunidade de observar e analisar os comportamentos e as interações, valorizando os processos do quotidiano, as relações existentes, o modo como os intervenientes se comportavam e compreendiam o que os rodeava.

Para orientar o estudo e o trabalho desenvolvido, defini os seguintes objetivos, que serviram de enquadramento a todas as atividades desenvolvidas no decorrer do estágio:

1. Compreender a importância do trabalho cooperativo no processo de aprendizagem dos alunos;
2. Compreender o papel do trabalho de grupo/ a pares na aprendizagem dos alunos;
3. Compreender a opinião dos alunos no que diz respeito à aprendizagem cooperativa;
4. Compreender a importância das relações interpessoais para a dinamização de trabalhos em grupo e/ou pares;
5. Implementar estratégias de trabalho cooperativo;
6. Valorizar a opinião dos alunos no que diz respeito à aprendizagem cooperativa.

Como futura professora de 1º Ciclo, considero relevante o desenvolvimento de atividades que partam do trabalho cooperativo para a promoção de novos conhecimentos e aprendizagens, com o fim de promover uma prática educativa que valorize a cooperação, mas também, a individualidade de cada criança.

Para trabalhar os objetivos acima descritos, baseei-me na seguinte questão:

- Que estratégias de trabalho cooperativo se podem implementar numa turma do 1º ciclo do Ensino Básico, de modo a incentivar a participação dos alunos?

De modo a conseguir corresponder aos meus objetivos e dar resposta às minhas interrogações gerais, foquei-me nestas questões mais específicas:

- ✓ De que forma poderão as interações e as relações entre as crianças, influenciar as suas aprendizagens?
- ✓ Quais são os contributos do trabalho cooperativo para as aprendizagens dos alunos?
- ✓ Quais são as conceções da professora cooperante e dos alunos sobre a aprendizagem cooperativa?

Ao trabalhar este tema, realizei atividades focadas em promover o trabalho cooperativo entre os alunos, compreender a importância do trabalho cooperativo em sala de aula, com o objetivo de proporcionar momentos de aprendizagem, baseados nas relações professor-aluno e aluno-aluno. As atividades realizadas contaram com a participação ativa de todos os alunos, com o fim de trabalhar valores como a cooperação, a partilha, a solidariedade, a participação e o respeito mútuo.

2. Apresentação dos procedimentos de recolha e tratamento de dados

2.1. Técnicas de recolha de dados e instrumentos de registo:

Após pesquisar e ponderar sobre o que se enquadraria melhor, considerei que além da observação direta – que se assume como a técnica mais relevante neste projeto, poderia também utilizar a técnica da entrevista – realizada em grupo (focus group) e o inquérito por questionário, no entanto, com o decorrer do estágio e também por sugestão dos professores, decidi realizar uma entrevista direta e semi-estruturada à professora titular da turma, cujas questões tiveram como foco o trabalho cooperativo e a importância do mesmo dentro de uma sala de aula do 1º Ciclo do Ensino Básico.

As técnicas utilizadas para a recolha de dados foram: a observação direta, a entrevista e a análise documental. Apresento seguidamente o quadro que comprova estas mesmas técnicas e os instrumentos utilizados para a recolha dos dados.

Seguindo a ordem enunciada no quadro, irei caracterizar cada uma das técnicas de recolha de dados, começo pela observação direta, passo para a entrevista e por fim, a análise documental.

Técnicas de recolha de dados	Instrumentos de registo
Observação Direta/Participante	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Grelhas de observação; ✓ Grelhas de autoavaliação do trabalho desenvolvido; ✓ Notas de campo escritas e diário de bordo; ✓ Relatórios de campo; ✓ Registos áudio e fotográfico.
Entrevista	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Guião; ✓ Registos áudio.
Análise Documental	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Documentos escritos (notas de campo, diário de bordo, tabelas de avaliação e tabelas de autoavaliação, documentos oficiais, documentos pessoais).

Quadro 2 - Técnicas e Instrumentos de recolha de dados

▪ **Observação Direta/Participante:**

O primeiro contacto com as crianças e com o contexto baseia-se numa observação mais geral da comunidade e do meio onde se insere. Nesta primeira abordagem tentei criar contacto com os intervenientes, sendo que a observação direta foi a técnica fundamental. Tal como mostram Bogdan & Biklen (1994, p. 16), na observação participante, “O investigador introduz-se no mundo das pessoas que pretende estudar, tenta conhecê-las, dar-se a conhecer e ganhar a sua confiança, elaborando um registo escrito e sistemático de tudo aquilo que ouve e observa.”

Foquei-me em conhecê-los e dei-lhes tempo e espaço para me conhecerem também, participei ativamente nas atividades desenvolvidas pela professora cooperante, assumindo papel de professora, não esquecendo também o de investigadora. Esta primeira fase foi muito relevante para a construção de uma relação com a turma, porque deste modo, consegui integrar-me e conhecer a dinâmica do grupo e, posteriormente, adequar as atividades pensadas.

A Observação Participante, tal como o nome indica, diz respeito à participação real, total e intensiva no contexto a ser estudado. Tal como refere (Gil, 2008, p. 122), “observação participante, ou observação ativa, consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada.”

Deste modo, o investigador é parte integrante da comunidade inquirida para o estudo. Segundo Gil (2008, p. 108)

nas pesquisas sociais é muito frequente trabalhar com uma amostra, ou seja, com uma pequena parte dos elementos que compõem o universo (...) ocorre, sobretudo, nas pesquisas designadas como levantamento (...) Quando um pesquisador seleciona uma pequena parte de uma população, espera que ela seja representativa dessa população que pretende estudar.

Na Observação Participante, poderemos esperar que a investigação aconteça de um modo espontâneo, mesmo que o investigador tenha objetivos e linhas de raciocínio e de trabalho a seguir, nunca consegue antever os comportamentos ou acontecimentos que farão parte da sua observação. Apesar da naturalidade e, de modo a permitir a recolha de dados, como mostra Sá (2015, p. 58), “Importa, portanto, estruturar (...), definir os objetivos, selecionar os alunos a observar, escolher a informação e recolher e construir um instrumento de registo fácil.”

Para Lindeman, citado por Bogdan & Biklen (1994, p. 80), “o observador participante, como oposto do que ele designava por “observador objetivo”, participava ativamente nas atividades ou contexto a estudar e não no projeto de investigação.”

A minha observação foi de dois tipos: a **observação não estruturada** e a **observação estruturada**. A observação não estruturada consistia na observação direta e livre, em que eu registava tudo o que considerava relevante e fazia um balanço diário e semanal. Para

este registo, recorri às notas de campo escritas (não estruturadas), que, como defendem Bogdan & Biklen (1994, pp. 150–151),

As notas de campo podem originar em cada estudo um diário pessoal que ajuda o investigador a acompanhar o desenvolvimento do projeto, a visualizar como é que o plano de investigação foi afetado pelos dados recolhidos, e a tomar-se consciência de como ele ou ela foram influenciados pelos dados.

As notas de campo eram escritas no meu diário de bordo – instrumento que utilizo com frequência porque me permite apontar e registar momentos, conversas, trocas de ideias que considere relevantes para a minha prática e para, posteriormente, refletir sobre a mesma.

Tal como referem Carmo & Ferreira (2008, p. 118),

o bloco-notas deve ser uma companhia permanente do investigador. É nele que são anotadas as primeiras impressões, sob a forma de tópicos, diagramas e breves memorandos, de modo a auxiliar a sua memória quando vier a registar mais detalhadamente os resultados da sua observação.

Ao registar, não descrevia detalhadamente, mas tentava transcrever expressões das crianças, os seus sentimentos (espelhados na sua forma de estar e nas expressões faciais) e as suas dúvidas. Porém, como nem sempre foi possível registar de imediato, fiz pequenas anotações que, posteriormente, ao lê-las, consegui “reviver” o momento e, desse modo, tentar descrever o máximo possível o que se passou. Posteriormente, através das minha notas de campo, escrevia textos mais elaborados e reflexivos, em que tentava descrever detalhada e minuciosamente as situações, tentando tirar o máximo de proveito das anotações e dos registos áudio e fotografia.

Como mostram Bogdan & Biklen (1994, p. 152)

(...) as notas de campo consistem em dois tipos de materiais. O primeiro é descritivo, em que a preocupação é a de captar uma imagem por palavras do local, pessoas, ações e conversas observadas. O outro é reflexivo - a parte que apreende mais o ponto de vista do observador, as suas ideias e preocupações.

Outros instrumentos que também facilitaram a minha intervenção foram os registos áudio e fotográfico, que serviam como forma de acompanhar as minhas notas de campo, podendo assim ter o máximo de exemplos possíveis que ilustrassem o que iria analisar posteriormente. Estes modos de registo também me permitiram fazer uma leitura mais completa dos intervenientes, das suas expressões e do meio envolvente.

Tal como refere Dias (2015, p. 57), citando Afonso (2005:93)

em primeiro lugar, são produzidas as notas de campo manuscritas ou gravadas em áudio durante a observação ou imediatamente a seguir. Em segundo lugar, são redigidos os relatórios de campo constituídos por textos mais elaborados e reflexivos a partir das notas de campo.

Por outro lado, a observação estruturada surgiu num momento mais avançado do estágio, em que eu já estava mais integrada na turma e já conhecia melhor os alunos. Foi-me possível, através dos tópicos definidos para o desenvolvimento da investigação, planear e definir certos objetivos que pretendia que eles atingissem com o desenvolvimento das diversas atividades.

Fizeram parte da observação as grelhas de avaliação do trabalho desenvolvido e as grelhas de autoavaliação. Ao realizar uma observação estruturada, o investigador deve, previamente, planear e, tal como afirmam Carmo & Ferreira (2008, p. 117), “devendo construir-se um guião de observação que inclua um conjunto de indicadores necessário para retratar o objeto de estudo, mas não excessivamente abundante de modo a poder criar uma situação de sobre-informação.” Ao planear e pensar sobre os focos do seu estudo, o investigador conseguirá tirar partido de toda a informação.

Como forma de avaliar a participação das crianças nas atividades propostas para trabalhar o trabalho cooperativo, elaborei grelhas de observação baseadas nas atitudes e comportamentos das crianças (*apêndice 6*). As grelhas têm um caráter qualitativo e serviram como um suporte da minha investigação.

Outro instrumento utilizado, foram as grelhas de autoavaliação do trabalho desenvolvido em pares e/ou grupos (*apêndice 5*). A implementação destas grelhas serviu para que os alunos, individualmente, conseguissem avaliar a sua participação no trabalho desenvolvido com os colegas, avaliando o seu desempenho, as suas atitudes e

comportamentos, para que fossem capazes de refletir sobre o que deviam melhorar e manter na sua postura e para que dessem um feedback acerca da atividade realizada.

▪ Entrevista

As entrevistas foram a segunda técnica de recolha de dados utilizada no estudo e, segundo Bogdan & Biklen (1994, p. 134),

Em investigação qualitativa, as entrevistas podem ser utilizadas de duas formas. Podem constituir a estratégia dominante para a recolha de dados ou podem ser utilizadas em conjunto com a observação participante, análise de documentos e outras técnicas. Em todas estas situações, a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito.

Podemos definir entrevista, “como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social.” (Gil, 2008, p. 128) .

Ao ser realizada a crianças, foi importante ter em consideração as experiências de cada uma e compreender que, algumas poderiam não estar familiarizadas com esta interação direta. Assim sendo, segui o guião posteriormente realizado (*apêndice 3*) e, o facto de ter entrevistado o grupo dois meses e meio após o teu conhecido, permitiu que conseguisse fazê-lo com alguma abertura e valorizando todos os aspetos da conversa. Tal como mostram Bogdan & Biklen (1994, p. 134), “Nos estudos de observação participante, o investigador geralmente já conhece os sujeitos, de modo que a entrevista se assemelha muitas vezes a uma conversa entre amigos.”

Recorri a esta técnica no fim do meu estágio, tendo realizado a entrevista a um grupo de quatro alunos, cujos principais objetivos consistiam em conhecer as suas conceções acerca do trabalho cooperativo, compreender a influência das relações no desenvolvimento das atividades e perceber se as atividades realizadas influenciaram a dinâmica da turma e as crianças, individualmente. A entrevista aconteceu de um modo

muito natural e espontâneo e consegui obter um feedback acerca do trabalho desenvolvido, recolhendo as suas opiniões dos alunos e conseguindo perceber de que modo beneficiaram do projeto.

Dentro dos tipos de entrevista, a de carácter Semidiretiva – Semiestruturada, era a que se enquadrava melhor no meu estudo, pois como refere Afonso (2014, p. 99), estas “são conduzidas a partir de um guião que constitui o instrumento de gestão da entrevista”. Foi necessário elaborar um guião (*apêndice 1*) com questões que foram colocadas seguindo uma ordem lógica (partindo do geral para o particular), para que eu, como entrevistadora, conseguisse recolher as informações que necessitava, dando-me a possibilidade de a utilizar de forma mais flexível, não seguindo necessariamente a ordem de questões pré-estabelecida, e ainda de colocar também outras questões que não estivessem no guião.

Tal como referem Bogdan & Biklen (1994, p. 108), o investigador ao utilizar um guião mantém

fidelidade à tradição qualitativa de tentar captar o discurso próprio do sujeito, deixando que a análise se tome evidente, as grelhas de entrevista permitem, geralmente, respostas e são suficientemente flexíveis para permitir ao observador anotar e recolher dados sobre dimensões inesperadas do tópico do estudo.

É de salientar que como modo de registo das entrevistas recorri ao gravador do telemóvel, pois, deste modo consegui captar a totalidade das conversas tidas com os alunos e a professora e, foi possível estar mais à vontade para me concentrar noutros aspetos, como a postura e a atitude dos entrevistados, por exemplo.

Como já referi anteriormente, uma entrevista é semelhante a um diálogo, que não prescinde de um guião orientador que ajuda o entrevistador a manter o foco no tema e nos seus objetivos. No entanto, “mesmo quando se utiliza um guião, as entrevistas qualitativas oferecem ao entrevistador uma amplitude de temas considerável, que lhe permite levantar uma série de tópicos e oferecem ao sujeito a oportunidade de moldar o seu conteúdo.” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 135)

Para realizar a entrevista aos alunos optei pela técnica de focus group e Morgan (1996, 1997) citado por Silva et al. (2014, p. 3), define focus group “como uma técnica de

investigação de recolha de dados através da interação do grupo sobre um tópico apresentado pelo investigador”.

Escolhi esta técnica por considerar que traria benefícios à recolha de dados, pois as crianças ao estarem rodeadas de colegas sentiram-se mais à vontade e a sua participação foi mais ativa e, também, porque o grande objetivo da entrevista era perceber o modo como o trabalho cooperativo influenciou o desenvolvimento de aprendizagens. Ao realizar as entrevistas em grupo, tive como foco, tal como refere Afonso (2014, p. 3), “recolher informação sobre experiências e vivências partilhadas em contextos sociais específicos”. Para Silva et al. (2014, p. 3) focus group “é uma técnica que visa a recolha de dados, podendo ser utilizada em diferentes momentos do processo de investigação.”

Stewart et al. (2007) citados por Silva et al. (2014, p. 4), referem que o focus group é uma técnica que pode ter vários usos, entre eles há alguns que considero que se enquadrem na minha pesquisa, como “obtenção de informação sobre um tópico de interesse”, “estimular novas ideias” através da partilha e “compreender como os participantes falam acerca de um fenómeno de interesse”.

Inicialmente tinha decidido inquirir, por questionário, alguns dos intervenientes pertencentes ao contexto, no entanto, após refletir sobre as vantagens e desvantagens, optei por realizar uma entrevista individual à professora cooperante. Essa entrevista seguiu um guião realizado por mim (*apêndice 1*), de modo a recolher informação relevante, dizendo assim respeito a uma entrevista Semidiretiva – Semiestruturada. No decorrer desta entrevista, pretendia recolher dados acerca da professora e da sua formação e atitude em sala de aula, perceber qual a sua conceção acerca do trabalho cooperativo e obter feedback acerca do (meu) trabalho desenvolvido.

▪ **Análise Documental**

A análise documental, como refere Pincho (2016, p. 27), “ocorre, em ciências sociais, por duas razões distintas: 1) intenção de estudar os documentos isoladamente 2) expectativa de extrair informações úteis ao estudo de outro objeto”. Sendo que, no meu caso, a minha intenção assentava em analisar melhor os documentos utilizados no decorrer do projeto e, também, aqueles que a professora cooperante me pôde facultar.

A análise documental consiste numa análise sistemática dos documentos escritos utilizados ao longo do estágio – como as notas de campo, as grelhas de observação (preenchidas, por mim, no decorrer de cada atividade), as grelhas de autoavaliação (preenchidas, individualmente, no final de cada atividade), os guiões das entrevistas e as transcrições das mesmas (*apêndices 2 e 4*). Tive também acesso a um documento da turma que referia quais as crianças que estavam abrangidas pelo artigo 54 e que medidas lhes eram aplicadas, à listagem da turma e a algumas planificações realizadas e implementadas pela professora cooperante.

As vantagens desta técnica incidem, sobretudo, na autonomia do pesquisador que, após ter os instrumentos de registo pode analisá-los fora do contexto do projeto, havendo assim um distanciamento entre o sujeito e o objeto de estudo. Porém, em relação às desvantagens, deparei-me com a dificuldade de acesso a materiais como projeto educativo da escola e documentos relativos à instituição (neste caso, não sei se pode justificar-se com a mudança temporária de escola) e até mesmo à turma.

3. Tratamento e análise dos dados recolhidos

A fase de análise de dados diz respeito, tal como indicam Bogdan & Biklen (1994, p. 205) ao,

Processo de busca e de organização sistemático de transcrições de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que foram sendo formulados, com o objetivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou.

Como técnica de análise dos dados obtidos, optei por realizar a análise de conteúdo, pois ajudará a interpretar os dados e a atribuir-lhes significado. A análise de conteúdo é um procedimento que se integra na abordagem qualitativa, que valoriza o saber intuitivo e indutivo, como meio de atingir o estudo mais aprofundado possível a que o investigador se propôs.

A análise de conteúdo surgiu para facilitar ao homem a interpretação dos antigos, porém, só em 1925 é que se sistematizou e designou de “análise de conteúdo”. Utilizada,

inicialmente, por jornalistas, sociólogos e estudiosos da literatura, considera-se “como um conjunto de técnicas possíveis para o tratamento de informação previamente recolhida”, tal como refere Sá (2015, p. 59).

É uma técnica de recolha de dados que pretende que o investigador descreva de um modo objetivo e sistemático as informações que recolheu, comprimindo toda a informação relevante, baseando-se nas categorias de conteúdo. Tal como refere Moraes (1999),

A análise de conteúdo constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum.

Bardin (1977, p. 42), caracteriza esta técnica como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens.”

O investigador ao utilizar a técnica da análise de conteúdo, “procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça” (Bardin, 1977, p. 44).

A análise de conteúdo, como Bardin (1977, p. 31) caracteriza “não se trata de um instrumento, mas de leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações”.

Capítulo III – Descrição e análise da intervenção

Neste capítulo irei fazer uma descrição e análise da dinamização do projeto e da minha intervenção, fazendo logo de início uma apresentação do contexto de estágio, onde faço uma breve descrição da instituição, caraterizo a turma e o ambiente de sala de aula. A seguir, apresento o modo como introduzi e expliquei o tema do meu projeto à turma, assumindo-se esta parte como um momento fulcral para o desenvolvimento das atividades realizadas. De seguida, foco-me nas atividades realizadas no âmbito do projeto, apresentando os seus objetivos, os conteúdos e o modo como foram dinamizadas, bem como as formas de participação das crianças. Após analisar e descrever as atividades, interpreto-as, identificando a relevância que tiveram na dinâmica da turma. Por fim, apresento a análise das entrevistas realizadas aos alunos e à professora cooperante.

a. Contexto do desenvolvimento do projeto

Este projeto de investigação era para ter sido realizado numa Escola de 1º Ciclo do Ensino Básico, em Setúbal. No entanto, derivado de uma requalificação, as turmas ficaram provisoriamente a funcionar noutra escola pertencente ao agrupamento. A Instituição onde decorreu o estágio situa-se numa zona central da cidade e, nível de infraestruturas, o edifício é térreo, composto por diversas salas, oferecendo também às crianças uma biblioteca, salas de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), ginásio, refeitório, entre outros. Já no exterior, existem dois campos de desportivos e uma vasta área para circular.

Devido à situação pandémica que vivemos atualmente, o acesso a alguns espaços era restrito e cada turma tinha um local fixo para estar no intervalo. Tinham também horário de almoço diferente, para não se cruzarem.

Através da leitura do projeto educativo da escola, consegui recolher a informação de que Escola Barbosa du Bocage é constituída pela/o:

- Portaria;
- Reprografia/papelaria;
- Refeitório/cozinha;

- Sala de professores;
- Secretaria;
- Gabinete de Educação Especial;
- Biblioteca;
- Gabinetes de atendimento ao E.E.
- Campo de jogos;
- Pavilhão Gimnodesportivo
- Posto médico;
- Salas de TIC equipadas com computadores;
- Auditório;
- Direção;
- Gabinete do Projeto de Educação para a Saúde;
- Sala de trabalho de professores;
- Unidade de Apoio à Aprendizagem;
- Gabinete de Psicologia.

Por estarmos a viver a situação pandémica atual e também por se tratar de uma mudança de escola provisória, não me foi possível conhecer muito bem a área escolar. Tive acesso ao refeitório, à sala de professores e, como a turma tinha as aulas num bloco, era somente nesse bloco que eu circulava. Pela razão enunciada anteriormente, não me foi possível conhecer todo o pessoal docente, no entanto, conheci a coordenadora da Escola, cujo nome não posso referir por questões éticas, e alguns professores de apoio que vinham em horários estipulados para trabalharem com as crianças que tinham mais dificuldades.

A professora cooperante mostrou-se, no decorrer do estágio, muito prestável e deu-me oportunidade para intervir logo desde início. A entrevista que lhe fiz (*apêndice 1*) deu-me a possibilidade de recolher algumas informações relevantes, entre as quais a sua idade e experiência profissional – 45 anos, com 24 anos de serviço, está há 4 anos a trabalhar neste Agrupamento e o primeiro ano que esteve com a turma foi 2020. Foi-me também possível saber que a sua formação inicial teve a duração de 3 anos e decorreu no Instituto Piaget Almada e que, mais tarde, realizou uma formação complementar na Escola Superior de Educação no Instituto Politécnico de Setúbal.

Caraterização da turma

Este estudo realizou-se com uma turma de 3º ano de escolaridade, constituída por 21 alunos – 11 meninos e 10 meninas, com idades compreendidas entre os 8 e os 10 anos de idade. No que diz respeito à diversidade cultural, podemos considerar que a turma é bastante rica e diversificada nesse sentido. De 21 alunos, 15 são de nacionalidade Brasileira e os restantes de nacionalidade Portuguesa, um deles nascido na Irlanda, outro em Inglaterra, existe ainda uma criança que tem nacionalidade Angolana, um aluno tem dupla nacionalidade – Portuguesa e Moldava, e há também uma criança de etnia cigana.

A turma em questão tem vindo a sofrer algumas alterações ao longo do seu percurso escolar, isto é, existem crianças no início do ano de 2021, o que influenciou a dinâmica da turma, devido ao facto de estarem sempre a integrar e receber novas crianças. Apesar de estarmos perante crianças que tinham facilidade em integrarem e adaptarem-se ao meio, era notório que existiam algumas que ainda não estavam completamente à vontade com os colegas, até porque ainda se estavam a conhecer.

Em relação à organização do espaço da sala de aula, como já referi, o nosso primeiro dia de estágio foi também o primeiro dia dos alunos e da professora naquela escola, pelos motivos que já referi. Porém, a sala tinha mesas duplas, as crianças sentaram-se a pares estrategicamente pensados pela professora, havia um armário para guardar o material dos alunos e da professora e, na secretária da professora estava um computador e gavetas para arrumação. Perto do quadro existia um painel de cortiça onde acabámos por colocar alguns trabalhos e outros materiais que refiro mais à frente.

Assim sendo, a sala estava muito vazia e pobre a nível de decoração. Nos primeiros dias, a professora focou-se bastante em criar um ambiente acolhedor (*apêndice 10*) e que proporcionasse o envolvimento das crianças, pois uma boa organização da sala de aula servirá de ponte para a aquisição de novas aprendizagens, sendo que, como mostra Fernandes Oliveira (2015, p. 26), “o principal objetivo é que as crianças sintam que a sala também lhes pertence, proporcionando-lhe espaço para recriarem um ambiente de aprendizagem estimulante.”

Ao fim das primeiras duas semanas, a sala já tinha outro aspeto (*apêndice 10*), estando decorada com trabalhos das crianças, com posters alusivos às medidas a cumprir devido

à COVID-19, com o horário, as tabelas de avaliação de comportamento, leitura e trabalhos de casa (*apêndice 7, 8 e 9*), criadas por nós, estagiárias. Foi importante para os alunos que a sala se tivesse um ambiente mais afável e era visível a felicidade deles sempre que chegavam e a sala tinha mais um detalhe.

Em relação às rotinas das crianças, como já referi, a nossa primeira semana de estágio também foi, para elas, uma semana de adaptação, mas rapidamente mostraram compreender que as rotinas de sala de aula se mantinham e a organização da turma era visível. No primeiro dia percebemos que a professora escrevia o plano do dia e dava cerca de 10 minutos para copiarem para os cadernos. A distribuição dos materiais era feita consoante a ordem do responsável da semana (que muda todas as semanas, consoante a lista da turma). Após copiarem o plano do dia, as crianças começavam a trabalhar consoante a ordem do mesmo (se estiver escrito português primeiro, era português que iriam trabalhar).

Apesar destes percalços e também do contexto de pandemia que vivemos, observei que a turma tinha uma boa relação, respeitavam-se mutuamente, ajudavam-se, cooperavam uns com os outros, brincavam no intervalo, partilhavam as suas experiências (sobretudo, dentro da sala quando os cativávamos a tal) e ouviam e valorizavam as opiniões dos colegas.

O grupo com o qual trabalhei mostrou-se um grupo afável e recetivo à aprendizagem, ou seja, a maioria dos alunos mostrou-se muito participativo e com vontade de querer saber mais. Era visível que ficavam particularmente interessados e motivados sempre que as atividades se iniciavam com diálogos e/ou debates e quando eu e a minha colega de estágio introduzíamos os conteúdos através de vídeos, por exemplo. Nestes momentos, as crianças participavam bastante e partilhavam experiências, o que era bastante enriquecedor para nós e para eles.

No que diz respeito à relação e comunicação com a turma, considero que, desde o primeiro dia, consegui relacionar-me bem com os alunos e senti-me bem recebida, desde o momento em que chegámos que se mostraram empolgados com a nossa presença. Foi esta receção da turma e, também da professora, que facilitou a ligação com a mesma, existindo desde início uma boa relação de partilha e de diálogo. Durante as duas primeiras semanas foquei-me bastante em conhecer os alunos e compreender a dinâmica da turma

e a organização do espaço. Penso que, aos poucos, fui construindo uma relação com o grupo e tentei chegar a cada aluno individualmente, o que, apesar de ser difícil, considero possível desde que os intervenientes respeitem o tempo e o espaço de cada um.

Porém, no final do estágio, senti que não tinha conseguido criar uma relação com todos os alunos, por vários fatores, entre eles a falta de tempo, o facto de alguns serem mais tímidos, o que influenciava a participação de cada um deles. Ao serem mais reservados não se sentiam à vontade para partilhar ideias e experiências com os colegas, mesmo que os incentivássemos a isso, não foi possível conseguir que todos eles tivessem uma participação uníssona.

A diversidade é uma mais valia em todos os contextos, no entanto, por mais de metade da turma ser de nacionalidade Brasileira, a nível de comunicação, existiam ainda algumas dificuldades que assentavam, sobretudo, no modo de construção de frases, na conjugação de verbos e até mesmo no desconhecimento de algumas palavras. Por vezes, a comunicação tornou-se difícil porque, para além das razões que mencionei, temos também os diferentes sotaques (por serem de regiões diferentes) e, por acréscimo, o uso das máscaras devido à situação pandémica que vivemos atualmente.

A minha relação com cada aluno construiu-se ao longo do estágio, dei-me a conhecer um pouco mais todos os dias e as crianças igualmente. Desde início que houve alunos que nos procuraram mais (às estagiárias) e isso deve-se também à diversidade de níveis de aprendizagem e desenvolvimento existentes na sala de aula. Existiam duas crianças em que se aplicavam medidas de suporte à aprendizagem e inclusão em conformidade com o decreto-lei 54/2018 de 6 de julho, uma delas ao abrigo das Medidas Seletivas e outra com Medidas Universais. Havia ainda seis crianças a quem eram aplicadas medidas de suporte à aprendizagem e à inclusão Artigo 8º do Decreto-Lei nº 54-2018 nas áreas de Português e/ou Matemática, realizando fichas de avaliação simplificadas e tendo apoio ao nível da leitura e interpretação de enunciados.

Estas crianças necessitavam de mais auxílio e apoio e, desde a nossa chegada, que a professora cooperante se focou mais em alguns deles, mais especificamente no aluno incluído nas Medidas Universais, porque os outros, apesar de terem alguma adaptação no currículo, eram capazes de acompanhar e dinamizar as tarefas propostas e nós, estagiárias, fomos conseguindo dar resposta.

No decorrer do estágio contei com a ajuda da professora cooperante e da minha colega, que tinha o tema do seu relatório relacionado com a música. A professora mostrou-se sempre muito recetiva e comunicativa, o que facilitou a nossa integração e foi potenciador de uma boa relação. Visto que fomos nós a planificar as aulas durante quase 2 meses, foi muito importante contar com a ajuda da professora. As planificações eram realizadas de acordo com o que nós, estagiárias, necessitávamos para o desenvolvimento dos nossos projetos, mas não nos podíamos esquecer dos conteúdos a abordar nas várias disciplinas e da consolidação dos mesmos e, por isso, considero que realmente necessitava de mais tempo para a implementação de tarefas relacionadas com trabalho cooperativo. A alternativa encontrada foi as crianças realizarem maior parte das tarefas propostas, fossem elas de Matemática, Português ou Estudo do Meio, a pares ou em grupos de 4/5 elementos.

Contudo, considero que a receção por parte dos alunos e da professora cooperante facilitaram a minha integração e adaptação à turma, o que ajudou na intervenção, pois mostravam-se com vontade de participar e de dar o seu contributo para a minha investigação.

b. Contextualização do projeto de investigação

Este projeto teve a duração de 9 semanas numa turma do 3º ano de escolaridade, no âmbito do qual as atividades realizadas e a sua exploração foram os aspetos centrais da investigação. Foi, também, importante o desenvolvimento de várias atividades com diferentes intencionalidades, para que eu conseguisse compreender de que modo o trabalho cooperativo poderia promover o desenvolvimento de aprendizagens.

Após já ter falado com a professora cooperante acerca do tema do meu projeto de investigação, a docente deu-me total abertura para realizar atividades em grupo e/ou pares. O que foi um alívio para mim, devido à situação de pandemia atual, pois receava que não fosse possível realizar trabalhos com diferentes grupos e que os pares tivessem de se manter durante todo o projeto. Como já referi anteriormente, nas primeiras semanas foquei-me em conhecer as crianças e compreender que estratégias a professora utilizava com a turma.

É de destacar que, a partir do momento em que começámos a planificar (eu e a minha colega de estágio), focámo-nos em realizar a maior parte das tarefas em grupos e/ou pares. No entanto, destaco 5 dessas atividades, pois considero que foram as que trouxeram maior benefício aos alunos e que me permitiram adquirir mais informação acerca do trabalho cooperativo.

Assim sendo, no quadro que se segue apresento as atividades desenvolvidas:

Sessões e atividades realizadas	Dia	Objetivos
Vamos falar sobre cooperação?	3 de maio de 2021	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Reconhecer a importância da cooperação para o desenvolvimento de aprendizagens; ▪ Identificar competências essenciais de formação cidadã; ▪ Identificar domínios essenciais (ex. Interculturalidade, direitos humanos, igualdade de género, sustentabilidade, media, saúde).
Desenhos às cegas	12 de maio de 2021	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Apreciar os seus trabalhos e os dos seus colegas; ▪ Cooperar com os seus pares na partilha de saberes para a superação conjunta de dificuldades nas diversas atividades; ▪ Auxiliar o colega sempre que necessário; ▪ Saber escutar e dar indicações sobre o desenho.
Vamos construir um cartaz	18 de maio de 2021	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Construir um cartaz com as informações recolhidas da atividade "Vamos falar sobre cooperação"; ▪ Valorizar a opinião dos colegas; ▪ Compreender o conceito.

Jogo da Memória	24 de maio de 2021	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Desenvolver confiança nas suas capacidades e conhecimentos matemáticos; ▪ Desenvolver a capacidade de analisar o próprio trabalho e regular a sua aprendizagem; ▪ Trabalhar em grupo; ▪ Auxiliar o colega sempre que necessário.
Jogo Kula	2 de junho de 2021	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Compreender as regras do jogo; ▪ Trabalhar em equipa para atingir o fim proposto; ▪ Escutar e valorizar a participação de cada colega.

Quadro 3 - Atividades realizadas

1. Descrição e análise das tarefas realizadas

1.1. Introdução ao tema (03.05.2021)

De modo a introduzir o tema do projeto e, visto ter percebido que a turma gostava de debates e de momentos de diálogo, entendi que seria uma boa abordagem começar com uma conversa acerca do que é o trabalho cooperativo, recolhendo as opiniões de cada aluno acerca do mesmo, dando-lhes a oportunidade de partilharem as suas ideias com a turma.

O objetivo desta atividade assentava, sobretudo, em compreender se a turma reconhecia a importância da cooperação para o desenvolvimento de aprendizagens, estando implícitos valores como a cooperação, a colaboração e a interajuda.

Comecei por explicar, novamente, que estava a fazer um estudo acerca de um tema e que precisava da ajuda deles:

Estagiária Catarina – *“Como já vos expliquei no outro dia, estou a fazer uma investigação e assim sendo, de forma a conseguir aprender mais, peço-vos que cooperem comigo.”*

Nota de Campo (3 de maio de 2021)

Optei por colar algumas imagens (*apêndice 11*) que retratavam o trabalho cooperativo entre indivíduos no quadro e questionei-os acerca das mesmas:

Após analisarem as imagens, dei-lhes algum tempo para escreverem o que pensavam acerca das mesmas e para refletirem, para que depois conseguissem participar e dar a sua opinião. Ao longo da atividade fui reforçando qual era o objetivo ao observarem as imagens e fui colocando algumas questões como “O que é que veem nas imagens? O que há em comum nas imagens? Um comportamento que vocês identificam ou uma situação?”, para que eles pensassem e fossem capazes de formar a sua opinião.

Estagiária Catarina – *“Peço que venham aqui observar as imagens, focando-se no que há em comum nestas cinco imagens? O que se vê em cada uma destas cinco imagens? E será que conseguem identificar um comportamento que seja visível e comum em todas estas imagens? Apontem no vosso caderno se quiserem, para que depois consigam partilhar com a turma.”*

Nota de Campo (3 de maio de 2021)

A partir desta intervenção, as crianças começaram a querer participar e a partilhar as suas ideias e conceções acerca do tema e, como mediadora do diálogo, pedi-lhes que cumprissem as regras de sala de aula, que respeitassem a vez do outro e que escutassem o que cada colega dizia. Pedi-lhes também que colocassem o dedo no ar sempre que queriam falar para que todos tivessem oportunidade de intervir e para que fosse possível recolher o máximo de opiniões e ideias. Posteriormente, construímos um cartaz, reunindo as ideias principais que cada um partilhou com o grupo.

Para facilitar a minha intervenção e também, de modo a conseguir registar todo o diálogo que tive com a turma, gravei a conversa (com a autorização da professora e das crianças) para depois transformar o registo áudio em registo escrito. Após ter toda a informação escrita, expliquei-lhes que poderíamos passar à fase seguinte desta atividade (construção de um cartaz). As notas de campo também assumiram um papel importante porque me ajudaram a refletir sobre o resultado da atividade e o efeito que a mesma teve na dinâmica da turma.

Esta abordagem inicial foi, na minha opinião, muito significativa porque se assumiu como o primeiro contacto das crianças com a minha questão de investigação. Foquei-me em escutar e valorizar o que foram partilhando, observando também os seus comportamentos, interações e o modo como as vivências de cada um tiveram influência na partilha com o grupo.

De uma maneira geral, a participação ativa dos alunos influenciou o comportamento da turma, na medida em que, estavam atentos, respeitaram as regras de sala de aula, aguardaram que fosse a sua vez de falar e ouviram atentamente o colega. Este tipo de atividades mais dinâmicas despertaram o interesse nos alunos, mostraram-se empenhados e entusiasmados durante a sua realização.

Apesar da atividade ter um cariz de participação individual, pois todos teriam de dar o seu contributo, os alunos foram conversando com os pares de mesa e partilhando as suas opiniões, havendo assim, um momento de discussão de ideias. A interação entre os pares foi bastante relevante para que, individualmente, fossem capazes de formular uma resposta e apresentá-la à turma. Tal como referem Lopes & Silva (2009, p. 18) “há atividade cognitivas e dinâmicas interpessoais que só acontecem quando os alunos se envolvem na aprendizagem uns dos outros”.

Numa segunda fase, construímos um cartaz em que colámos no centro uma das 5 imagens que mostrei (*apêndice 11*), sendo que a escolha da imagem foi feita de forma unânime e em grupo. Como já tinha registado por escrito as informações recolhidas através da gravação (que constam no quadro que se segue) selecionei uma opinião de cada aluno, para que todos se sentissem parte integrante da tarefa e percebessem que a partilha que fizeram comigo e com a turma foi, de algum modo, relevante para trabalharmos o sentido de cooperação.

De modo a conseguir avaliar a participação de cada aluno estabeleci indicadores de avaliação:

- ✓ Capacidade de interpretar as imagens;
- ✓ Reconhecer a importância do trabalho cooperativo para o desenvolvimento de aprendizagens;

- ✓ Identificar comportamentos adequados ao desenvolvimento do trabalho cooperativo.

De seguida apresento, no quadro, os excertos das intervenções/opiniões de cada aluno que considerei mais relevantes:

Alunos	Opiniões dos alunos
A	“Consigo ver que existe trabalho em equipa, estão em harmonia e a divertir-se.”
F	“Estão a ajudar-se e a ajudar o ambiente, naquela imagem que separam o lixo.”
V	“Estão todos a ajudar-se e eu penso que todos juntos fazemos melhor.”
R	“Amizade, brincadeira, trabalho e ajuda, são as quatro palavras que descrevem as imagens.”
M	“Toda a gente está a ajudar-se uns aos outros, a brincar e fazer novas amizades.”
Y	“Os amigos estão a ajudar-se para conseguirem fazer algo de maneira mais fácil. É uma amizade e união entre eles.”
K	“Estão todos a trabalhar em equipa.”
H	“Todos nós precisamos de amigos e eles vão sempre ajudar-nos.”
B	“As pessoas estão a ajudar-se umas às outras.”
Y	“Amizade, trabalho em conjunto, ajudar o ambiente, paz e amor pelo que fazem.”
B	“Ajuda, esforço e estão a trabalhar em equipa.”
R	“Estão a trabalhar todos em equipa e a serem amigos.”
J	“Em cada imagem cada um ajuda o outro, são amigos e trabalharam juntos.”
R	“A ajuda é sempre importante, se trabalharmos juntos conseguimos alcançar coisas incríveis.”
E	“Em todas as imagens parece que estão a brincar e a ajudar-se uns aos outros.”
N	“Dá para perceber que podemos confiar nas pessoas e fazer amizades.”
M	“acho o trabalho de equipa bom porque eu tenho de confiar nos meus colegas.”

M	“Ao trabalharmos juntos estamos a divertir-nos e a brincar.”
E	“Gosto de trabalhar com os amigos porque é divertido e aprendo mais.”
D	“É divertido trabalhar com os colegas.”
G	“Eu gosto, porque os amigos e a professora ajudam-me sempre.”

Sendo que foi esta a atividade que introduziu o tema da cooperação, durante a sua realização foi muito relevante tomar notas e observar o comportamento dos alunos e a interação entre os pares. Deste modo, tal como referem Silva et al., (2018, p. 39) “a observação dá ao professor uma compreensão sobre a qualidade da interação dos grupos e do seu progresso na tarefa”.

Boa gestão do grupo e do tempo disponível para a realização da tarefa. Permiti que todas as crianças participassem e tentei cativar os mais envergonhados, transmitindo-lhes segurança. Todos conseguiram chegar ao conceito de “trabalho em equipa” ou/e “trabalho em conjunto”.

Nota de Campo (3 de maio de 2021)

À semelhança da participação ativa no decorrer da tarefa, a fase de recolha de opiniões contou também com o envolvimento dos alunos. Este processo foi bastante relevante para conseguir compreender o que acharam da atividade e se foi enriquecedora para cada um deles. Os alunos tinham vontade de falar sobre o tema e de partilhar com a turma o que tinham achado das imagens expostas.

Considero que esta atividade permitiu uma aproximação dos alunos ao tema e, sobretudo, que percebessem que mesmo nas pequenas tarefas do dia-a-dia, como deixar a sala de aula limpa, por exemplo, podemos cooperar com os colegas. Esta primeira atividade correu bem e conforme planeado, a adesão por parte dos alunos também me deu alguma confiança e consegui perceber que a estratégia de discussão de ideias a partir de imagens era algo que os cativava. Os alunos foram capazes de reconhecer que o trabalho

de grupo lhes oferece a possibilidade de partilharem e construírem novos conhecimentos e aprendizagens (Balça et al., 2018).

É possível perceber, sobretudo através das notas de campo e do contributo dos alunos, que os objetivos propostos foram alcançados. Apesar de ser a primeira atividade, considero que a turma mobilizou competências sociais logo desde início, na medida em que foram capazes de escutar o colega; deram a sua opinião e respeitaram a opinião do outro. Foi também com esta atividade que confirmei a ideia inicial de que a discussão de ideias e o debate em torno das mesmas era algo que motivava os alunos e ajudava a desenvolver a comunicação.

Comparando esta análise com as grelhas de avaliação individual preenchidas por cada aluno, considero que estão de acordo, pois os alunos conseguiram refletir sobre as atitudes a ter em sala de aula; a importância da participação e colaboração de todos eles e a relevância de respeitar a opinião do outro.

Como futura professora de 1ºCiclo, acredito que os debates e as discussões de ideias assumem um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem. Os alunos estão a desenvolver as suas competências sociais, a envolverem-se mutuamente e a fortalecer a sua comunicação e, por sua vez, as relações interpessoais.

O desenvolvimento do ser humano é fruto “das trocas recíprocas, que se estabelecem durante toda a vida, entre indivíduo e meio, cada aspeto influenciando sobre o outro.” (Neves & Damiani, 2006, p. 7).

Segundo a teoria de Vygotsky,

O homem é visto como alguém que transforma e é transformado nas relações que acontecem em uma determinada cultura. O que ocorre não é uma somatória entre fatores inatos e adquiridos e sim uma interação dialética que se dá, desde o nascimento, entre o ser humano e o meio social e cultural em que se insere (Neves & Damiani, 2006, p. 7).

Em suma é possível afirmar que “cooperar é atuar junto, de forma coordenada, no trabalho ou nas relações sociais para atingir metas comuns, seja pelo prazer de repartir

atividades ou para obter benefícios mútuos” (Argyle, 1991, citado por Lopes & Silva, 2009, p. 3).

1.2. “Desenhos às cegas” (12.95.2021)

Esta atividade foi realizada com os pares de mesa, com o objetivo de desenvolverem a confiança que cada um tinha nos colegas. Foram várias as vezes em que os alunos trabalharam com os pares de mesa e, considera-se que os grupos que funcionam durante 1 hora ou até várias semanas, segundo Lopes & Silva (2009, p. 21), denominam-se **grupos formais** – “os alunos trabalham juntos para conseguir objetivos comuns, assegurando-se de que eles próprios e os seus colegas de grupo completam a tarefa de aprendizagem atribuída”.

Nesta atividade as crianças trabalharam com os pares de mesa. Inicialmente, na planificação semanal, tinha ficado acordado que, a pares, iriam decidir qual o colega para estar vendado e qual o que daria orientações para a realização de um desenho. No entanto, de modo a dar oportunidade a todos de estarem nos dois papéis, decidi que de 5 em 5 minutos trocariam de posições, para que tivesse igual oportunidade de ouvirem e serem ouvidos e, também, de desenhar.

Durante a atividade, eu e a minha colega de estágio, apoiámos as crianças e ajudámos-las a conseguirem atingir um produto final de que gostassem. O comportamento exemplar da turma foi muito importante para a dinamização da tarefa e, só deste modo, quem estava vendado conseguiu manter o foco no discurso do colega. As crianças revelaram atitudes de construção de consensos; ser solidárias com os colegas, desenvolvendo o sentido de entreajuda na elaboração de trabalhos de grupo; confiar nos colegas, ouvindo as indicações, etc.

A pares, foram capazes de disfrutar do momento e, acima de tudo, de se divertirem. Conseguiram compreender a importância do trabalho em equipa e a relevância de ser capaz de ouvir o outro e respeitar as individualidades de cada um. Existiram pares em que um dos colegas tinha menos aptidão para o desenho e foi visível que o outro colega tentava encorajar e, por vezes, até agarravam nas mãos para guiar.

No final, cada par veio ao centro da sala mostrar o seu desenho (*apêndice 13*) e dizer qual tinha sido o tema escolhido para o mesmo e, nesse momento, deram também a sua

opinião acerca da atividade – que escrevi no meu caderno de campo, o que foi bastante relevante para a minha investigação.

Opinião da turma acerca da atividade
Par 1 – E: foi divertido, B: foi muito divertido e eu acho que deu certo.
Par 2 – R: colaborei com a colega ao tentarmos fazer as montanhas, foi fixe e engraçado, M: eu gostei de fazer com o R.
Par 3 – H: diversão, aventura e risada, N: foi divertido colaborar com o colega, mas senti medo de errar a desenhar.
Par 4 – J: achei mesmo muito engraçado, gostei de desenhar com o colega, D: acho que foi divertido e fixe.
Par 5 – Y: foi divertido e bom, B: eles encorajaram-me e transmitiram confiança, o desenho ficou melhor do que pensámos, M: senti-me confiante e, às vezes, elas até agarraram na minha mão.
Par 6 – A: eu tive confiança na E mas estava com vontade de tirar a venda, E: confiança, mas medo de errar.
Par 7 – V: senti cooperação, até porque eu perguntava “é aqui?” e ele agarrava a minha mão, G: senti-me bem, a V ajudou-me.
Par 8 – F: senti-me bem, foi engraçado, K: quando pus a venda tive medo, mas o F ajudou-me bastante e senti-me ansiosa por ver o fim.

É de salientar que quando apresentei a tarefa e expliquei qual era o objetivo principal, os alunos mostraram-se motivados e com vontade de a realizar. Devido, sobretudo, ao facto de ser uma atividade diferente e mais lúdica. Considero, assim, que a tarefa decorreu conforme planeado, os objetivos propostos foram cumpridos e os pares colaboraram entre si.

A turma apresentou comportamentos de cooperação e colaboração, todos os pares mostraram que eram capazes de ajudar o colega; de encorajar; de comunicar de forma clara e escutar ativamente e, de ser paciente a esperar (Lopes & Silva, 2009). Na medida em que conseguiam colocar-se no lugar do outro e compreender que a tarefa exigia tempo e concentração, daí a importância de todos os elementos terem os dois papéis.

Infelizmente, nesta atividade não foi possível aplicar as grelhas de autoavaliação do trabalho desenvolvido, devido à falta de tempo. Por vezes, quando isto acontecia, as crianças preenchiam as tabelas no dia seguinte logo pela manhã. No entanto, tendo esta atividade sido realizada numa quarta-feira não foi possível, visto que só regressaria ao estágio na segunda-feira.

Apesar disso, consegui preencher a grelha de avaliação do trabalho desenvolvido pelos alunos e, à semelhança do que já referi, as crianças respeitaram as regras de sala de aula, na sua grande maioria participaram ativamente na atividade e conseguiram, acima de tudo, divertir-se.

O foco de todas as atividades era fazer com que os alunos compreendessem que independentemente do conteúdo é sempre possível trabalhar-se em equipa. Tal como referem Lopes & Silva (2009, p. 21) “Qualquer tarefa, de qualquer matéria e de qualquer programa de estudos, pode organizar-se de forma cooperativa.

Considero que com esta atividade foi possível as crianças estreitarem as relações interpessoais, neste caso, com os pares de mesa, colaborando entre si. No final, no momento de reflexão e análise da atividade, foi possível compreender que maioria conseguiu usufruir da tarefa.

A tomada de notas relevou-se, ao longo de toda a minha investigação, um instrumento de registo fulcral, pois permitiu que anotasse de imediato o modo como correram as atividades, como ocorreu a participação dos alunos e também algumas conversas.

Houve silêncio o que facilitou o desenvolvimento da tarefa. A turma acatou bem as minhas instruções e, acima de tudo, divertiram-se e tiveram um momento mais lúdico. Quando vieram mostrar o produto final deu para perceber que estão felizes e que tinham compreendido a importância de estar nos dois papéis – vendado e a desenhar. Eles próprios conseguiram perceber que é importante trabalhar com o colega e ajudar.

Nota de Campo (12 de maio de 2021)

1.3. “Vamos construir um cartaz” (18.05.2021)

Esta atividade surgiu no seguimento da tarefa “Vamos falar sobre cooperação” dinamizada na 4ª semana de estágio. Sendo que a tarefa estava dividida em 2 fases – numa primeira abordagem existiu um momento de questionamento e de diálogo acerca das imagens expostas no quadro, sendo o principal objetivo perceber qual era o ponto de vista das crianças.

Esta conversa foi registada via áudio e, nesta 2ª fase da atividade, realizámos um cartaz com balões de fala com uma expressão de cada aluno. Como já referi, decidimos também, em conjunto, qual seria a imagem que colocaríamos no centro do nosso cartaz.

Conversámos novamente um pouco acerca da imagem, de forma a contextualizar e colámo-la no centro da cartolina. Depois, cada criança veio colar o seu balão de fala, seguindo as indicações dos colegas – se deveria ir mais para cima, mais para a esquerda etc. Todos juntos, colámos os balões de fala no cartaz, tornando-o perceptível e organizado (*anexo 3*). Decidimos também que o título do cartaz contaria com a participação de todos e a turma tomou uma decisão unânime – o M voluntariou-se para desenhar as letras, tal como podemos ver na imagem seguinte e, o grupo concordou dizendo que “ele tem muito jeito para trabalhos manuais”, a parte da pintura e decoração foi, também, assegurada por todos os elementos da turma.

O produto final ficou exposto na sala e serviu também como um lembrete acerca da importância do trabalho em conjunto/equipa.

Durante a dinamização desta tarefa a turma manteve um comportamento exemplar e que facilitou o meu trabalho na gestão da turma, as crianças mostraram-se muito comunicativas e participativas, falando cada uma na sua vez e respeitando a opinião de cada um.

Considero que esta tarefa correu conforme planeado e as atitudes dos alunos, ao ajudarem quem estava a colar o balão de fala, revelaram-se atitudes de cooperação e interajuda. Todos eles queriam que o cartaz ficasse bonito e organizado e trabalharam em grupo para atingir esse objetivo. Deste modo e, tal como referem Lopes & Silva (2009,

p. 18) “ao promoverem a aprendizagem dos demais, os membros do grupo adquirem um compromisso pessoal uns com os outros, assim como com os objetivos comuns”.

Diálogos durante a atividade	
1. Fase de colar os balões na cartolina	
M – “Coloca mais para cima J, porque assim fica em cima do outro.”	
J – “Assim? Acham que fica bem?”	
<i>(a turma concordou)</i>	
Y – “Acham que aqui está bom? Ou se calhar como este é azul ficava bem ao lado de um balão de outra cor.”	
V – “Sim tens razão, ao pé do azul vai se destacar mais.”	
M – “Então olha, mete mais para a ponta... do lado esquerdo!”	
B – “Vejam lá daí de trás, está bom aqui?”	
A – “Está um bocadinho torto, endireita e fica bom.”	
Estagiária – “Concordam com o A?”	
B – “Eu ainda não falei porque estou a concordar com tudo o que os outros colegas dizem.”	
Estagiária – “Então e ali a E, o que achas deste balão que o R vai agora colar?”	
E – “Acho que ele devia pôr um pouco mais para baixo, não acham?”	
R – “Até ficava bem, mas assim fica muito perto.”	
E – “Ah... okay, já percebi!”	

No final da atividade as crianças mostraram-se animadas com o produto final e anotei alguns relatos que fui ouvindo enquanto circulava na sala:

“Realmente se eu tivesse colado mais em cima tinha ficado muito junto ao teu R.”
“Foi melhor assim mais para baixo, porque depois ficou mais espaço em cima.”
“Ficou muito giro, fizemos um bom trabalho de equipa!”

Nesta atividade, a maioria dos alunos participou ativamente, porém, não foi algo unânime, porque nem todos se sentiam à vontade para dar indicações aos colegas. Para colmatar esta falta de confiança, fui circulando pela sala e tentando motivá-los, dizendo-lhes que era importante que todos dessem a sua opinião e que ajudassem o colega que estava no quadro naquele momento.

Ao recorrer aos meus instrumentos de registo, a grelha de avaliação do trabalho desenvolvido que eu preenchi, reflete a participação dos alunos, à exceção de um, que não se sente muito à vontade para comunicar com os colegas e para refletir sobre algo.

“Eu adorei esta atividade porque fez com que eu entenda, e os outros também, que nós devemos cooperar e respeitar-nos.”

“Achei muito legal porque cada um dos colegas pode falar e dar a sua opinião.”

Grelhas de autoavaliação do trabalho desenvolvido (18 de maio de 2021)

No entanto, as grelhas de autoavaliação, demonstram que os alunos conseguiram compreender quais eram os principais objetivos da atividade e, acima de tudo, que comportamentos são adequados.

Ao longo da dinamização da tarefa os alunos foram-se sentindo motivados e com vontade de participar, pois perceberam que era importante que todos eles contribuíssem com a sua opinião acerca do cartaz. Os alunos foram capazes de se respeitar mutuamente, ouvir a opinião do outro e, inclusive, encorajaram-se uns aos outros. Esta atividade, que assentava numa partilha de ideias feita oralmente, serviu para desenvolverem as suas competências sociais e, sobretudo, a comunicação entre o grupo.

A turma mostrou compreender que a comunicação é um elemento fulcral para vivermos em sociedade e, tal como refere Dewey (2002, pp. 23–24),

Uma sociedade é um conjunto de pessoas unidas por estarem a trabalhar de acordo com linhas comuns, animadas dum espírito comum e com referência a objetivos comuns. As necessidades e objetivos comuns exigem um crescente intercâmbio de ideias e uma crescente unidade de sentimentos solidários.

1.4. “Jogo da Memória” (24.05.2021)

O jogo da Memória, cujo tema era a numeração romana, foi realizado no âmbito da Matemática. Foram constituídos, aleatoriamente, grupos de 4 alunos e um grupo de 5 e por acaso, a nível de género, eram grupos homogêneos.

O tema já tinha sido anteriormente abordado, mas eu e o meu par de estágio, decidimos que para consolidar a numeração romana deveríamos fazê-lo de um modo mais lúdico e optámos por um jogo.

O jogo consistia em virarem cartas – umas tinham a numeração árabe (1, 2, 3...) outras tinham a conversão desses mesmo números em numeração romana (I, II, III...) e tinham de associar o número decimal ao número escrito em numeração romana. Por exemplo, se calhasse “10” tinham de tentar virar a carta que tivesse “X”, tendo em conta mobilizaram os conhecimentos adquiridos e relacionaram a numeração romana com os algarismos correspondentes (*apêndice 15*).

Começámos por apresentar um vídeo, com o objetivo de mostrar à turma como surgiu a numeração romana (enquadramento teórico), bem como os símbolos e as regras de construção. De seguida, organizámo-los em 5 grupos e apresentámos o jogo da memória cujo tema era a numeração romana.

A atividade teve a duração de 1 hora e 30 minutos e foi bastante visível a interajuda que existia entre os alunos, pois para passarem ao nível seguinte – em que as cartas já tinham números mais elevados, era necessário que todos os elementos do grupo conseguissem pelo menos dois pares de cartas.

Durante a dinamização fomos apoiando os alunos e ajudando-os a gerir o jogo, pois alguns não conseguiam encontrar os pares correspondentes e ficavam tristes, mas, com a ajuda dos colegas, todos conseguiram superar o desafio. Considero então, que a tarefa decorreu conforme planeado e que todos os grupos compreenderam que só alcançariam o objetivo final (chegar ao 3º nível) se todos os elementos conseguissem acompanhar.

No decorrer da atividade, visto que era um jogo realizado em grupos, os alunos juntaram-se nas mesas e foram jogando e, de modo a recolher informações acerca do trabalho desenvolvido dirigi-me a cada grupo e fui anotando algumas conversas.

Durante a dinamização da atividade circulei pela sala e fui tentando perceber que estratégias adotavam para resolver o jogo. Foi importante observar os comportamentos dos alunos e perceber que, nesta fase, já eram capazes de ter atitudes que demonstravam cooperação e colaboração com os colegas, as mesmas podem ser vistas nos excertos que se seguem.

Grupo da V – para que todos participassem, adotaram a estratégia de fazer por ordem.
<p>V: “A, E, R e eu e fazemos sempre assim” <i>(os colegas concordaram)</i></p> <p>O objetivo do jogo era colocarem as cartas todas viradas para baixo, e viravam uma a uma, tentando encontrar o par correspondente.</p> <p>Existiam seis grupos e, praticamente todos adotaram a estratégia de resolução do grupo V e, ao longo da tarefa, os alunos encorajaram-se uns aos outros, ajudando-se mutuamente.</p> <p>A: “pensa lá bem, se está VIII é...?”</p> <p>R: “então V é igual a 5 e cada I é um, logo, III é 3, 5 mais 3 é 8. Obrigada, A!”</p> <p>B: “eu acho que esta (IV) é 12.”</p> <p>E: “será?”</p> <p>R: “presta atenção B, o I está antes ou depois?”</p> <p><i>(o grupo pediu auxílio e, com a nossa ajuda, conseguiu chegar à resolução)</i></p>

Grupo do G
<p>F: “vai G, tu consegues, é a tua vez.”</p> <p>Y: “queres ajuda? Olha para o quadro, estão lá as indicações de quanto vale cada letra”</p> <p>G (ao abrigo das medidas seletivas): “preciso de ajuda...”</p> <p><i>(o grupo trabalhou em conjunto e possibilitaram que o G participasse, dando-lhe ajuda e mais tempo)</i></p> <p>O objetivo era pelo menos cada elemento ter 2 pares de cartas para passarem ao nível seguinte, em que existiam números mais extensos.</p>

A atividade teve bastante sucesso na medida em que os alunos compreenderam que só conseguiriam atingir o fim se, todos juntos, conseguissem compreender o jogo e cumprir os objetivos propostos, sobretudo, o de terem pelo menos dois pares de cartas cada um.

Grupo do R: (não estavam a perceber a dinâmica)
<p>B: “não estou a acertar nenhum.” <i>(chateado)</i></p> <p>M: “tens de tentar...”</p> <p>E: “vai, joga.”</p> <p>Estagiária Catarina: “quando viram as cartas têm de as mostrar para os colegas verem.” <i>(sugerindo que fizessem uma ordem para todos participarem)</i></p> <p>B: “este é o 11 e o 12, não dá.”</p> <p>M: “agora sou eu ... preciso do número 5.”</p> <p>B: <i>(vira uma carta)</i> “é o 2?”</p> <p>Estagiária Catarina: “tenta estar mais atento.”</p> <p>Restante grupo: “vai B, tens a oportunidade de virar outra carta.”</p>

Grupo da M

K: “eu já percebi que isto é uma questão de sorte!”

N: “sim... é um bocadinho, mas não podemos desistir! Temos de conseguir todos. Não querem chegar ao nível seguinte?”

D: “olhem eu já tenho 3 pares de cartas, posso dar 1 à K que ainda não tem nada e assim é mais fácil de passar para o outro nível!”

K: “obrigada D, foi bem pensado.”

M: “eu também posso dar 1 par, tenho 5!”

Estagiária Catarina: “hum... o que estão vocês a fazer ao ajudarem-se? Não vos lembra nada?”

“Trabalho em equipa!!!” (*todos ao mesmo tempo*)

Os grupos optaram por diferentes abordagens e, alguns deles, até atribuíram papéis a cada elemento do grupo, como por exemplo – um ficava responsável por fazer os cálculos e transformar os números; outro ia dando as indicações da numeração romana; outro ia estando atento ao número de pares de cartas que cada um tinha e o outro estava atento à ordem do jogo, ou seja, se cada colega virava as cartas o mesmo número de vezes.

Grupo do H

J: “eu já joguei este jogo com os meus pais, mas era com figuras, é mais fácil! Assim ainda temos de fazer contas.”

M: “eu sei qual é o jogo, acho que também tenho. Temos de fazer contas sim... mas se fizermos no papel é fácil. Eu sou muito boa a matemática, posso ficar com essa parte.”

R: “olha é uma boa ideia, assim ajudamo-nos todos.”

Estagiária Catarina: “eu também acho uma boa ideia, mas M em vez de fazer logo a operação toda, vai dando dicas aos colegas de como se faz, para ver se eles conseguem perceber a numeração!”

(*todos concordaram*)

No fim, nem todos os grupos conseguiram atingir o último nível, no entanto, as aprendizagens que realizaram foram enriquecedoras e conseguiram acompanhar a matéria. Como já referi, na turma existiam diferentes níveis de aprendizagens e as vitórias

de uns não são as mesmas de outros. Existiam alunos cuja sua ambição era chegar ao número mais alto, mas existiam outros focados em compreender a estratégia da numeração romana. Foi relevante que existisse pelo menos um elemento por grupo que compreendeu o objetivo da tarefa, pois deste modo foi capaz de auxiliar os colegas, partilhando as suas ideias, contribuindo assim para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem.

Posto isso, considero que todos eles tiraram proveito da atividade e que conseguiram aprender um conteúdo novo de um modo mais lúdico, cooperando com os pares e as estagiárias. As relações que os alunos mantêm entre si promovem um bom ambiente de trabalho e, consequentemente, o sucesso escolar de cada um (Balça et al., 2018, p. 33).

Surgiu uma situação de uma aluna que queria ser só ela a mexer e virar as cartas, pedimos-lhe que olhasse ao seu redor e observasse os restantes grupos a trabalharem, de modo a compreender o que é trabalhar em grupo. Rapidamente percebeu que tinha de dar oportunidade a todos os colegas de virarem as cartas.

Nota de Campo (24 de maio de 2021)

Os registos que fiz ao longo da atividade permitiram-me refletir acerca da mesma e compreender se os objetivos propostos inicialmente tinham sido cumpridos.

Existia um grupo de cinco alunos e existia um aluno com mais facilidade em relação ao restante grupo, o que acontecia é que os outros elementos não se esforçavam e passaram à fase seguinte só com o contributo do Y. Eu e o meu par decidimos então mudar esse elemento do grupo e ficámos a auxiliar aquele grupo, solicitando que recorressem a uma folha para apontarem os números.

Nota de Campo (24 de maio de 2021)

Esta tarefa teve mais adesão por parte da turma do que eu esperava, sendo que se tratava de uma atividade no âmbito da Matemática, pensei que não iriam estar tão motivados. No entanto, sempre que as atividades eram realizadas em pares ou grupo, o entusiasmo dos alunos era imediato. Todos os grupos revelaram atitudes de cooperação –

ouviam o colega; ajudavam-se mutuamente e, sobretudo, encorajavam-se uns aos outros e mostravam que errar não tem problema.

Futuramente, alteraria apenas uma regra do jogo, em vez de ter a conotação individual – em que cada elemento tinha de ter pelo menos 2 pares de cartas, colocaria um limite a nível grupal. Ou seja, o grupo teria de ter pelo menos 8 pares de cartas para conseguir passar ao nível seguinte. Esta alteração deve-se, sobretudo, à possibilidade de os alunos que tinham mais pares de cartas ficarem desmotivados.

Nesta atividade não apliquei as grelhas de autoavaliação, sobretudo porque inicialmente não tinha colocado como foco desta tarefa a cooperação, foi uma planificação que somente quando aplicada é que refletiu bem a importância do trabalho cooperativo e o efeito que o mesmo teve em cada aluno. No fundo, esta atividade ajudou-me a perceber que todo o processo valeu a pena e que as crianças beneficiam deste trabalho em equipa.

Foquei-me então em apontar todos os diálogos que fui ouvindo, em observar o comportamento da turma e, considero que as notas de campo espelham bem o que descrevi e mostram que a atividade foi realizada com sucesso e que é possível realizar-se um trabalho cooperativo em todas as áreas curriculares.

Como investigadora, considero que todos os instrumentos de registo foram relevantes, no entanto, as notas de campo permitiram “um enquadramento da relação face a face, valorizando as trocas afetivas mobilizadas na interação pessoal e escutando a fala do sujeito” (Gomes Campos, 2000, p. 4). Ao analisar os dados recolhidos, as notas de campo possibilitaram que fizesse uma transcrição de conversas, observações e análises registadas no momento das atividades.

1.5. “Jogo *Kula*” (02.06.2021)

O jogo *Kula* foi um grande impulsionador do meu interesse pela aprendizagem cooperativa. Pensado e desenhado por uma Psicóloga Clínica e por uma Professora de Yoga e Designer Gráfica, cujo o seu grande objetivo prende-se com a necessidade de criar um jogo divertido que refletisse os conceitos e valores em que as mesmas acreditam. É

um jogo que oferece ferramentas lúdicas de mindfulness e gestão socioemocional, para que cada participante possa desenvolver o seu próprio autoconhecimento e as suas capacidades de comunicação e de relação.

De seguida, apresento as regras do *Kula* e algumas das cartas que selecionei para jogar com a turma:

JOGO KULA	
<u>Regras do jogo:</u>	
Duração – cerca de 30 minutos.	
Local – exterior.	
<ol style="list-style-type: none">1. Formam-se equipas de 4/5 jogadores, cada equipa joga à vez, tentando ser a primeira a conquistar 7 bolas pintadas (independentemente da cor). Para isso, têm de conseguir completar o desafio proposto, mas em grupo, sendo que o exercício é realizado em conjunto e todos os membros da equipa têm de cooperar, para que todos consigam realizá-lo. Caso um dos elementos não consiga completar o desafio, não ganham a bola e passam a vez ao próximo grupo.2. Cada equipa lança o dado (vermelho) para decidir a ordem pela qual vão jogar, começa a equipa a que sair maior pontuação.3. O professor baralha as cartas, que irão ser colocadas viradas para baixo, num monte acessível a todos. À vez, cada equipa tira uma carta com o desafio, podendo ganhar uma bolinha da cor que está no cabeçalho da carta. Se conseguirem realizar o desafio, a carta voltará para o fim do baralho.4. Após tirar a carta, cada equipa lança o dado (branco), para estabelecer o tempo do desafio, sendo que cada ponto do dado equivale a 10 segundos. Exemplo, se calhar 5, o exercício durará 50 segundos.	

A dinamização do jogo está interligada com a emergência de educarmos pela positiva, contribuindo para uma sociedade mais saudável, prática, solidária e empoderada. Ao dinamizar este jogo com a turma pretendia, acima de tudo, desenvolver valores como o respeito mútuo, a interajuda e a cooperação. Pretendia mostrar-lhes que através de um jogo e brincadeira podem realizar-se aprendizagens significativas, sobretudo ao nível das relações sociais e da confiança.

Os principais objetivos do jogo são trabalhar em equipa para atingir o fim proposto e escutar e valorizar a participação de cada colega, só deste modo conseguiriam aproveitar ao máximo o momento. Para que todos os alunos conseguissem fazer o que se pedia na carta, selecionei previamente algumas cartas (*apêndice 18*). Sendo que, a maioria dos alunos, cooperou com o restante grupo, ouviu as minhas indicações, ajudou os colegas e respeitou as intervenções de cada um.

Kula significa família ou tribo e, este jogo tem como finalidade alcançar um objetivo comum – conseguir de uma forma simples aquilo em que acreditamos ser importante para todos, ou seja, autoconhecimento; compreensão e identificação das emoções e dos pensamentos; saber viver o presente; lidar com o stress do dia-a-dia e desenvolver a autoconsciência e a aceitação do outro.

O *Kula*, ao ser aplicado nas escolas, poderá contribuir para o sucesso escolar, para a diminuição de dificuldades de concentração, frustração e/ou desafios. Por sua vez, pretende-se que através de um método mais lúdico, os alunos sejam capazes aumentar o seu rendimento escolar, os níveis de concentração e a motivação para aprenderem os conteúdos abordados.

Comecei por formar os grupos, mas, desta vez, fi-lo de modo intencional, criei grupos heterogêneos, nos quais se encontravam alunos com mais dificuldades e mais distraídos, porque percebi que assim conseguiam manter-se mais calmos e participativos, oferecendo mais estabilidade ao grupo. O jogo foi realizado no exterior, por haver a necessidade de estarem sentados em rodas com o grupo correspondente e, logo aí, os alunos ficaram bastante entusiasmados com a ideia. Quando fomos para o pátio os grupos já iam juntos e espalharam-se pelo espaço (*apêndice 16*) e, assim que houve silêncio, expliquei-lhes as regras do jogo e respondi a algumas dúvidas.

O jogo contém 77 cartas, no entanto, posteriormente, eu selecionei apenas as que considerei que seriam relevantes para o meu estudo e que dariam para utilizar na turma em questão. Criei também regras diferentes, mas cujo objetivo se mantinha – fazê-los compreender que as competências sociais e as relações interpessoais que mantêm têm uma grande influência no processo de ensino-aprendizagem. Foi importante adaptar o jogo às necessidades dos alunos, ao espaço e ao meu objeto de estudo, só deste modo consegui tirar proveito da atividade, bem como os alunos.

Por se tratar de uma atividade no exterior, o comportamento dos alunos não foi tão exemplar como nas outras atividades, os alunos não conseguiram manter-se tão atentos e existiu sempre algum barulho de fundo que condicionou a atividade. Apesar disso, quando eram chamados à atenção compreendiam a necessidade de fazerem silêncio e de estarem atentos ao jogo, respeitando a vez de cada grupo.

Os alunos colaboraram bastante uns entre os outros e perceberam que o objetivo principal era que todos os elementos fossem capazes de cumprir o desafio – obter as 7 bolinhas pintadas (*apêndice 17*), o que fez com que se ajudassem mutuamente e motivassem os colegas, mesmo aqueles que não faziam parte do grupo iam dando dicas.

No final, pedi que em grupo refletissem sobre a atividade e que contribuíssem com a sua opinião para toda a turma ouvir.

Opiniões dos grupos acerca da atividade
Grupo 1 – “Achámos divertido, porque trabalhamos em grupo e é fixe.”
Grupo 2 – “O jogo tem várias cartas e como só conseguimos ganhar a bolinha se todos conseguirem, temos de trabalhar em grupo e ajudarmo-nos uns aos outros.”
Grupo 3 – “Gostámos do jogo porque foi em equipa, deu para brincar e tivemos de prestar muita atenção.”
Grupo 4 – “Divertimo-nos com os colegas e ao mesmo tempo aprendemos.”
Grupo 5 – “Foi engraçado porque tentámos que todos os colegas fizessem o que a carta dizia e tivemos de nos apoiar.”

Através do contributo das crianças, é possível verificar-se que com o desenvolvimento desta atividade os alunos foram capazes de aprender e brincar. Tal como referem Balça et al. (2018, p. 34),

O facto de ser uma metodologia diferente, por si só já desperta o interesse dos alunos, mais ainda se lhe adicionarmos a componente lúdica. Esta é uma demonstração clara do gosto e motivação pela metodologia cooperativa e pela aprendizagem através desta.

De todas as atividades desenvolvidas, esta foi aquela que eu, enquanto futura professora de 1ºCiclo, faria mais alterações nas regras. No entanto, considero que só a

possibilidade de haver disponível um espaço fechado, como por exemplo um ginásio, já faria muita diferença e mudaria a dinâmica da turma. O facto de ter sido realizada na rua causou algum constrangimento e as crianças estavam constantemente distraídas.

Apesar das dificuldades que já enunciei, considero que a atividade teve alguma relevância na turma, sobretudo, a nível comportamental, pois compreenderam que se não estiverem atentos e a cooperar com os colegas e o professor os objetivos definidos não serão atingidos.

É possível afirmar, com a análise das grelhas de autoavaliação, que este jogo teve relevância para os alunos. Deram a sua opinião e, regra geral, consideraram que esta tarefa os ajudou a perceber melhor como é trabalhar em equipa e, sobretudo, que o objetivo comum só é atingido se todos os elementos do grupo forem capazes de o cumprir.

Futuramente, com o objetivo de a atividade ser realizada com mais sucesso, penso que seria relevante proporcionar uma discussão de ideias para analisarem o seu comportamento; dar-lhes a possibilidade de terem um momento de relaxamento antes da atividade e recordar, as vezes necessárias, as regras e os objetivos da atividade (Lopes & Silva, 2009).

1.6. Conceções acerca do trabalho cooperativo

→ Conceções da professora

Tal como referi no capítulo II da metodologia, realizei duas entrevistas com o objetivo de recolher as conceções da professora e dos alunos acerca da aprendizagem cooperativa, do trabalho realizado e da relevância das atividades realizadas durante o projeto. As entrevistas permitiram uma análise mais detalhada acerca das suas perspetivas sobre o papel do professor e da influência dos alunos, no que diz respeito à aprendizagem cooperativa.

A primeira entrevista foi realizada à professora e uma das questões colocadas referia-se à frequência com que incentivava as crianças a trabalharem com os colegas e a ajudarem-se. Após colocada esta questão e, também no decorrer da entrevista, consegui perceber que a situação pandémica que se vive atualmente tem trazido alguns constrangimentos à

sua prática. No que diz respeito ao trabalho cooperativo, não tem sido possível realizar tantas atividades como desejaria devido às restrições.

A professora frisou que, “neste momento é mais complicado por causa da pandemia, não é permitido... muitas vezes tinha a sala organizada em grupo, não tinha sempre a sala da mesma forma, dependia das turmas, umas funcionam bem em grupo e outras não. Ajustava às necessidades e dinâmica e o barulho da sala de aula. Nós temos que adaptar. Se os grupos forem homogêneos, é favorável o trabalho em grupo.”

Este obstáculo acabou por influenciar a dinâmica da professora e, sobretudo, dos alunos. O facto de não trabalharem em grupo e/ou pares impossibilita-os de estreitarem as relações com os pares e de desenvolverem as suas competências sociais. A docente refere que “temos que ter em atenção que eles não estão muito habituados e rotinados a trabalhar em grupo, e trabalhar em grupo também se aprende. Eles precisam de trabalhar em grupo para aprender a trabalhar em grupo. Se há uns que têm mais facilidade em fazê-lo, há outros que não sabem.” Esta opinião foi bastante interessante, porque a realidade é que se nós, docentes, não trabalharmos e incentivarmos os alunos a cooperarem e trabalharem em equipa eles não vão conseguir entender a relevância do mesmo.

Outra questão dizia respeito à existência de um número ideal de alunos por grupo, ou seja, se a dimensão dos grupos poderia ser um fator que influenciava a dinâmica do grupo e o resultado das aprendizagens. Ao qual a professora cooperante afirma que, na sua opinião, “Não há um número ideal, depende da tarefa. Há tarefas em que podem estar mais alunos, outras menos. Tem que se adequar o grupo à tarefa.”

Os autores Johnson, Johnson, & Holubec (1999, p.17), citados por Sá (2015, p. 35) consideram que não há dimensão ideal para constituir um grupo. No entanto, referem alguns pontos que devemos ter em atenção quando os constituímos, entre os quais:

- Ao aumentar a quantidade de membros do grupo aumenta-se a gama de destrezas e capacidades presentes;
- Quanto mais numerosos são os grupos mais habilidades devem desenvolver para que todos tenham a oportunidade de se expressarem;
- Ao aumentar a dimensão do grupo diminuem as interações pessoais entre os membros do grupo;

- Quanto mais reduzido for o grupo mais fácil será para o professor detetar dificuldades dos alunos.

Com o decorrer do estágio, este aspeto do número de elementos por grupo, foi algo que fui desmistificando e compreendendo que certas tarefas serão mais ricas quando realizadas em pares, no caso específico da atividade “Desenho às cegas”, por exemplo. Outras, poderão ser mais prazerosas e trazer mais benefício aos alunos, quando realizadas em grupos maiores (4/5 elementos), como o “Jogo Kula”.

A estratégia do trabalho cooperativo tem uma característica que considero relevante que é a facilidade de adaptação ao contexto. Assim sendo, pensei que seria pertinente questionar a docente acerca do modo como adaptava as tarefas aos vários alunos. A professora referiu “dou mais tempo àqueles que precisam, é aí que tento adequar e altero a estratégia. O trabalho é igual para todos porque eles têm de chegar ao fim.”

Uma questão que também foi relevante colocar dizia respeito às vantagens e desvantagens da aprendizagem cooperativa. A docente considera que a motivação é uma das maiores vantagens, afirmando “motivação acima de tudo”. Quando adapta as tarefas tem isso em atenção, referindo que “até para a motivação do aluno, ficam mais motivados se tiverem a mesma tarefa e, mesmo que seja com a minha ajuda, eles conseguem atingir o objetivo, do que se tiverem sempre trabalho diferenciado, aí distingui-os logo.”

Como desvantagem, a docente refere-se à dispersão da responsabilidade que, tal como referem Lopes & Silva, 2009, p. 49, citando Slavin (1999), quando as estratégias cooperativas não são adequadamente utilizadas, podem fazer com que “alguns alunos vivam à pala dos outros”. A professora afirma que “às vezes, quando eles não gostam de trabalhar acabam por se encostar um bocadinho ao vizinho do lado.”

Em relação ao trabalho que desenvolvi, a professora referiu que considera que a minha atitude foi positiva, mas que os alunos têm alguma dificuldade em corresponder às nossas expectativas. Afirmando “eles estão habituados a videojogos e vivem fechados no mundo deles. Sempre que têm de estar parados e esperar não conseguem, têm de estar ativos e de ter sempre um estímulo. Na sala isso é muito notório porque têm de estar mais quietos e sentados.” Esta afirmação suscitou algum interesse da minha parte, pois faço parte de outra geração, tenho irmãos e considero que, infelizmente, nos dias que correm a vida

deles baseia-se bastante na Internet, redes sociais e tecnologias no geral. Fez-me repensar a importância que o meu projeto pode ter e de que modo poderei, enquanto futura professora de 1º Ciclo, combater a dependência das tecnologias e motivar os alunos para o desenvolvimento das competências sociais, esquecendo os ecrãs.

Relativamente ao comportamento dos alunos face às atividades realizadas, a professora considera que “é difícil mantê-los focados “sem nada”. Os focos de mau comportamento mantinham-se, independentemente das atividades.” Estou totalmente de acordo com esta afirmação, porém, quero acreditar que as atividades desenvolvidas, por serem mais lúdicas e dinâmicas, tenham contribuído para uma melhoria no comportamento da turma.

Por fim, a docente considera que os alunos beneficiaram deste projeto, das tarefas realizadas, da dinâmica e acima de tudo “aperceberem-se da importância de se ajudarem uns aos outros, de se respeitarem.” A estratégia da aprendizagem cooperativa oferece aos alunos a possibilidade de terem um papel mais ativo e de serem elementos centrais no processo de ensino-aprendizagem. Como referem Cunha & Uva (2016, p. 5), citando Freitas e Freitas (2003, p.9), é “proporcionada uma série de atividades, através de uma metodologia servida por um conjunto de técnicas específicas a utilizar em situações educativas”. Estas são atividades “onde mobilizam para além dos conteúdos programáticos, conhecimentos e competências sociais que não são fomentadas e desenvolvidas nas aulas de ensino tradicionais.” (Cunha & Uva, 2016, p. 5).

A professora mostrou, no decorrer do estágio, que reconhecia a importância da aprendizagem cooperativa e, sobretudo, a emergência de educarmos pela positiva, como já referi. É relevante que tenhamos noção de que as crianças de hoje, serão os adultos de amanhã. Quanto mais cedo os motivarmos a desenvolver a empatia, a solidariedade, o respeito mútuo, entre outros valores, mais cedo eles irão compreender a relevância destes aspetos para a vida em sociedade.

→ Conceções dos alunos

A primeira questão que fiz aos alunos foi bastante direta e fechada, pretendia saber o que eles achavam acerca do trabalho cooperativo e obtive respostas que considero muito

positivas: “Eu acho que esse trabalho foi muito bom para nós entendermos a opinião das pessoas. Trabalhar em equipa e respeitarmo-nos uns aos outros é muito certo.” (aluno X); “O trabalho em equipa vai sempre ajudar-nos na vida, porque há momentos em que nós não vamos conseguir fazer algo sozinhos e precisamos de alguém. O trabalho em equipa foi uma ideia muito boa para nós também treinarmos o estudo e perceber que vamos sempre precisar de alguém.” (aluno Z) Foi gratificante ouvir os testemunhos dos alunos e perceber que este estudo pode ter contribuído para a aprendizagem das crianças.

Tentei que a entrevista às crianças fosse algo mais informal, que se tratasse de uma conversa em que cada um deles partilhava a sua opinião. A segunda questão baseava-se na relação da turma e se a mesma seria facilitadora das aprendizagens realizadas. Os alunos referiram que “devemos sempre ajudar o colega e dar-lhes confiança.”; nós ajudamo-nos uns aos outros.”

Mas, existiu uma conceção que me despertou especial interesse, o aluno Y referiu “as pessoas com quem temos mais contacto vai ser sempre mais fácil de lidar. Uma pessoa a quem eu não seja tão chegado eu não vou dar-me tanto. Num trabalho em equipa eu vou lidar melhor com alguém que conheça melhor, porque a relação facilita o trabalho em equipa.” Foi particularmente interessante ouvir este testemunho, porque é uma realidade que vivemos mas, que também temos de aprender a desmistificar e, sobretudo, a sair da nossa zona de conforto – conhecer novas pessoas e dar-nos a conhecer. Em diversos momentos da nossa vida iremos cruzar-nos com várias pessoas e, se tivermos ferramentas que nos ajudem a lidar e a viver com a comunidade do contexto em que estamos inseridos só iremos beneficiar

Abordámos o facto de terem sido realizadas atividades em grupos e/ou pares e, perguntei-lhes se consideravam que as atividades realizadas teriam corrido melhor se as tivessem realizado sozinhos ou se em grupo/pares foi mais positivo. A resposta a esta questão foi unânime, um aluno respondeu e os restantes concordaram “para trabalhar em equipa é preciso aprender, e se trabalharmos em grupo ou dupla vai sempre mais fácil. Se dá para aprender as matérias sozinho? Dá, mas, em grupo, sendo que é um trabalho em cooperação vai ser melhor.” (aluno Y).

Como já referi, o processo de desenvolvimento das tarefas exige a participação ativa e unânime de todos os elementos, devendo estar consciencializados de que só atingem o

objetivo final se todos conseguirem. O contributo dos alunos revelou então que entenderam o valor da cooperação. Sendo que “um dos aspetos mais importantes presentes nesta metodologia é a aceitação, por parte de todos os elementos do grupo, de que só conseguem alcançar os seus objetivos individuais se os restantes membros alcançarem os seus.” (Cunha & Uva, 2016, p. 6).

Seguindo esta linha da cooperação questionei se achavam que esta estratégia de trabalho em grupo/pares facilitava a aprendizagem. Ao qual obtive respostas como “Eu acho que sim, porque há gente que tem mais dificuldade e assim nós conseguimos ajudar.” (aluno X). Mas, por outro lado, também obtive a seguinte resposta “Eu não gosto muito de trabalhar em equipa, eu sou uma pessoa que se puder escolher prefiro fazer sozinho porque alguém pode atrasar-me. Mas, eu gosto muito de ajudar, mas prefiro fazer desportos. Focado em estudo prefiro sozinho, mas, mesmo assim, acho que ajudou muito.” (aluno Y). Sendo que os contributos dos alunos dizem respeito apenas e só à sua opinião, não posso caracterizá-los como corretos ou incorretos. No entanto, conhecendo os alunos em questão e o modo como os mesmos se comportam em sala de aula, compreendo as suas opiniões e destaco que apesar de o aluno Y não se identificar tanto com esta estratégia do trabalho cooperativo, foi um aluno que sempre participou ativamente, incentivou os alunos e mostrou compreender os valores implícitos às várias atividades.

As atividades realizadas tiveram sempre subentendidas as características da aprendizagem cooperativa. Questionei-os se consideravam que, antes da minha chegada, já realizavam um trabalho cooperativo. Os alunos concordaram com as ideias que os colegas iam partilhando, “Nós não éramos muito amigos uns dos outros, quando comecei a dar-me mais com os colegas e a trabalhar em equipa foi mais fácil.” (aluno X); “O que aconteceu foi que trabalhámos tanto em equipa que até esquecemos o que era trabalhar sozinhos. Gostámos muito e já estávamos habituados. Agora entendemos o que é e estamos mais a cooperar um com o outro.” (aluno W).

Todos estes contributos foram bastante relevantes para o meu estudo, quer para me ajudar a perceber se as atividades estavam realmente adequadas ao objeto de estudo, como para compreender as conceções dos envolvidos. Pois, tal como Cunha & Uva (2016, p. 10) mencionam “As crianças dão um contributo essencial para o estudo, uma vez que

desempenham um papel fundamental na compreensão das práticas educativas. Sendo elementar dar maior importância ao que as crianças têm a dizer.”

Capítulo IV – Considerações finais

Neste último capítulo irei fazer um balanço acerca de todo o processo que envolveu este projeto, que tem como finalidade refletir e partilhar as aprendizagens realizadas ao longo da minha investigação. Pretendo evidenciar de que modo as experiências vividas influenciaram a minha visão sobre este tema e a minha pessoa. Irei refletir acerca das dificuldades sentidas, do modo como as ultrapassei e da gestão de expectativas em relação ao projeto, desde o momento da escolha do tema até ao fim do estágio e da realização deste relatório.

Estando já na reta final e sendo o último estágio a realizar, sentia uma grande ansiedade e as minhas expectativas eram elevadas, porque queria muito conseguir integrar-me na turma e ter uma boa relação com os alunos, a professora cooperante e a colega com quem formei par de estágio. Este estágio tinha ainda uma maior importância na medida em que implementei estratégias para estudar, realizar intervenções, conceber e desenvolver tarefas escolhido para o tema do meu projeto de investigação.

A primeira dificuldade com que me deparei foi mesmo a formulação da questão de investigação. Eu sabia que queria trabalhar algo relacionado com a cooperação, o trabalho em equipa, que refletisse a importância das relações interpessoais que se desenvolvem dentro de uma sala de aula. Com a ajuda da professora orientadora da tese, consegui estreitar as minhas dúvidas e chegar à questão problema “Que estratégias de trabalho cooperativo se podem implementar numa turma do 1º ciclo do Ensino Básico, de modo a incentivar a participação dos alunos?”

Assim que cheguei ao contexto de estágio, coloquei todas as minhas atenções nas crianças e na pedagogia da professora cooperante. Como já referi anteriormente, a receção da turma e da docente facilitaram a minha integração na sala de aula e, por sua vez, a minha investigação. Realizar mais um estágio num ambiente de pandemia não foi fácil pois as medidas causaram um distanciamento e dificultaram o envolvimento entre o professor-aluno e o aluno-aluno, tendo que cumprir as medidas em vigor, tais como: o distanciamento social e o uso de máscara (que causa algum incómodo pois, por vezes, as crianças não compreendem o que estamos a dizer e, entre si mesmas, também é difícil de se entenderem).

Sinto que me fui integrando gradualmente, respeitando a dinâmica da turma, cada criança individualmente e também a prática da professora cooperante. Com o passar do tempo fui tendo uma maior percepção de como se organizavam as rotinas e qual a organização da sala.

A minha abordagem com a turma assentou, desde início, na partilha de ideias e experiências e penso que isto teve um peso positivo no desenvolvimento do estágio. Por isso, procurei observar e analisar o comportamento e as atitudes das crianças e a relevância que as atividades tiveram. No entanto, é de ressaltar que também observei e tomei notas de momentos que foram acontecendo, não seguindo uma planificação. Estes eram momentos espontâneos e puros, em que as crianças demonstravam cooperar.

Na minha opinião, assumi uma postura calma, mas assertiva, o que permitiu que, gradualmente, chegasse a cada criança, tentando, através de diálogo: saber mais sobre eles; o que gostavam de fazer nos tempos livres e, penso que consegui, aos poucos, criar uma relação de proximidade com o grupo, mostrando-lhes confiança e segurança, respeitando o tempo e a vontade de cada um, a pensar no bem-estar de cada um deles. Esta relação facilitou a realização das atividades planificadas, cujo foco era trabalhar a cooperação em pares ou em grupos – que, a meu ver, é algo bastante enriquecedor. Os alunos aprendem a trabalhar em grupo, a respeitar a opinião do outro e a saber escutar, aproveitando as particularidades de cada elemento para a realização da tarefa.

É relevante enunciar que o papel dos alunos teve um grande impacto no desenvolvimento das atividades. Se não tivesse contado com a entrega e participação ativa do grupo não seria possível ter recolhido dados para realizar o projeto de investigação. A relação entre a estagiária e o aluno assume, também, um papel muito importante, a comunicação é um aspeto fulcral para a compreensão do tema. Pois, tal como referem Lopes & Silva (2009, p. 56) “Sem compreenderem as metas, objetivos e procedimentos, a aprendizagem cooperativa não pode ser um sucesso.”

No entanto, é óbvio que surgiram mais dificuldades durante todo este processo, como a escassez de materiais. A partir do momento em que começámos a planificar, percebemos que havia alguma necessidade a nível de recursos, entre eles, projetor, colunas, a existência de um computador avariado, as falhas na internet, entre outras.

Sendo que um dos nossos grandes objetivos como estagiárias era, também, trazer para a sala novos recursos e uma nova abordagem ao manual, pensámos que assim se tornaria mais difícil. No entanto e, apesar da falta de recursos, ao longo das semanas fomos conseguindo realizar atividades mais dinâmicas. Conseguimos arranjar um projetor e uma coluna e assim, conseguíamos fazer e apresentar PowerPoints, visionar vídeos, fazer a correção dos exercícios entre outras tarefas, a existência destes dois recursos veio facilitar o nosso trabalho.

Outra dificuldade foi a falta de tempo, considero que necessitava de mais tempo com as crianças, mais tempo para implementar novas estratégias e perceber quais realmente se adequavam ao contexto em que estive. No entanto, estas nove semanas deram-me muitas bases para a aprofundar. Foi-me possível observar como é que as crianças se empenharam nas atividades, de modo a atingirem os objetivos propostos.

Esta falta de tempo revelou-se também numa dificuldade em conseguir registar de imediato alguns acontecimentos, diálogos e balanços sobre as atividades. Anteriormente referi que tinha criado grelhas de observação das atividades realizadas, que eram preenchidas por mim no decorrer de cada atividade. No entanto, existiram algumas atividades em que não tive oportunidade de as preencher devido, também, à falta de tempo. Para colmatar esta dificuldade, além dos registos escritos no meu bloco de notas, recorri também a registos multimédia – fotografias e vídeos, que posteriormente me permitiram uma análise mais pormenorizada, de onde surgiam informações pertinentes e mais detalhadas. Por vezes, escrevia pequenas expressões que, mais tarde, me remetiam ao momento e escrevia anotações mais pormenorizadas.

As entrevistas realizadas, tanto à professora como aos alunos, também me deram algumas respostas em relação ao trabalho que desenvolvi, mas também, relativamente à opinião de cada um deles acerca do tema. Permitiram-me uma análise mais atenta acerca do papel do professor e do contributo fundamental das crianças para o desenvolvimento do projeto. As conceções da professora e dos alunos foram bastante interessantes e o momento de partilha das mesmas foi enriquecedor e todos beneficiámos do mesmo. Na minha opinião, este levantamento de ideias foi fulcral para que eu conseguisse refletir acerca do (meu) trabalho desenvolvido; que aspetos devo melhorar e manter; se a minha atitude facilitou o ensino das aprendizagens, entre outros aspetos.

Ao implementar este projeto, tinha como responsabilidade ser interlocutora e proporcionar aprendizagens significativas aos alunos. Tal como refere Moreira, 2019, p. XVIII)

(...) o professor, como interlocutor qualificado, passa a ser entendido como alguém que estimula, negocia e cria as condições para que os seus alunos adquiram autonomia intelectual e sócio-moral, tornando-se, assim, capazes de utilizar e de recriar os instrumentos, as informações e os procedimentos que lhes permitam pensar o mundo que os rodeia e agir aí de forma informada e eticamente congruente com os valores próprios de uma sociedade democrática.

Considero que devo manter a minha atitude assertiva mas, ponderada e estas experiências têm-me enriquecido, tanto a nível pessoal como profissional. Ser professor é muito mais do que ensinar e eu valorizo bastante as relações existentes no contexto e a importância de uma boa prática para o desenvolvimento de aprendizagens, contando com a participação ativa das crianças.

Ao olhar para trás e refletir sobre a minha evolução no decorrer do estágio, considero que as minhas dificuldades começaram a dissipar-se e a dar lugar a certezas e a aprendizagens. As atividades realizadas e todos os momentos com a turma ajudaram-me a perceber que cooperação é um elemento fulcral para a vida e que todo o ser humano deveria ter oportunidades para aprender a cooperar, reconhecer e valorizar esta forma de trabalhar e estar com os outros. Foi relevante contar o contributo dos alunos nos debates, nas discussões, onde partilhávamos ideias e fomentávamos valores como o respeito, a aceitação, a solidariedade e, acima de tudo, a cooperação entre os pares.

No decorrer deste estágio a minha atitude foi-se alterando, nas primeiras semanas acabei por me focar mais do que devia na escassez de materiais e nas dificuldades que isso nos poderia trazer, somando a isso, o facto de ter muitos alunos de outras nacionalidades comprometia a comunicação e, nos primeiros dias, sentia-me um pouco triste e com dúvidas se iria correr bem e, acima de tudo, se eu iria conseguir realizar atividades baseadas no tema do meu projeto. Apesar disso, com o passar do tempo e sendo que arranjámos soluções e conseguimos dar respostas às várias dificuldades com que nos deparamos, consegui “soltar-me” mais e assumir uma postura mais descontraída. A

professora cooperante, neste sentido, também nos deu muito apoio e incentivo, dizendo que estávamos a fazer mais do que aquilo que estava ao nosso alcance.

Como futura professora de 1º Ciclo, considero que para implementar estratégias cooperativas existem muitos passos a seguir, como por exemplo: a implementação de regras construídas em conjunto com os alunos; a organização do espaço da sala de aula; a distribuição de tarefas; a oferta variada de atividades, entre outros. Sendo que, o foco de todos estes aspetos deve ser a criança, as relações interpessoais e o desenvolvimento das competências sociais, que irão beneficiar do trabalho cooperativo.

Com este projeto pretendia perceber de que modo a aprendizagem cooperativa poderia revelar-se um contributo para a participação ativa dos alunos nas diversas atividades realizadas em sala de aula. A motivação foi um elemento-chave para conseguir cativar os alunos, foi relevante mostrar-lhes que, juntos, conseguiriam alcançar os objetivos propostos e que todos, independentemente das suas capacidades, iriam contribuir para o sucesso do grupo/par.

É importante que tenhamos a perceção de que a criança não se vai “desenvolver com o tempo, pois esta não tem, por si só, instrumentos para percorrer sozinha o caminho do desenvolvimento, que dependerá das suas aprendizagens mediante as experiências a que foi exposta.” (Rabello & Passos, n.d., p. 6). O papel do adulto é muito relevante durante todo este processo e, as estratégias que implementei tinham como objetivo desenvolver nas crianças o sentido de cooperação e de os guiar nesse caminho, mostrando que quando o trabalho é realizado em equipa todos podem beneficiar do mesmo.

Este papel do professor trará resultados quando “as crianças, possuindo habilidades parciais, as desenvolvem com a ajuda de parceiros mais habilitados (mediadores) até que tais habilidades passem de parciais a totais.” (Rabello & Passos, n.d., p. 7).

Por fim, resta-me apenas refletir que, cada vez mais, sinto que sei o que é ser professor, o que é planificar e o que é estar perante uma turma com diversos graus de aprendizagem. Neste estágio consegui dar resposta a algumas das questões que ainda existiam e sinto que esta foi uma experiência da qual não me esquecerei e que me marcou pessoal e profissionalmente. Pretendo trazer para a minha sala testemunhos que recolhi neste

estágio, pois assumem um papel muito importante por ter sido o primeiro contacto tão direto e influente no tema do trabalho cooperativo.

Bibliografia

- Afonso, N. (2014). *Investigação Naturalista em Educação – um guia prático e crítico*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.
- Balça, Â., Pomar, C., Costa, C., Bezelga, I., Moreira, L. & Magalhães, O. (2018). *A Formação de Educador@s e Professor@s: Olhares a partir da UniverCidade de Évora*. 1ª Edição. CIEP | UE. www.ciep.uevora.pt
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Persona Editores
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação - Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto Editora.
- Carmo, H. & Ferreira, M. M. (2008). *Metodologia da Investigação - Guia para Auto-Aprendizagem*. 2ª Edição. www.univ-ab.pt
- Carromeu, T. (2017). *O Trabalho Cooperativo como contexto facilitador de Aprendizagens*. [Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico de Setúbal]. Repositório Comum. <http://hdl.handle.net/10400.26/19909>
- Coutinho, C. P. (2018). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: teoria e prática*. 2ª Edição. Edições Almedina.
- Cunha, F. & Uva, M. (2017). *A Aprendizagem Cooperativa: Perspetiva de Docentes e Crianças*. Perspetivas e olhares sobre problemáticas educativas no âmbito da intervenção precoce e educação especial. Vol. 12 N.º 41. <https://doi.org/10.25755/int.10839>
- Dewey, J. (2002). *A Escola e a Sociedade e a Criança e o Currículo*. Relógio D'Água.
- Dias, A. (2015). *O Ensino por Investigação e a Aprendizagem Cooperativa no 1.º Ciclo do Ensino Básico - A influência da aprendizagem cooperativa na aprendizagem dos alunos em atividades investigativas*. [Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico de Setúbal]. Repositório Comum. <http://hdl.handle.net/10400.26/8266>

- Gil, A. Carlos. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6ª Edição. Atlas.
- Gomes C. (2000). *Metodologia qualitativa e método clínico-qualitativo: um panorama geral de seus conceitos e fundamentos*. Introdução à metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: definição e principais características. Revista Portuguesa de Psicossomática. 93–108.
- Jacó, J. (2012). *O papel da Aprendizagem Cooperativa na promoção da socialização e do sucesso académico em crianças da Educação Pré-Escolar e do 1º Ciclo do Ensino Básico*. [Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico de Beja]. Repositório Comum. <http://hdl.handle.net/10400.26/3957>
- Lopes, J. & Silva, H. (2009). *A Aprendizagem Cooperativa na Sala de Aula - um guia prático para o professor*. 1ª Edição. Lisboa: Lidel - Edições Técnicas.
- Matos, R. (2011). *Aprender a Cooperar, Cooperar para Aprender - O método Jigsaw em trabalhos de pares e/ou de grupo nas aulas de Língua Inglesa*. [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto]. Repositório Aberto. <https://hdl.handle.net/10216/78483>.
- Moreira, S. (2019). *Cooperar para o sucesso com Autonomia e Flexibilidade Curricular*. 1ª Edição. Lisboa: Pactor - Edições de Ciências Sociais, Forenses e da Educação.
- Neves, R. & Damiani, M. (2006). *Vygotsky e as teorias da aprendizagem*. UNIrevista - Vol. 1, nº 2.
- Niza, S. (1998). *A Organização Social do Trabalho de Aprendizagem no 1º Ciclo do Ensino Básico*. A organização social do trabalho de aprendizagem no 1º CEB, Inovação, 11.
- Pincho, J. (2016). *O envolvimento dos alunos do 1.º ciclo do ensino básico no processo de ensino-aprendizagem: O trabalho cooperativo*. [Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico de Setúbal]. Repositório Comum. <http://hdl.handle.net/10400.26/18598>

Rabello, E. & Passos, J. (n.d.). *Vygotsky e o desenvolvimento humano*. Retrieved October 12, 2021, from <http://www.josesilveira.com>

Sá, J. (2015). *A aprendizagem cooperativa: uma metodologia aplicada nas disciplinas de História e Geografia*. [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto]. Repositório Aberto. <https://hdl.handle.net/10216/80988>

Silva, H., Lopes, J. & Moreira, S. (2018). *Cooperar na Sala de Aula para o Sucesso*. 1ª Edição. Lisboa: Pactor - Edições de Ciências Sociais, Forenses e da Educação.

Silva, I., Veloso, A. & Keating, J. (2014). *Focus group: Considerações teóricas e metodológicas*. Revista Lusófona de Educação.

Apêndices

Apêndice 1 – Guião da entrevista à professora Cooperante

Tema: A Importância do Trabalho Cooperativo no Desenvolvimento de Aprendizagens

Objetivos gerais:

Recolher informações:

- Recolher dados acerca da professora e da sua formação e postura/atitude em sala de aula.
- Perceber qual a sua conceção acerca do trabalho cooperativo.
- Obter feedback acerca do (meu) trabalho desenvolvido.

Indicadores	Objetivos	Tópicos	Questões a colocar
Dados acerca da professora cooperante	Conhecer melhor a professora e o seu percurso profissional.	Formação. Informações e experiências profissionais.	<ol style="list-style-type: none">1. Onde se formou e como foi o seu curso (tempo, dinâmica).2. Há quantos anos trabalha na área?3. Há quantos anos trabalha nesta escola?4. Há quanto tempo trabalha com a turma?
			<ol style="list-style-type: none">5. Com que frequência incentiva as crianças a

Prática da professora e o que acha do trabalho cooperativo	Conhecer a percepção da professora face ao trabalho cooperativo.	<p>Perceber se a professora realiza um trabalho cooperativo com a turma.</p> <p>Entender qual a conceção da professora face ao assunto.</p> <p>Saber qual a opinião da professora sobre a estratégia de promover o desenvolvimento de aprendizagens através do trabalho em pares e/ou grupo.</p>	<p>trabalharemos com os colegas e a ajudarem-se? Porquê?</p> <p>6. Acha que esta estratégia de trabalho em grupo/pares facilita a aprendizagem? Porquê?</p> <p>7. O que pensa sobre o trabalho cooperativo?</p>
Gestão e relacionamento com a turma	<p>Caraterizar a relação professor-aluno.</p> <p>Caracterizar o comportamento dos alunos em grande e pequeno grupo.</p> <p>Compreender a dinâmica da turma e da sala.</p>	<p>Perceber como é a relação da professora com a turma.</p> <p>Perceber qual a abordagem da professora face ao comportamento da turma.</p> <p>Obter dados acerca do trabalho desenvolvido com a turma.</p> <p>Comportamentos e atitudes dos alunos em grande e pequeno grupo.</p>	<p>8. Como caracteriza a sua relação com a turma?</p> <p>9. Em relação ao comportamento dos alunos, como se relacionam quando trabalham em pequeno grupo (pares)? E em grande grupo?</p> <p>10. Qual considera ser o número ideal de alunos por grupo? Porquê?</p> <p>11. Considera que a dimensão dos grupos influencia o resultado das aprendizagens? Porquê?</p>
		Perceber como é que a professora gere os diferentes níveis de aprendizagem dos alunos.	<p>12. Como é que adapta as tarefas aos vários alunos?</p> <p>13. Que vantagens acha que este trabalho cooperativo possa trazer?</p>

Aprendizagens realizadas	Caraterizar os vários níveis de aprendizagem existentes na turma	<p>Papel do trabalho cooperativo no desenvolvimento dos alunos.</p> <p>Os prós e contras da cooperação em sala de aula e como método indutor do desenvolvimento de aprendizagens.</p>	<p>14. E que desvantagens terá o trabalho cooperativo?</p>
<p>Balanço do trabalho desenvolvido</p> <p>Dados Complementares</p>	<p>Receber feedback acerca do meu trabalho e da minha prestação.</p> <p>Ouvir o entrevistado e a dar-lhes oportunidade de acrescentar outras informações que considere pertinentes.</p> <p>Agradecer a disponibilidade e a sua participação.</p>	<p>Avaliar a minha postura durante o desenvolvimento das atividades.</p> <p>Compreender se as atividades propostas foram bem realizadas e adaptadas aos vários alunos da turma.</p> <p>Perceber se houve alguma mudança na turma com o desenvolvimento deste projeto.</p> <p>Sugestões, comentários, partilha de vivências.</p> <p>Agradecimentos.</p>	<p>15. Como acha que correu a dinamização das atividades?</p> <p>16. Como caracteriza a minha atitude face a turma?</p> <p>17. Observou o comportamento deles?</p> <p>18. Quais os contributos para a aprendizagem das crianças?</p> <p>19. Considera que este projeto foi relevante e importante para os alunos?</p> <p>20. E para si, achou que o projeto foi pertinente?</p> <p>21. Gostaria de acrescentar mais alguma informação que considere pertinente para o desenvolvimento e reflexão acerca deste projeto?</p> <p>22. Obrigada!</p>

**Apêndice 2 – Quadro das questões e respostas da professora cooperante
à entrevista realizada**

Questões colocadas	Respostas
1. Onde se formou e como foi o seu curso (tempo, dinâmica)?	“A minha formação inicial foram 3 anos no Piaget e mais 2 anos de formação complementar na ESE.”
2. Há quantos anos trabalha na área?	“24 anos.”
3. Há quantos anos trabalha nesta escola?	“Estou neste agrupamento há 4 anos.”
4. Há quanto tempo trabalha com a turma?	“É a primeira vez que estou com a turma, comecei em 2020.”
5. Com que frequência incentiva as crianças a trabalharem com os colegas e a ajudarem-se? Porquê?	“Neste momento é mais complicado por causa da pandemia, não é permitido... muitas vezes tinha a sala organizada em grupo, não tinha sempre a sala da mesma forma, dependia das turmas, umas funcionam bem em grupo e outras não. Ajustava às necessidades e dinâmica e o barulho da sala de aula. Nós temos que adaptar. Se os grupos forem homogêneos, é favorável o trabalho em grupo.”

<p>6. Acha que esta estratégia de trabalho em grupo/pares facilita a aprendizagem? Porquê?</p>	<p>“É favorável, porque se entreajudam. Há alguns que, por vezes, não se sentem tão integrados no grupo e os colegas podem ajudar. Cada grupo é um grupo e nós temos de nos adaptar.”</p>
<p>7. O que pensa sobre o trabalho cooperativo?</p>	<p>“É importante e muitas vezes eles ajudam, a linguagem deles é facilitadora da compreensão uns com os outros. Às vezes nós estamos a explicar e não chegamos a lado nenhum, mas eles uns entre os outros conseguem.”</p>
<p>8. Como caracteriza a sua relação com a turma?</p>	<p>“Eu acho que tenho uma boa relação com eles, apesar de tudo consigo chegar a todos eles, de uma maneira ou de outra. Não vejo que haja alguma relação conflituosa e eu também tento não criar conflito e atrito. São todos diferentes e tento respeitar essa diferença.”</p>
<p>9. Em relação ao comportamento dos alunos, como se relacionam quando trabalham em pequeno grupo (pares)? E em grande grupo?</p>	<p>“Temos que ter em atenção que eles não estão muito habituados e rotinados a trabalhar em grupo, e trabalhar em grupo também se aprende. Eles precisam de trabalhar em grupo para aprender a trabalhar em grupo. Se há uns que têm mais facilidade em fazê-lo, há outros que não sabem.”</p>

<p>10. Qual considera ser o número ideal de alunos por grupo?</p> <p>Considera que a dimensão dos grupos influencia o resultado das aprendizagens? Porquê?</p>	<p>“Não há um número ideal, depende da tarefa. Há tarefas em que podem estar mais alunos, outras menos. Tem que se adequar o grupo à tarefa.”</p>
<p>11. Como é que adapta as tarefas aos vários alunos?</p>	<p>“Se eles no final têm de atingir todos o mesmo objetivo, eu deixei de diferenciar a nível de trabalho, só faço diferenciação nas fichas de avaliação, pois estão previstas no artigo 54 e é possível. A nível do trabalho diário explico de várias formas para conseguir chegar a todos. Dou mais tempo àqueles que precisam, é aí que tento adequar e altero a estratégia. O trabalho é igual para todos porque eles têm de chegar ao fim. Até para a motivação do aluno, ficam mais motivados se tiverem a mesma tarefa e, mesmo que seja com a minha ajuda, eles conseguem atingir o objetivo, do que se tiverem sempre trabalho diferenciado, aí distingui-os logo. Senão sentem-se frustrados e pensam “nunca consigo fazer o trabalho do meu amigo” É uma forma de os motivar.”</p>
	<p>“Motivação acima de tudo, porque se trabalharem em conjunto vão se ajudar. Aqui estão em mesas duplas (...) e nota-se, tentei sentá-los estrategicamente para</p>

<p>12. Que vantagens acha que este trabalho cooperativo possa trazer?</p>	<p>se ajudarem mutuamente. Consigo ter este pensamento agora porque neste momento já conheço a turma e no início do ano não.”</p>
<p>13. E que desvantagens terá o trabalho cooperativo?</p>	<p>“Às vezes, quando eles não gostam de trabalhar acabam por se encostar um bocadinho ao vizinho do lado, não puxando tanto por eles próprios. É mais por aí, mas também não há muito a fazer porque sozinhos também não fariam nada.”</p>
<p>14. Como acha que correu a dinamização das atividades?</p>	<p>“Foram atividades que fez com que refletissem, que pensassem sobre um determinado assunto. Eles precisam de refletir e pensar, é importante descobrirem porque é que o caminho é aquele. As atividades foram boas, mas como eles não estão habituados, algumas atividades podem não ter o efeito pretendido, porque depois eles não conseguem refletir.”</p>
<p>15. Como caracteriza a minha atitude face a turma?</p>	<p>“Eu acho que estive bem, a turma tem alguma dificuldade em corresponder ao que lhes pedimos e às nossas expetativas. Eles estão habituados a videojogos e vivem fechados no mundo deles. Sempre que têm de estar parados e esperar não conseguem, têm de estar ativos e de ter sempre um estímulo. Na sala isso é muito</p>

	notório porque têm de estar mais quietos e sentados.”
16. Observou o comportamento deles?	“É difícil mantê-los focados “sem nada”. Os focos de mau comportamento mantinham-se, independentemente das atividades.”
17. Quais os contributos para a aprendizagem das crianças?	“Aperceberem-se da importância de se ajudarem uns aos outros, de se respeitarem.”
18. Considera que este projeto foi relevante e importante para os alunos?	“Eu penso que foi relevante, apesar do pouco tempo, mas de qualquer forma é sempre importante. “
19. E para si, achou que o projeto foi pertinente?	“Foi bom para desmistificar a situação do COVID, dar-vos abertura para trabalhar foi bom. Voltaria a repetir. É bom para mim porque há sempre coisas novas e o cansaço do fim do período e do COVID é notório e a vossa presença foi muito boa.”

Apêndice 3 – Guião de entrevista às crianças

Objetivos gerais:

Recolher informações:

- Conhecer o grupo – socialização, cooperação, respeito.
- Conhecer as conceções dos alunos acerca do trabalho cooperativo, questionando se conhecem que tipo de atividades promovem o trabalho cooperativo.
- Receber feedback acerca do trabalho desenvolvido.

Indicadores	Objetivos	Tópicos	Questões a colocar
<p>Apresentação do entrevistador e dos entrevistados.</p> <p>Explicação acerca do tema da entrevista</p>	<p>Cativar os entrevistados, colocando-os à vontade.</p> <p>Apresentar o tema da entrevista.</p>	<p>Explicar-lhes quais os meus objetivos ao entrevistá-los</p> <p>Justificar a realização da entrevista (o porquê de ter decidido realizá-la).</p>	<ol style="list-style-type: none">1. Como sabem eu estou a estudar para ser Professora e Educadora de Infância e, além das atividades que vamos realizando, eu estou a focar-me no meu projeto acerca do trabalho em conjunto como vocês já disseram numa das atividades.2. Esta entrevista servirá para perceber em que pontos o meu trabalho poderá, ou não, ter influenciado a vossa perspetiva (ideia) acerca do trabalho em equipa3. Irei fazer-vos algumas questões e peço que

			sejam sinceros e que digam o que sentem.
O trabalho cooperativo – ideias das crianças	<p>Conhecer as suas concepções acerca do trabalho cooperativo.</p> <p>Compreender a influencia das relações no desenvolvimento das atividades.</p> <p>Perceber se as atividades realizadas influenciaram a dinâmica da turma.</p> <p>Obter um feedback acerca do trabalho desenvolvido.</p>	<p>Entender o que sentiram ao trabalhar em grupos e /ou pares.</p> <p>Perceber se compreenderam a importância do trabalho cooperativo.</p>	<p>4. O que pensam acerca do trabalho cooperativo?</p> <p>5. Aham que, como turma, têm uma relação que facilite as aprendizagens realizadas? Porquê?</p> <p>6. Consideram que as atividades realizadas teriam corrido melhor se as tivessem realizado sozinhos? Ou em grupo/pares foi mais positivo? Porquê?</p> <p>7. Aham que esta estratégia de trabalho em grupo/pares facilita a aprendizagem? Porquê?</p> <p>8. Agora que já conheceram o trabalho cooperativo, através das tarefas que dinamizámos, acham que antes já realizavam um trabalho cooperativo? Porquê?</p>
<p>Balanco do trabalho desenvolvido</p> <p>Dados Complementares</p>	<p>Receber feedback acerca do meu trabalho e da minha prestação.</p> <p>Ouvir os entrevistados e dar-lhes oportunidade de acrescentarem outras informações que considere pertinentes.</p> <p>Agradecer a disponibilidade e a sua participação.</p>	<p>Avaliar a minha postura durante o desenvolvimento das atividades.</p> <p>Compreender se as atividades propostas foram bem realizadas e adaptadas aos vários alunos da turma.</p> <p>Sugestões, comentários, partilha de vivências.</p> <p>Agradecimentos.</p>	<p>9. Como avaliam a minha intervenção na vossa turma?</p> <p>10. Aham que foi relevante e importante para vocês, realizarem a maioria das tarefas a pares ou em grupo?</p> <p>11. Obrigada pela vossa participação, é muito importante para mim!</p>

Apêndice 4 – Quadro das questões e respostas das crianças à entrevista realizada

Questões colocadas	Respostas
<p align="center">1. O que pensam acerca do trabalho cooperativo?</p>	<p>M: “Acho que é bom, todas as atividades foram boas.”</p> <p>V: “É algo que interessa muito, porque às vezes não temos muito conhecimento sobre as coisas que podem acontecer. Aprender sobre o trabalho cooperativo é bom porque ajudamo-nos uns aos outros. Temos de trabalhar com as outras pessoas.”</p> <p>J: “Eu acho que esse trabalho foi muito bom para nós entendermos a opinião das pessoas. Trabalhar em equipa e respeitarmo-nos uns aos outros é muito certo.”</p> <p>Y: “O trabalho em equipa vai sempre ajudar-nos na vida, porque há momentos em que nós não vamos conseguir fazer algo sozinhos e precisamos de alguém. O trabalho em equipa foi uma ideia muito boa para nós também treinarmos o estudo e perceber que vamos sempre precisar de alguém.”</p>

<p>2. Acham que, como turma, têm uma relação que facilite as aprendizagens realizadas? Porquê?</p>	<p>M: “Eu acho que o que o Y está certo. Porque eu tenho o meu grupo e vou sempre lidar mais com eles.”</p> <p>V: “Sim, nós ajudamo-nos uns aos outros.”</p> <p>J: “É isso, eu concordo que devemos sempre ajudar o colega e dar-lhes confiança.”</p> <p>Y: “Acho que sim, mas, as pessoas com quem temos mais contacto vai ser sempre mais fácil de lidar. Uma pessoa a quem eu não seja tão chegado eu não vou dar-me tanto. Num trabalho em equipa eu vou lidar melhor com alguém que conheça melhor, porque a relação facilita o trabalho em equipa.”</p>
<p>3. Consideram que as atividades realizadas teriam corrido melhor se as tivessem realizado sozinhos? Ou em grupo/pares foi mais positivo? Porquê?</p>	<p>Y: “Eu acho que não, porque para trabalhar em equipa é preciso aprender, e se trabalharmos em grupo ou dupla vai sempre mais fácil. Se dá para aprender as matérias sozinho? Dá, mas, em grupo, sendo que é um trabalho em cooperação vai ser melhor.”</p> <p>M, V, J: <i>(concordaram)</i></p>
	<p>M: “Sim, porque ajudamo-nos.”</p>

<p>4. Acham que esta estratégia de trabalho em grupo/pares facilita a aprendizagem? Porquê?</p>	<p>V: “Eu acho que sim, porque há gente que tem mais dificuldade e assim nós conseguimos ajudar. Temos de tentar cooperar e as atividades que fizemos, por exemplo, interpretar os textos, era muito bom.”</p> <p>J: “Eu acho que sim, porque quando temos dúvidas de alguma coisa, por exemplo, a Banda Desenhada, o R era a minha equipa, eu estava com uma dúvida e ele ajudou-me. Se ele não estivesse comigo eu não entenderia.”</p> <p>Y: “Eu não gosto muito de trabalhar em equipa, eu sou uma pessoa que se puder escolher prefiro fazer sozinho porque alguém pode atrasar-me. Mas, eu gosto muito de ajudar, mas prefiro fazer desportos. Focado em estudo prefiro sozinho, mas, mesmo assim, acho que ajudou muito.”</p>
<p>5. Agora que já conheceram o trabalho cooperativo, através das tarefas que dinamizámos, acham que antes já realizavam um trabalho cooperativo? Porquê?</p>	<p>M: “Nós não éramos muito amigos uns dos outros, quando comecei a dar-me mais com os colegas e a trabalhar em equipa foi mais fácil.”</p> <p>V: “O que aconteceu foi que trabalhámos tanto em equipa que até esquecemos o que era trabalhar sozinhos. Gostámos</p>

	<p>muito e já estávamos habituados. Agora entendemos o que é e estamos mais a cooperar um com o outro.”</p> <p>J: “Quando tu e a A (colega de estágio) chegaram eu achei muito inspirador, tiveram vontade de nos ensinar a trabalhar em equipa e foi muito divertido mesmo que fosse a dar matéria. Aprendemos muita coisa, a respeitar um ao outro, a opinião. Quando era as votações, eu achei muito interessante e vi as diferenças de quando vocês não estavam cá. Nós não trabalhávamos em grupos, só em pares.”</p> <p>“Não é só o trabalho em equipa, é também a animação, tudo o que fazemos em Estudo do Meio, Matemática era mais divertido de aprender.”</p> <p>Y: “O trabalho em equipa nós fazemos muitas vezes, mas, assim que chegaste começámos a praticar e a entender melhor o que é trabalho em equipa. Dantes praticávamos, mas não percebíamos. Agora já sabemos mais sobre isso e aprendemos melhor. Vocês davam uma dinâmica diferente.”</p>
	<p>M: “Gostei muito porque foi fixe.”</p>

<p>6. Como avaliam a minha intervenção na vossa turma?</p>	<p>V: “Foi muito boa, ajudou a prestarmos mais atenção e estudar. Era muito bom porque às vezes falávamos sobre um tema durante 2 horas (<i>os outros concordaram</i>), em vez de dares um empurrão para olharmos só para o livro.”</p> <p>J: “Eu às vezes tinha dúvidas e tu ajudaste muito. Tu e a A (colega de estágio) colocaram-se no nosso lugar como crianças e perceberam como poderíamos aprender mais.”</p> <p>Y: “A sua intervenção na turma foi muito boa, porque ajudou muitos meninos com dificuldades. A maneira como ensinavas era diferente, conseguimos entender melhor as coisas.”</p>
<p>7. Acham que foi relevante e importante para vocês, realizarem a maioria das tarefas a pares ou em grupo?</p>	<p>V: “Foi muito bom, já temos saudades.”</p> <p>J: “Quando vocês saíram mudou tudo e percebemos que era muito importante trabalhar com os colegas. Fiquei com mais vontade de estudar e querer ser melhor.”</p> <p>M e Y: (<i>concordaram</i>)</p>

Apêndice 5 – Grelhas de autoavaliação do trabalho desenvolvido

Grelhas de autoavaliação do trabalho desenvolvido

Comportamentos e atitudes	5/6 vezes	3/4 vezes	0/2 vezes	Pontos Fortes (o que devo manter)
Participei ativamente na atividade				
Colaborei com os meus colegas				
Cumpri as regras de sala de aula				
Respeitei as ideias do outro				
Mostrei interesse sempre que um colega intervinha				Pontos Fracos (o que devo melhorar)
Expus a minha opinião quando devia				
Cativei os meus colegas				
Dialoguei e debati acerca das ideias dos meus colegas				
Ouvi a opinião dos meus colegas				
Estratégias que devo adotar:				O que achei desta atividade:

Apêndice 6 – Grelha de observação do comportamento e participação dos alunos

Grelha de observação

Turma: 3ºB

Tarefa: _____

Nome																				
Indicadores																				
Participa ativamente na atividade.																				
Respeita as ideias do outro.																				
Colabora com os meus colegas.																				
Exprime a sua opinião.																				
Mostra interesse sempre que um colega intervém.																				
Ouve e respeita a opinião dos colegas.																				
Dialoga e debate acerca das ideias dos meus colegas																				
Observações																				

Legenda: MV (muitas vezes), AV (às vezes), PV (poucas vezes)

Apêndice 7 – Grelha de avaliação da leitura

AVALIAÇÃO DA LEITURA – Mês de Abril

[illegible]

Apêndice 8 – Grelha de avaliação do comportamento

AVALIAÇÃO DO COMPORTAMENTO – Mês de Abril

[illegible]

Apêndice 9 – Grelha de verificação dos trabalhos de casa

TRABALHOS DE CASA – Mês de Abril

[illegible]

Apêndice 10 – Organização da sala de aula





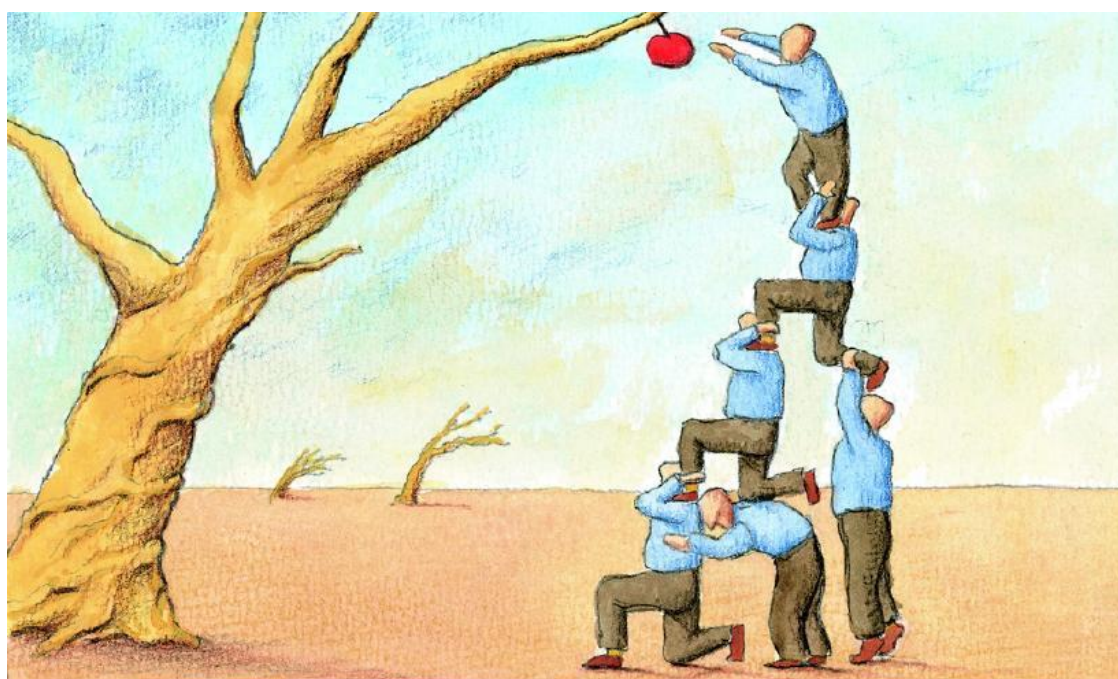
Apêndice 11 – Atividade “vamos falar sobre cooperação” (imagens utilizadas)



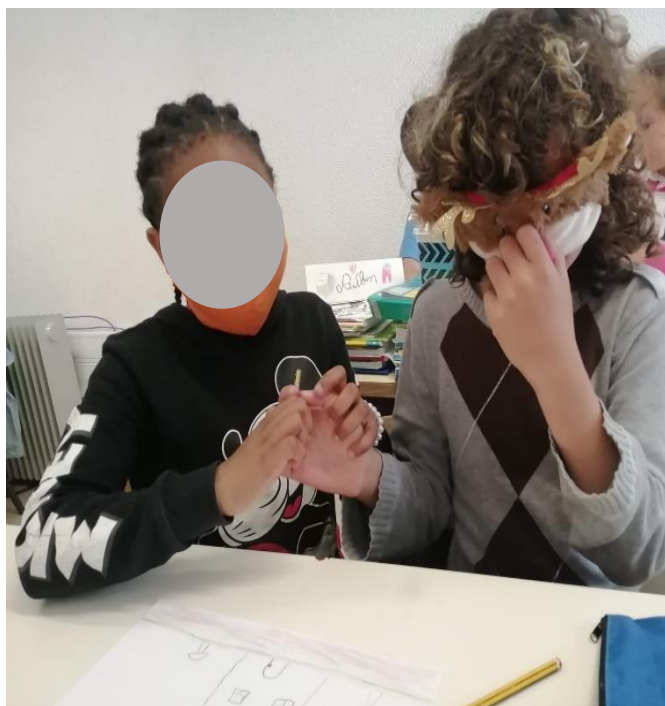




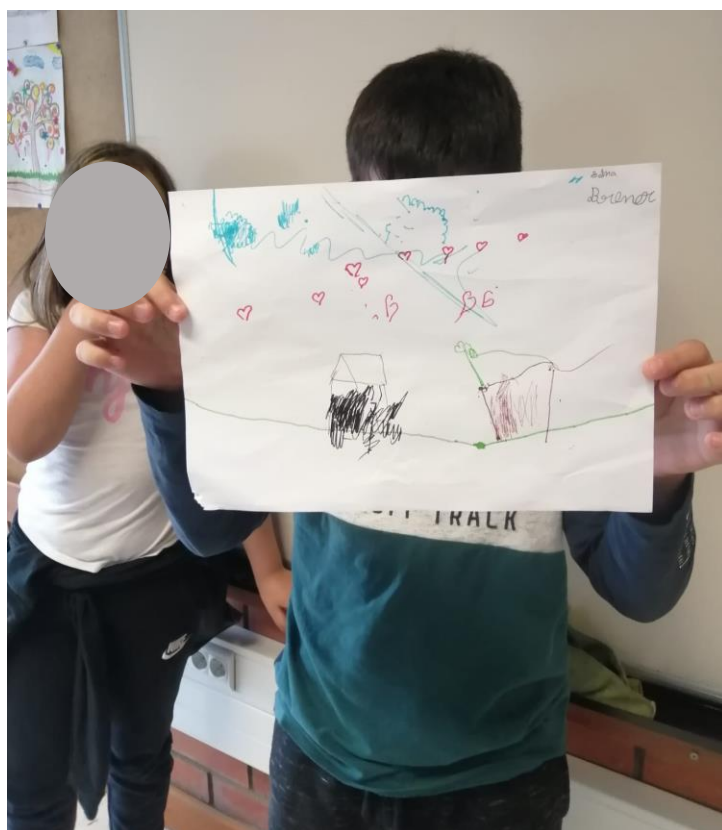
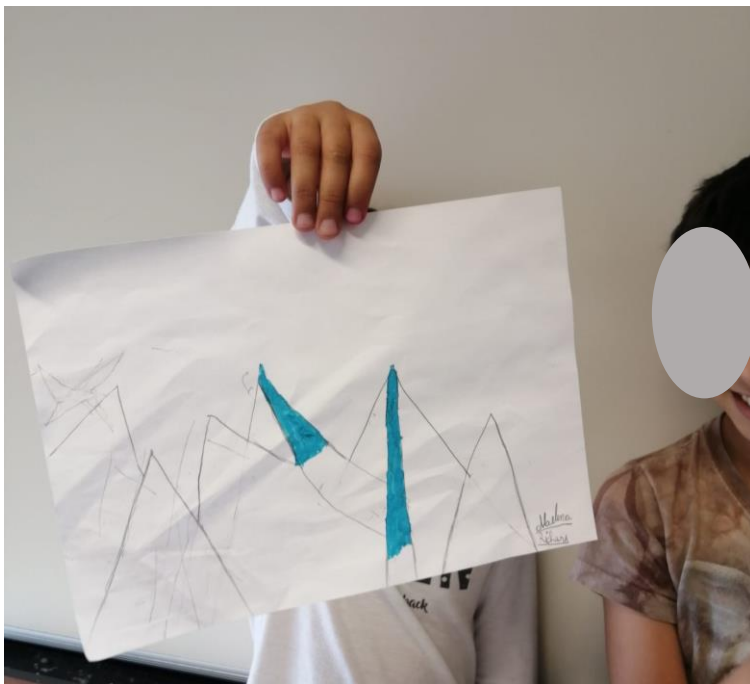
Imagem escolhida para o cartaz



Apêndice 12 – Atividade “desenho às cegas”



Apêndice 13 – Atividade “desenho às cegas” (produções dos alunos)

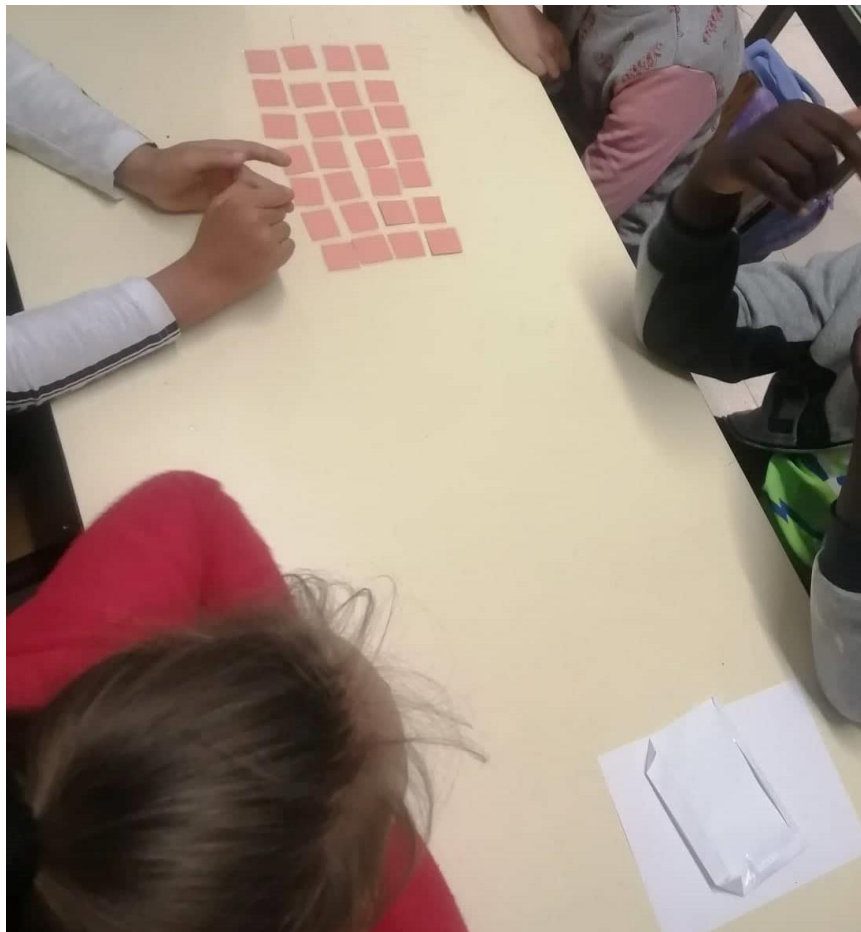


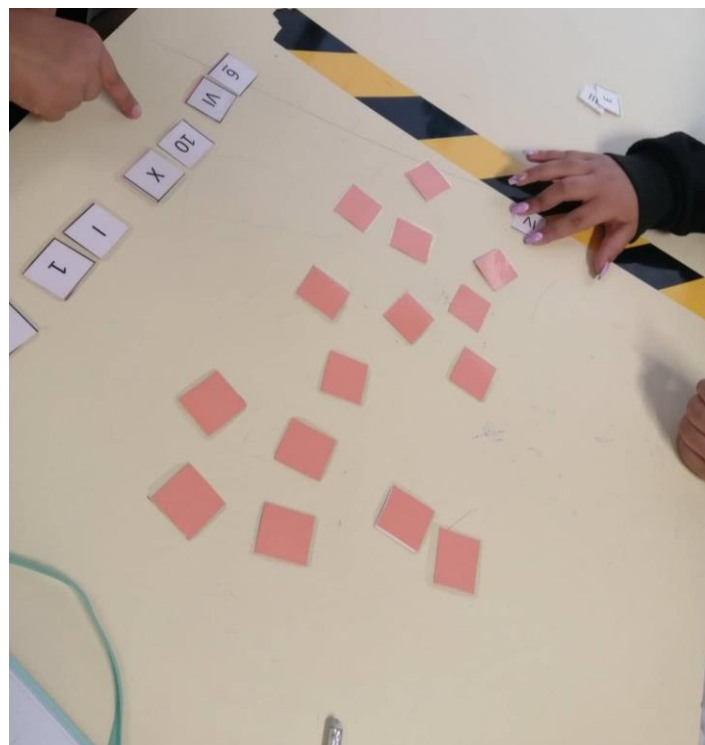
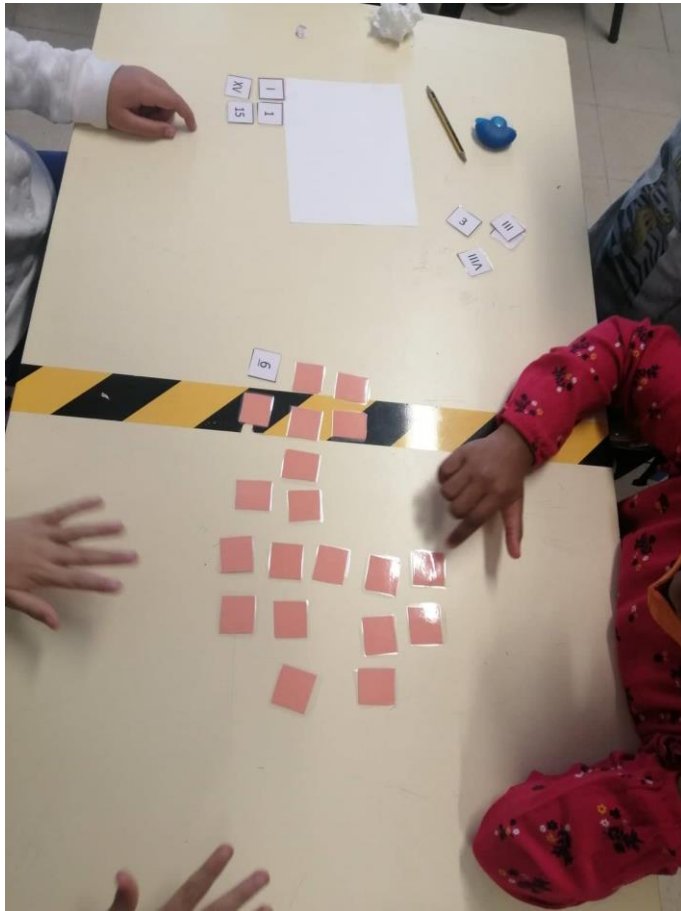
Apêndice 14 – Atividade “vamos fazer um cartaz”





Apêndice 15 – Atividade “jogo da memória”









Apêndice 16 – Atividade “jogo Kula” (organização da turma)



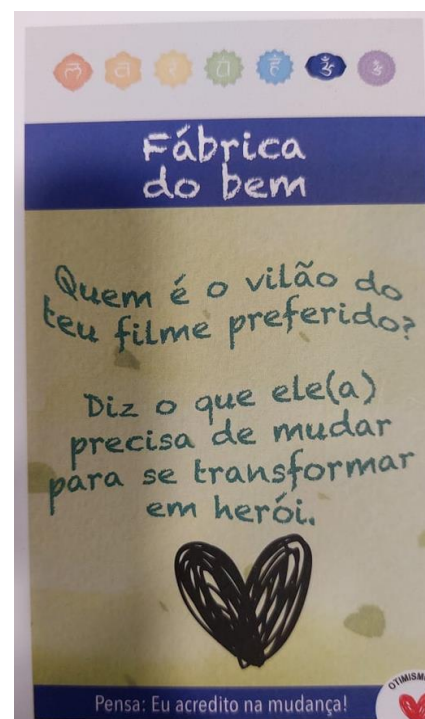
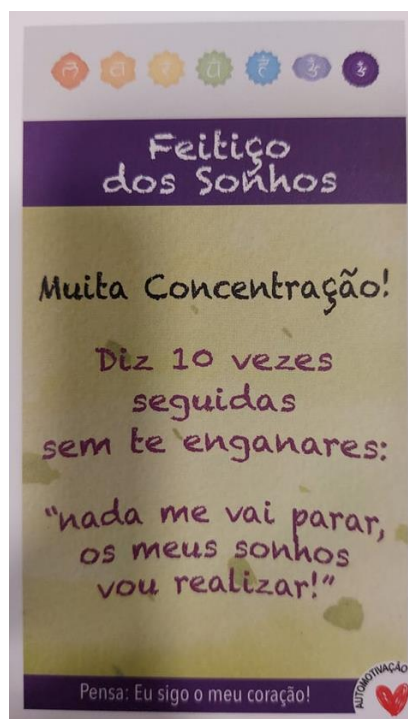
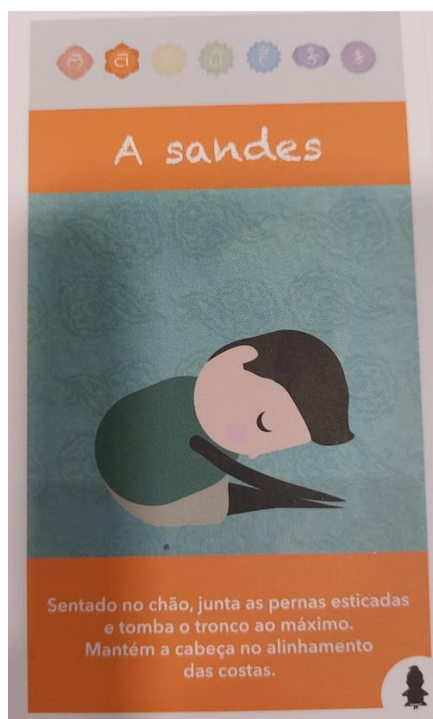
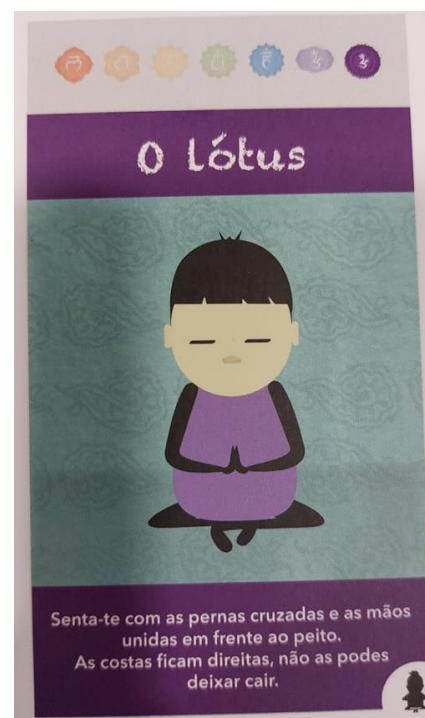


Apêndice 17 – Atividade “jogo Kula” (resultados do jogo)

Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
		

Grupo 4	Grupo 5
	

Apêndice 18 – Atividade “jogo Kula” (exemplares de cartas utilizadas)



Apêndice 19 – Grelhas de autoavaliação do trabalho desenvolvidos preenchidas pelos alunos (03.05)

IPS INSTITUTO PORTUGUÊS DE SAÚDE

Grelhas de autoavaliação do trabalho desenvolvido

Comportamentos e atitudes	5/6 vezes	3/4 vezes	0/2 vezes	Pontos Fortes (o que devo manter)
Particpei ativamente na atividade		X		não falar e estar em atenção
Colaborei com os meus colegas		X		
Cumpri as regras de sala de aula		X		
Respeitei as ideias do outro	X			Pontos Fracos (o que devo melhorar)
Mostrei interesse sempre que um colega intervinha	X			
Expus a minha opinião quando devia	X			
Cativei os meus colegas		X		
Dialoguei e debati acerca das ideias dos meus colegas		X		
Ouvi a opinião dos meus colegas	X			Participar mais
Estratégias que devo adotar:				O que achei desta atividade: muito giro porque é uma atividade um pouco diferente

Grelhas de autoavaliação do trabalho desenvolvido

Comportamentos e atitudes	5/6 vezes	3/4 vezes	0/2 vezes	Pontos Fortes (o que devo manter)
Particpei ativamente na atividade	X			Zurteichon muito nas aula
Colaborei com os meus colegas		X		
Cumpri as regras de sala de aula	X	X		
Respeitei as ideias do outro	X			
Mostrei interesse sempre que um colega intervinha		X		Pontos Fracos (o que devo melhorar)
Expus a minha opinião quando devia	X	X		
Cativei os meus colegas	X			
Dialoguei e debati acerca das ideias dos meus colegas	X			
Ouvi a opinião dos meus colegas	X			
Estratégias que devo adotar:				O que achei desta atividade:
Eu tenho que falar menos e ouvir mais e fazer menos gestos.				Eu achei a atividade muito boa porque eu aprendi significativamente sobre o trabalho em grupo.

Grelhas de autoavaliação do trabalho desenvolvido

Comportamentos e atitudes	5/6 vezes	3/4 vezes	0/2 vezes	Pontos Fortes (o que devo manter)
Participei ativamente na atividade		X		for o deda meu dizer a minha opiniã e ouvir os meus colegas
Colaborei com os meus colegas		X		
Cumpri as regras de sala de aula		X		
Respeitei as ideias do outro			X	
Mostrei interesse sempre que um colega intervinha		X		Pontos Fracos (o que devo melhorar)
Expus a minha opinião quando devia		X		
Cativei os meus colegas			X	
Dialoguei e debati acerca das ideias dos meus colegas		X		
Ouvi a opinião dos meus colegas		X		<p>ter de falar com os meus colegas e não me deixar falar sozinho</p>
<p>estratégias que devo adotar: Não me deixar para a frente fazer mais coisas em grupo</p>				<p>O que achei desta atividade: Eu gostei muito da atividade porque falei de uma coisa que gosto que é a mexican</p>

Grelhas de autoavaliação do trabalho desenvolvido

Comportamentos e atitudes	5/6 vezes	3/4 vezes	0/2 vezes	Pontos Fortes (o que devo manter)
Participei ativamente na atividade	X			Devo manter meu comporta- to e falar quando tenho dúvida para não irritar colegas que têm nervosismo.
Colaborei com os meus colegas	X			
Cumpri as regras de sala de aula		X		
Respeitei as ideias do outro	X			Pontos Fracos (o que devo melhorar)
Mostrei interesse sempre que um colega intervinha	X			
Expus a minha opinião quando devia		X		Falar quando não devia e falar com os meus colegas.
Cativei os meus colegas	X			
Dialoguei e debati acerca das ideias dos meus colegas	X			
Ouvi a opinião dos meus colegas	X			

Estratégias que devo adotar: <p>Falar menos com os colegas e falar quando disserem para mim falar.</p>	O que achei desta atividade: <p>Eu gostei da atividade porque eu posso avaliar o meu compor- tamento e colocar a minha opinião.</p>
--	---

Apêndice 20 – Grelhas de autoavaliação do trabalho desenvolvidos preenchidas pelos alunos (18.05)

IPS Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Grelhas de autoavaliação do trabalho desenvolvido

Comportamentos e atitudes	5/6 vezes	3/4 vezes	0/2 vezes	Pontos Fortes (o que devo manter)
Particpei ativamente na atividade	X			Responder na hora direita.
Colaborei com os meus colegas		X		
Cumpri as regras de sala de aula		X		
Respeitei as ideias do outro	X			
Mostrei interesse sempre que um colega intervinha	X			Pontos Fracos (o que devo melhorar)
Expus a minha opinião quando devia	X			
Cativei os meus colegas	X			
Dialoguei e debati acerca das ideias dos meus colegas	X			
Ouvi a opinião dos meus colegas	X			
Estratégias que devo adotar: Não ficar olhando para as pessoas e ora a gemer, fechar o caderno de desenho e quando o professor pedir para eu me dirigir lá vou passar a aula inteira sentando direito.				O que achei desta atividade: ótima porque é giro de ouvir o que as pessoas se sentiram.

Grelhas de autoavaliação do trabalho desenvolvido

Comportamentos e atitudes	5/6 vezes	3/4 vezes	0/2 vezes	Pontos Fortes (o que devo manter)
Particpei ativamente na atividade	X			Tudo...
Colaborei com os meus colegas	X			
Cumpri as regras de sala de aula	X			
Respeitei as ideias do outro	X			
Mostrei interesse sempre que um colega intervinha	X			Pontos Fracos (o que devo melhorar)
Expus a minha opinião quando devia	X			
Cativei os meus colegas	X			
Dialoguei e debati acerca das ideias dos meus colegas	X			
Ouvi a opinião dos meus colegas	X			
Estratégias que devo adotar:				O que achei desta atividade:
<p>Passar de rir com meu colega ao lado e conversar.</p>				<p>Achei divertido e interessante porque eu aprendi muito! com equipe clara.</p>

Grelhas de autoavaliação do trabalho desenvolvido

Comportamentos e atitudes	5/6 vezes	3/4 vezes	0/2 vezes	Pontos Fortes (o que devo manter)
Particpei ativamente na atividade	<input checked="" type="checkbox"/>			Participar das atividades e expressar minha opinião.
Colaborei com os meus colegas	<input checked="" type="checkbox"/>			
Cumpri as regras de sala de aula		<input checked="" type="checkbox"/>		
Respeitei as ideias do outro	<input checked="" type="checkbox"/>			
Mostrei interesse sempre que um colega intervinha	<input checked="" type="checkbox"/>			Pontos Fracos (o que devo melhorar)
Expus a minha opinião quando devia	<input checked="" type="checkbox"/>			
Cativei os meus colegas	<input checked="" type="checkbox"/>			
Dialoguei e debati acerca das ideias dos meus colegas	<input checked="" type="checkbox"/>			
Ouvi a opinião dos meus colegas	<input checked="" type="checkbox"/>			Conversar mais e levantar mais.
Estratégias que devo adotar:				O que achei desta atividade:
Não conversar e não rir por trás.				Achei muito legal porque cada um dos colegas pode falar a sua opinião.

Grelhas de autoavaliação do trabalho desenvolvido

Comportamentos e atitudes	5/6 vezes	3/4 vezes	0/2 vezes	Pontos Fortes (o que devo manter)
Particpei ativamente na atividade	X			<ul style="list-style-type: none"> • Imaginação; • Participar.
Colaborei com os meus colegas	X			
Cumpri as regras de sala de aula	X			
Respeitei as ideias do outro	X			
Mostrei interesse sempre que um colega intervinha	X			<p>Pontos Fracos (o que devo melhorar)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Postura
Expus a minha opinião quando devia	X			
Cativei os meus colegas	X			
Dialoguei e debati acerca das ideias dos meus colegas	X			
Ouvi a opinião dos meus colegas	X			
<p>Estratégias que devo adotar:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sentar-me direito. 				<p>O que achei desta atividade:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Eu adorei esta atividade porque foi com que eu entenda e os outros também que nós devemos cooperar e respeitar-nos.

Apêndice 21 – Grelhas de autoavaliação do trabalho desenvolvidos preenchidas pelos alunos (02.06)

IPS Instituto Português de Sintra

Grelhas de autoavaliação do trabalho desenvolvido

Comportamentos e atitudes	5/6 vezes	3/4 vezes	0/2 vezes	Pontos Fortes (o que devo manter)
Participei ativamente na atividade	X			Respeitar meus colegas e participar sempre nas atividades
Colaborei com os meus colegas	X			
Cumpri as regras de sala de aula	X			
Respeitei as ideias do outro	X			
Mostrei interesse sempre que um colega intervinha	X			Pontos Fracos (o que devo melhorar)
Expus a minha opinião quando devia	X			Nenhum
Cativei os meus colegas	X			
Dialoguei e debati acerca das ideias dos meus colegas	X			
Ouvi a opinião dos meus colegas	X			
Estratégias que devo adotar:				O que achei desta atividade:
Respeitar meus colegas e participar sempre nas atividades				Achei a atividade muito legal porque o jogo nos ensinou muitas coisas e nos deu um desafio muito bom para nós sermos melhores.

Data: / /

Grelhas de autoavaliação do trabalho desenvolvido

Comportamentos e atitudes	5/6 vezes	3/4 vezes	0/2 vezes	Pontos Fortes (o que devo manter)
Participei ativamente na atividade	X	X		<ul style="list-style-type: none"> • A interação • A participação
Colaborei com os meus colegas	X			
Cumpri as regras de sala de aula	X			
Respeitei as ideias do outro	X			
Mostrei interesse sempre que um colega intervinha	X			
Expus a minha opinião quando devia	X			Pontos Fracos (o que devo melhorar)
Catvei os meus colegas	X			<ul style="list-style-type: none"> • A conversa
Dialoguei e debati acerca das ideias dos meus colegas	X			
Ouvi a opinião dos meus colegas	X			
Estratégias que devo adotar:				O que achei desta atividade:
<p>A interação e participação</p>				<p>Eu achei uma boa atividade porque faz com que saibamos trabalhar em equipa.</p>

Grelhas de autoavaliação do trabalho desenvolvido

Comportamentos e atitudes	5/6 vezes	3/4 vezes	0/2 vezes	Pontos Fortes (o que devo manter)
Participei ativamente na atividade	X			A União em equipa
Colaborei com os meus colegas	X			
Cumpri as regras de sala de aula	X			
Respeitei as ideias do outro	X			
Mostrei interesse sempre que um colega intervinha	X			Pontos Fracos (o que devo melhorar)
Expus a minha opinião quando devia	X			
Cativei os meus colegas	X			
Dialoguei e debati acerca das ideias dos meus colegas	X			
Ouvi a opinião dos meus colegas	X			O equilíbrio

<p>Estratégias que devo adotar: O equilíbrio.</p>	<p>O que achei desta atividade: Muito diferente e interessante. Eu amei também porque tive a companhia dos meus colegas e das professoras.</p>
---	--

Apêndice 22 – Grelha de observação do trabalho desenvolvido preenchida pela estagiária (03.05)

Participa ativamente na atividade.	AV	PV	AV	AV	PV
Respeita as ideias do outro.	AV	AV	AV	AV	AV
Colabora com os meus colegas.	PV	PV	PV	PV	PV
Exprime a sua opinião.	PV	PV	PV	PV	PV
Mostra interesse sempre que um colega intervém.	AV	PV	AV	AV	PV
Ouve e respeita a opinião dos colegas.	AV	AV	AV	AV	AV
Dialoga e debate acerca das ideias dos meus colegas	PV	PV	PV	PV	PV
Observações	<p>Legenda: MV (muitas vezes), AV (às vezes), PV (poucas vezes)</p>				

Apêndice 23 – Grelha de observação do trabalho desenvolvido preenchida pela estagiária (12-05)

Participa ativamente na atividade.	MV	MV	MV	MV	AV	MV	MV	AV	AV	MV	MV	MV	MV	MV	MV	MV	MV	AV	MV	MV	MV	
Respeita as ideias do outro.	AV	AV	AV	MV	MV	MV	MV	MV	AV	MV	AV	AV	AV	MV	MV	MV	MV	AV	AV			
Colabora com os meus colegas.	MV	MV	MV	AV	MV	MV	AV	AV	MV	AV	AV	AV	AV	MV	AV	MV	MV	AV	AV			
Exprime a sua opinião.	AV	AV	AV	AV	MV	MV	PV	PV	MV	PV	PV	AV	PV	MV	AV	MV	MV	AV	AV			
Mostra interesse sempre que um colega intervém.	MV	AV	AV	AV	MV	MV	AV	AV	AV	AV	AV	AV	AV	MV	AV	MV	MV	AV	AV			
Ouve e respeita a opinião dos colegas.	AV	AV	AV	MV	MV	MV	AV	AV	AV	AV	AV	AV	AV	MV	MV	MV	MV	AV	AV			
Dialoga e debate acerca das ideias dos meus colegas	AV	AV	AV	AV	AV	MV	PV	PV	MV	PV	PV	AV	AV	MV	AV	MV	MV	AV	AV			
Observações	<p>As crianças receberam muito bem as minhas instruções para o enfeitado do bolo. Além do mais, divertiram-se e tiveram um momento muito feliz.</p> <p>Legenda: MV (muitas vezes), AV (às vezes), PV (poucas vezes)</p>																					

Apêndice 24 – Grelha de observação do trabalho desenvolvido preenchida pela estagiária (18.05)

Participa ativamente na atividade.	PV
Respeita as ideias do outro.	AV
Colabora com os meus colegas.	MV
Exprime a sua opinião.	PV
Mostra interesse sempre que um colega intervém.	AV
Ouve e respeita a opinião dos colegas.	AV
Dialoga e debate acerca das ideias dos meus colegas	PV
Observações	<p>Devido a atividade, os alunos auxiliam - os uns aos outros, confiam nas indicações que os colegas tem dando</p> <p>Legenda: MV (muitas vezes), AV (às vezes), PV (poucas vezes)</p>

